

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL



ANO III

Nº 27

ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRASIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETÁRIO: Elísio de Campos — EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

N.º 27

15 de Janeiro de 1918

SUMÁRIO

<i>Ramalho Ortigão e o amor das nossas cousas</i>	Jaime de Magalhães Lima
<i>Soneto</i>	} Afonso Duarte
<i>O meu romântico</i>	
<i>O Pintor António Parreiras</i>	José Severiano de Rezende
<i>O Eterno Retôrno e Optimismo de Nietzsche</i>	Raul Proença
<i>De Jornada</i>	Nuno Simões
<i>Vozes do Outono</i> (Trad. do chinês).....	Camilo Pessanha
<i>Impressões dos Bailados Russos</i>	Manuel de Sousa Pinto
<i>A rotina e o trabalho scientificamente organizado — O Taylorismo</i>	Fernando de Vasconcellos
<i>Poemas</i>	João de Barros
<i>Influência das agitações políticas na evolução do ensino popular</i>	João de Deus Ramos
<i>Excerpto duma carta</i>	Antonio Carneiro

REVISTA DO MÊS

<i>A ronda dos meses no meu país de tradições e romarias</i>	Raimundo Esteves
<i>Crónica literária</i>	Nuno Simões
<i>Música</i>	A. J.

NOTÍCIAS & COMENTARIOS.

Desenhos de: Moraes, Raul Lino, Santos Silva e Almada Negreiros.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 numeros)..... 3\$50

Seis meses..... 1\$80

PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

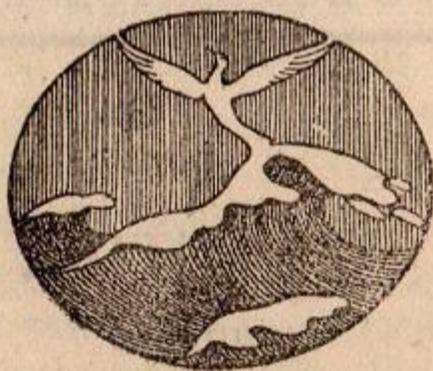
Um ano (12 numeros)..... Frs. 15

Número avulso em Portugal \$30

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 26 } LISBOA
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 }

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO.
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRASIL



VOLUME VII

COMPANHIA DE SEGUROS IRIS

SÉDE
Rua Arco do Bandeira, 231, 1.º
(AO NOSSO)
Telefone { Direcção 235 Central
 { Expediente 386 Central
 Telegramas IRIS
Códigos RIBEIRO e A. B. C.
LISBOA



AGENCIA
Rua Trindade Coelho, 1-C, 2.º
Telefone N.º 1516
Telegramas: SEGURIRIS
Código RIBEIRO
PORTO

Capital: 1:000.000\$00 Escudos (Mil contos de réis)

Seguros contra riscos de Fogo, Marítimo e Guerra

CORRESPONDENTES EM TODAS AS TERRAS DO PAÍS

UROL

CURA: Artrismo, Reumatismo,
Cálculos, Gota, Obesidade, Nevral-
gias, Dispepsias, Sciática, Eczema,
Artério-esclerose, Areias. * * * *

FARMACIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18—LISBOA

REPRESENTANTE GERAL NO RIO DE JANEIRO

JACINTO RIBEIRO DOS SANTOS—R. de S. José, 82 e 84

ATLANTIDA

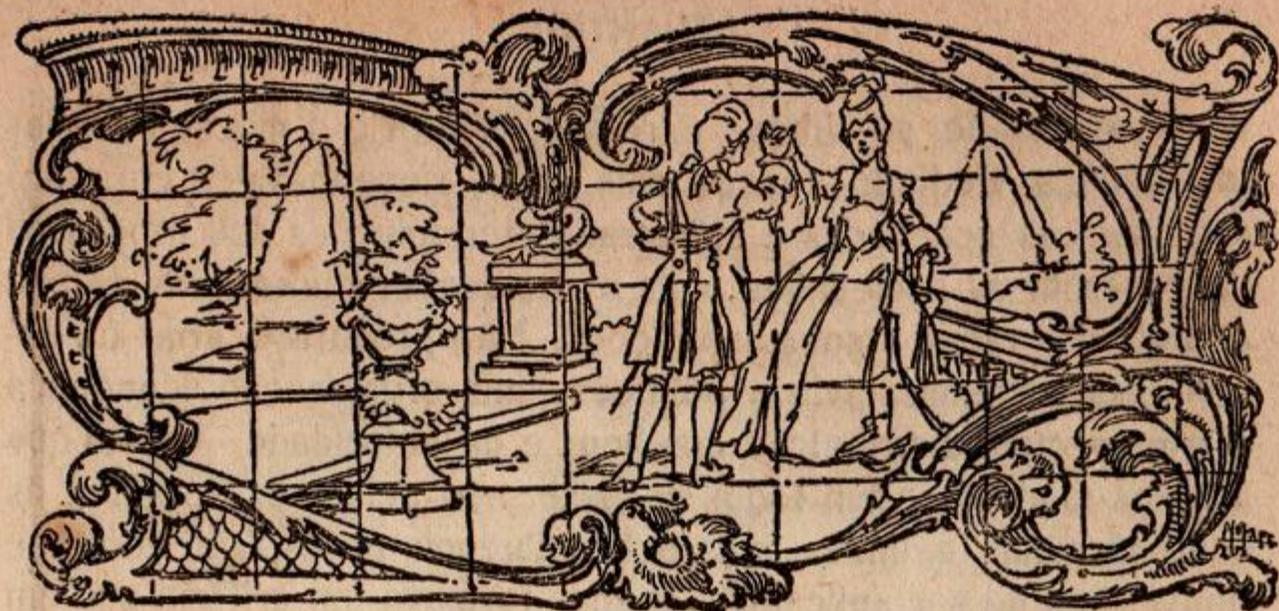
DIRECTORES:

João do Rio e João de Barros

EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 27

IMPRESA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24—LISBOA



Ramalho Ortigão e o amor das nossas cousas

O crítico, perfilhando o desengano de Schopenhauer, sentiu na arte «a única flor da vida». Mas talvez não erre aquele que, indo um pouco além, encontrar na arte a única lei e motivo da vida.

Se entre os demolidores do liberalismo burguês houve quem firmemente nos encaminhasse para esta conclusão, foi Ramalho Ortigão. Sentindo cedo o perfume dessa flor, e cultivando-a, referiu-lhe o mundo inteiro, e no seu confronto o julgou. Porque a amava e a via ofendida muitas vezes, e quási sempre desconhecida, por isso aborreceu e verberou aquela esterilidade e secura mortífera no meio da qual a hora do seu nascimento o colocou, e que era fatal à verdura do jardim em cujas graças se extasiava. Semelhante paixão parecia desligá-lo de quanto lhe era alheio; de facto o desinteressou de muita cousa que os outros homens cobiçavam com ardor e revolviam com impaciência. Afinal, vivendo para os seus deuses, pois que os tinha, o pendor natural do seu ânimo e a instigação da necessidade tiravam daquela flor uma regra prática da existência; convertia-a em um viático mandado dos céus á reformar todas as relações dos homens, entre si e com a natureza, na intimidade doméstica e nos preceitos individuais como na organização da comunidade e em todas as suas funções. Insinuação subtil, poderosa e omnipresente, não refazia

nem carecia de se dilatar a refazer a letra e o mecanismo das instituições. Pedindo cousas mais altas, empenhava-se em renovar, não as acanhadas e efémeras determinações dos processos de governar as sociedades, mas as fundações duradouras da psicologia das raças e suas aspirações. Não procuraria criar ou estabelecer sistemas civis e políticos, uma organização económica e a respectiva distribuição dos bens e da autoridade — pôsto que a todos mudasse e em todos pesasse, não pela pressão sôbre as suas fórmulas e linhas, mas pela influência no espírito com que houvessem de ser applicadas; apenas formava um critério que em todo o ensejo daria diverso carácter ao estabelecido, só porque fixava pontos de referência na apreciação da vida nacional e na verificação do que ela importasse de legítimo ou ilegítimo, de salutar ou nefasto. Descobertos êsses pontos de referência, não seria necessário mudar externamente as cousas para que, na realidade, todas se achassem mudadas; para isso bastava apenas usá-las diferentemente do que no passado era costume, sob diferente aspiração e intenção.

Quando ao demolidor chegou sua vez de reformador e em sua consciência preponderou a obrigação de dar conta e boa razão dos destroços que semeara, Ramalho Ortigão não foi solicitar votos das assembleas políticas para o arvorarem em ditador de artigos de lei no *Diario do Govêrno* e fabricante de códigos com assinatura régia e rótulos da Imprensa Nacional. Nem tampouco pediu a intervenção dos cabos de esquadra ou bateu às portas das cadeias a encarcerar delinqüentes. Desprezando os instrumentos queridos da coacção e do govêrno, fiou-se na justiça da causa e nos recursos do exemplo e da persuasão, e exclusivamente por seu intermédio se afoitou confiado a despertar e fortalecer aspirações e inspirações compatíveis com todo o regime político e com todas as classes e condições, com a pobreza e com a abastança, com toda a sorte e com todo o aspecto da sociedade. Essa aspiração, por sua própria largueza e superioridade, poderia abranger, e de facto abrange, aspectos sociais entre si politicamente antagónicos. Uma Inglaterra individualista, mercantil e protestante, não será menos fiel a essa tradição, que foi a fascinação suprema para Ramalho Ortigão, do que uma Rússia bizantina e ortodoxa, ou uma Escandinávia democrática e regrada; e, caso singular, a Alemanha, pátria das evocações históricas, fortaleza da erudição que ensinou o mundo a conhecer o

passado, será talvez dos países mais modernizados e uniformizados da Europa, mais completamente amoldados à abstracção científica em uma centralização e unificação industrial que, sendo a mais lucrativa e cómoda das fábricas e o mais rendoso dos laboratórios, é evidentemente o mais terrível instrumento duma real e adiantada abolição de todo o pitoresco e riqueza de carácter local criados pela tradição, a mais indistinta das arregimentações a que uma sociedade de seres vivos pode ser reduzida. Mas, sem embargo, sintomas claros de vitalidade demonstram que a tradição e a arte que pacientemente a serve, e é a sua expressão preferida, saberão encontrar refúgio seguro que as abrigue e anime, ainda nas horas de maior adversidade. Porque não há regime político que as confunda, nem derrota ou vitória militar que as derrube ou que as erga.

Reconhecendo naquela arte uma voz anónima dos affectos das raças, portentosa voz de sereias ignotas, fora e distante daquela outra arte que regista privilégios de invenção e direitos de propriedade; encontrando na tradição o perdurável poder moral e religioso, que é a negação do valor efémero duma outra arte, intensa e parasitária, que à verdadeira arte rouba o nome e é por demais conhecida, louvada e gananciosamente produtiva nos tempos modernos, toda entretecida e só entretecida de astúcias, destrezas técnicas, ambições, rivalidades e ostentações que uma individualização extrema e sua inseparável vaidade, exigente de aplausos e orgulhosa até a demência, lhe imprimem, convertendo assim a arte em servidor peculiar do capricho e da fantasia, desligada do povo para ser apropriada em monopólio de classes e seitas, facto êste que só por si bastaria para a corromper — Ramalho Ortigão, pela robustez da sua sensibilidade, reagiu contra essa torrente de convenções, emancipou-se, e viu e amou na arte tradicional um culto que se exercia no lar, uma oração de muitos séculos e de muitas gentes, ininterrompida, da qual a habitação, e a árvore que a protege, e o sustento que lá recebemos, e os vestidos que nos cobrem, e os adornos que nos alegram, são os mais puros sacerdotes e intérpretes sublimados.

Ora «se as cousas sensíveis não tivessem uma alma, não as amaríamos tanto», disse Santo Agostinho. E aquela habitação, aquelas árvores, aquele sustento, aqueles vestidos, aqueles adornos, quanto nos serve as necessidades primordiais da existência, são a criação operada por uma alma; e essa alma não depende

dum facto político, dum acidente histórico ou duma premeditação sistemática, mas unicamente, por derivação espontânea, da natureza e do génio colectivo das raças, aquela constante em seus desígnios misteriosos, e êste último inflamado, transmitido e renascido de geração em geração [pelo labor de obreiros ignorados que se chamam multidões.

Alto poder despótico do mundo e dos homens, a tradição, que tem muitos e diversos meios de reinar e que por diferentes modos é querida, dominou Ramalho Ortigão mais pela beleza, formosura, harmonia, graça, côr e ritmo íntimos do que pela capacidade de equilibrar e cristalizar os movimentos políticos das sociedades, de sua condição variáveis e progressivas, como tais penetradas duma inquietação e mutabilidade permanentemente activas. Mais o prendeu pelo afago dos sentidos, pela feição a que amoldava as cousas, do que pela robustez da constituição social orgânica que ela houvesse fundado, ou pela estabilidade e tranqüilidade política que importasse para os homens ávidos na disputa do mando e das riquezas. Mais o seduziu pela alegria em que as suas artes nos enlevaram os olhos do que pela paz em que as suas edificações nos guardavam e regulavam os interêsses e as cobiças. Mais, muito mais, o possuíu pelo arrebatamento estético que a sua ingenuidade alentava em todas as formas tocadas pela mão dos homens, do que por qualquer género de ordem política que ela lhe assegurasse ou fizesse sonhar na firmeza dos fundamentos que cimentasse, aliás sujeitos sempre a corrupção e caducidade, sem embargo de reedificação e renascimento no mesmo espírito, embora incarnado em mil aparências diversas. Porque a tradição é como a árvore: ao fim de alguns anos, poderá não ter uma só partícula das substâncias em que veio à luz e tomou corpo, ou, pelo menos, se a tem, não a conservará no estado primitivo da nascença; cresceu, alargou-se, desfez-se de muitos ramos secos, desprendeuse de muitos musgos e líquenes que a envolviam e cobriam, e todavia, não sendo igual um só dia ao que fôra no dia anterior, sendo antes uma negação radical do conservantismo, a imagem duma mobilidade incansável, perpétuamente variando, mantêm, por milagre da sua aspiração, uma identidade ininterrompida, é uma e a mesma quando tinha um ano e quando teve cem anos, quando tinha uma polegada e quando teve dez braças. Semelhantemente, «o respeito da tradição não é o esforço vão para repetir os gestos do passado, é a

inteligência das leis que fizeram as obras comoventes de outrora. A arte não se interrompe mais que a vida, mas, como a vida, só se mantêm sempre a mesma no fundo sob a condição de ser sempre diferente em suas formas»¹.

Sem dúvida, não pode a tradição desprender-se de affecto ou desafecto dos sistemas de organização social e política. Por maior que seja o seu poder de insinuação e a sua vitalidade, por mais vigorosa e ágil que seja a sua capacidade de resistência e adaptação a todo o ambiente, instituições haverá que a entorpecam, definham e extingam, e outras lhe serão propícias e lhe darão fortaleza e prosperidade. É manifesto que, abrangendo a tradição todo o modo de ser individual e social, não lhe será indiferente o estado, a igreja e a família em todo o largo espaço das suas múltiplas actividades.

Filha do povo e das multidões anónimas, sem registo de celebridades e heróis, gerada, alimentada e incessantemente renovada no sangue comum das gerações, a tradição é de nascença a companheira inseparável e muito amada da democracia, no sentido mais alto da palavra — dessa democracia que não é uma forma de govêrno, mas sómente um espírito e um instinto, a consciência activa da comunhão dos homens, das suas obrigações e relações mútuas e indissolúveis, às quais corresponde uma sujeição recíproca em toda a forma e modo da sua existência. Naturalmente, por sua essência, a tradição aborrece o constrangimento dos despotismos, políticos, sacerdotais ou quaisquer outros, incluindo os académicos; sente inimigos, ou pelo menos estranhos, nas imposições que se fundam na ordem pública e nas que decretam por motivo de superioridade mental, nas dos reinos das armas como nas dos reinos das almas; derivada de energias ocultas e indistintas, desconhecendo a influência das individualidades, que, por muito poderosas que se nos afigurem e casualmente possam ser, ela de todo confunde e afoga na comunhão do sentir das raças e na sua expressão espontânea, só da ingenuidade se sustenta e assim escapa a toda a pressão intencional.

Por isso tão larga e belamente a tradição floresceu na pequenez das terras livres da Idade Média, onde por virtude da própria pequenez o contacto social se tornou íntimo e a solidariedade estreita e uma realidade tangível, e onde, sem prejuízo duma

¹ G. Séailles, *Eugène Carrière*, pág. 187. (A. Colin, Paris 1911).

hierarquia orgânica bem ordenada, a opressão se tornava de pronto manifesta em seus efeitos nocivos e imediata e directamente era combatida. Aí, a igualdade foi um facto; coexistindo com muito diversa situação e condição de autoridade e de classe, tinha a protegê-la a pulverização das forças militares e políticas, aquela muito singular descentralização que, oposta a toda a espécie de despotismo duradouro e extenso, fazia que tudo se passasse de homem a homem, em um contacto assíduo e imediato, embora algum homem fôsse rei e outro fôsse vassalo confêssos e dedicado, e embora algum homem fôsse mestre de oficina e mandasse e outro fôsse aprendiz e obedecesse. Era o tempo em que, na frase consagrada, «os homens não tinham voto mas tinham voz», e em que não era possível deixar de a ouvir, tão curta era a distância que separava o servo e o senhor, bastas vezes comendo da mesma escudela, aquecendo-se ao mesmo fogo, vestindo do mesmo pano, dormindo sob o mesmo teto, pelejando, ombro a ombro, com as mesmas armas, esforçando-se no mesmo trabalho.

Veio até bem perto de nós o remanescente dessa condição social, donde saíram as artes que a nossa meditada e complicada sabedoria debalde procura ressuscitar. As gerações do século XIX puderam ainda conhecer e apreciar um lar em toda a extensão do seu significado e da sua realidade. A. Babeau, nos seus magníficos estudos sobre o estado social no antigo regime, lembra-nos, não sem uma transparente devoção, o que o lar importava para a comunhão do espírito. «As reuniões da família à lareira explicam-lhe como na vida burguesa de outrora se criava a familiaridade entre servos e senhores. A modicidade dos rendimentos impunha uma estrita economia; não havia senão um lar, e a criada, chamada para fazer serão à lareira com os seus senhores, lá era iniciada nas suas conversações e leituras; sentia desenvolver-se-lhe a inteligência ao ouvi-los, tornava-se confidente das suas cousas, e desprovida, como era, de instrução primária, trazia aos conselhos de família as luzes do bom senso avivado pelo espírito prático. Às vezes abusava; falava alto e nem sempre poupava as verdades aos senhores. Fazia pagar a fidelidade com a sua irritabilidade e exigências». E os senhores «impacientavam-se mas resignavam-se»¹.

¹ A. Babeau, *Les Artisans et les Domestiques d'autrefois*, pág. 279 e 280.

«Os fidalgos da Bretanha, pobres e simples de modos, viveram quási sempre familiarmente com os lavradores. Não chegavam êles, na sua companhia, a pegar na rabiça do arado? Talvez aí se encontre a verdadeira causa da dedicação dos seus bandos no momento da Revolução. Os aldeões defendiam os fidalgos porque os consideravam como irmãos mais velhos e bons conselheiros»¹.

Foi o luxo da Renascença que começou o afastamento das classes; o seu esplendor envolvia os germens da decadência e morte de muita arte, e da mais pura. No dia em que as casas se dividiram e o vasto átrio em que promiscuamente se juntavam nobres e plebeus, reis e vassallos, burgueses e servos da plebe foi repartido em vestibulo e salões, estremando categorias e hierarquias, insinuou-se na vida social um princípio de dissolução da comunidade de alma e um fermento de rivalidades, ódios e oposições que tinham de ser fatais à unidade da arte e sua correlativa beleza.

Aquela arte, que não é apenas a satisfação dum apetite, a carícia dum sensualidade intencionalmente afagada e consciente dos seus meios e fins, mas a derivação dum vida, a expressão dum graça e a graça inseparável da benevolência, da alegria e da felicidade, essa arte, que constitui o encanto da tradição popular nas suas manifestações estéticas e que agora nos foge, carece dum unidade de alma nas sociedades que o espirito moderno, e particularmente o industrialismo do qual todos mais ou menos somos cúmplices e réus, trazem de todo aniquiladas.

Como fundar ou restaurar a arte onde a oposição das classes, uma dissolução profunda das afeições, a desconfiança, e até mesmo a quebra de simples entendimentos de colaboração utilitária, desligaram, pulverizaram e trazem em conflito os elementos primordiais da sociedade, onde os vínculos de associação são tanto mais frouxos quanto mais se avolumaram as aglomerações das cousas e das gentes, onde a desorganização, o tumulto e a solidão da nossa existência moral podem medir-se pela intensidade do movimento e pela vastidão das cidades e das fábricas?

O amor das nossas cousas, em qualquer modo da sua tradução real ou possível, não pode viver, e muito menos dar de si uma

¹ C. Geniaux, *La Bretagne vivante*, pág. 4, Paris 1912.

arte, onde amor não há, de espécie alguma, onde todo êle se subverteu naquela torrente de apetites e cobiças que no industrialismo moderno e nas suas precedências, conseqüências e aderências atingiu um grau verdadeiramente absurdo. Houve em todos os tempos qualquer coisa semelhante, conflitos sangrentos, revoltas de aldeões, morticínios e devastações tremendas, de que a história nos guardou lembrança minuciosa. Através dessas convulsões se operou a liberdade e emancipação gradual dos trabalhadores. Mas essas revoltas foram crises mórbidas, estados acidentais e agudos duma evolução social que no seu processo normal se efectuava pelo contacto, penetração mútua e intimidade contínua de todas as classes, por um largo e instintivo sentimento da dependência recíproca e da solidariedade fundamental. Foi isto o que se perdeu, esta fusão e comunhão, desde que as modernas condições da indústria e da lavoura puseram em mãos diferentes, e quasi sempre inimigas, o trabalho e o capital, a ferramenta e as fôrças intelectuais e morais que têm de a dirigir.

A arte é obra de amor, e a expressão inicial e a mais eficaz do amor tem seu comêço na vida económica. Por ela cultivaremos ou combateremos o amor do próximo, pelo que dêle exigimos e pelo que lhe damos, pelo serviço a que o sujeitamos e pela assiduidade e zêlo com que o servimos. As classes chamadas cultas, que de ordinário são as classes que possuem as riquezas crematísticas, divorciaram-se inteiramente das classes trabalhadoras, dessas que criam, desentranham da terra e da oficina aquelas mesmas riquezas. A gente fina distinguiu-se da gente rude pelo sustento, pelo traje, pela habitação, pelos jogos, pelos trabalhos e pelos ócios, pelas jornadas e pelo modo de as fazer, e ainda por mil caprichos adrede inventados sómente para se distinguir.

Essas gentes não têm a mesma cozinha, duas há no mesmo lar; nem comem à mesma mesa, nem vestem de iguais tecidos e por igual corte, nem dormem sob o mesmo teto, nem usam a mesma cama, nem jogam no mesmo terreiro, nem se juntam no mesmo carro, nem emparceiram no mesmo campo, nem se alegram no mesmo repouso, e nem sequer sofrem na mesma enfermaria ou se sepultam na mesma campa. Multiplicam-se dia a dia os apartamentos na vida económica, e, multiplicando-se estes, multiplica-se a ignorância recíproca das tendências dos diversos

elementos compreendidos dentro da comunidade, multiplicam-se com os apartamentos do corpo os apartamentos da alma. Ricos e pobres estremam-se e dividem-se, cavando entre si seus valos e abismos nas comodidades e em todo o modo de ser terreno, e, paralelamente, nas crenças, nas aspirações, no pensar, em todo o modo de ser psicológico. Apesar do seu tumulto aparente, a Idade Média foi mais feliz do que nós sob este aspecto; apesar das suas muitas hierarquias e gerarquias, com uma estratificação social definida e complexa, realizou uma unidade social muito mais adiantada do que a nossa, tão escassa; viu uma aproximação de classes contínua e estreita, e sentiu-se para todos os efeitos possuída duma consciência da comunhão dos homens de que a história não mostrava exemplo em tão alto grau. Em rigor, aboliu as classes, transformou-as em órgãos diferentes dum mesmo corpo. Nas cidades de algum dia, todos se conheciam e mutuamente se auxiliavam, uniam e respeitavam; nas cidades modernas, todos nos desconhecemos, evitamos e isolamos, quando não nos atropelamos.

Emquanto a constituição económica das sociedades não fôr radicalmente diferentemente do que hoje é, enquanto o amor não passar de preceitos de catecismo e conclusões filosóficas, em que anda adornado de dulcíssima retórica, para se mudar na fôrça inicial da acção de todos os instantes e de toda a condição em que se mostre uma energia constante e suprema, toda a exaltação de renascimento da arte tradicional e seus encantos se conservará reduzida a uma tese académica, bem urdida de lógica e boa razão, mas desmentida incessantemente pela eloquência brutal dos factos que são a negação de toda a arte, de toda a alegria da expressão. «Uma arte nobre não pode deixar de ser a expressão duma alma [grande]», no conceito de Ruskin. E uma alma grande não pode subsistir onde a humanidade não fôr fundada em amor.

Exemplifiquemos.

Não será indiferente, com certeza, à tradição e ao culto do amor das nossas cousas, tão louvado em palavras como incessantemente desmentido em factos, não lhe será indiferente a propriedade latifundiária monopolizando o pão e o lume nas mãos de poucos eleitos e ávidos, servidos por uma larga escravidão arregimentada, ou a propriedade fragmentada, multiplicando a independência económica e outorgando-a ao povo, então e só assim

liberto completamente para exprimir a sua expiração, para traduzir a sua alma, o seu modo de ser e de conceber a beleza na habitação, no traje, nos utensílios ordinários da lavoura e da oficina, no adôrno de todo o objecto do seu uso e necessidade. E inversamente, em contraprova, temos bem presente, por nosso mal e desgosto, o que para a tradição da arte o mercantilismo significou com os seus capitães de indústria e exércitos de assalariados e mercadores, inimigos inconscientes mas terríveis de toda a espontaneidade, fundindo tudo e todos em uma uniformidade mecânica determinada exclusivamente pela razão do menor esforço e do maior lucro, pelo utilitarismo duma animalidade estreita, abolindo qualquer direito do capricho e da fantasia, alheio ao sentimento da injúria feita aos sentidos sequiosos de beleza desinteressada e nela exultando, e tomando em conta apenas o volume dos dividendos pelos quais tem de apreciar a glória ou a miséria dos seus feitos.

Embora Ramalho Ortigão confessasse de boa fé que «a política, depois da desastrosa falência de todas as teorias liberais, cessou por toda a parte de ser um foco de atracção para as ideas ou para os sentimentos humanos», é lícito crer, fazendo justiça aos seus talentos, que, se considerasse mais detidamente as próprias aspirações, reconheceria que elas subentendiam inevitavelmente uma política, que a política nunca lhes poderia ser totalmente estranha, e até mesmo que essas modernas teorias liberais, de que algum dia, não remoto, foi de bom gosto desdenhar, alguma cousa de essencial e benéfico lhes haviam dado. Viria a concluir que assistiria apenas a uma crise que, tendo seus aspectos de falência, não passava dum estado entre muitos dum desenvolvimento progressivo das sociedades, não era mais de que um instante de correcção para prosseguir depois na expansão das suas linhas fundamentais.

Por muito descrente da política que Ramalho Ortigão se encontrasse, não seria êle quem, se as lêsse, negasse estas passagens de Jansen, na sua *História do Povo Alemão em fins da Idade Média*.

«O trabalho, e não a propriedade, era o dispensador de todo o *valor e dignidade*, e por isso pertenciam ao trabalhador os frutos do seu trabalho». «Entre as indústrias manuais nenhuma se punha *em mais alta estima* na lei canónica do que a agricultura. Considerava-a a mãe e o produtor de toda a organização

social e de toda a cultura, assim como o sustento de todas as outras indústrias e, por consequência, a base do bem-estar nacional. A lei canónica exigia especial consideração pela agricultura, em parte por esta razão, que, mais do que qualquer outro ramo do trabalho, tendia a ensinar aos que a professavam o temor de Deus e a rectidão. Em uma «Admonição cristã» está escrito que «o lavrador em todas as cousas deve ser protegido e animado, porque tudo depende do seu trabalho, desde o imperador ao mais humilde no género humano, e o trabalho das suas mãos é particularmente *honroso e agradável perante Deus*». Daí vem que a lei secular e a lei espiritual juntamente o protegem».

Em seguida à agricultura, vem o trabalho manual. «*É digno de louvor na presença de Deus*, especialmente emquanto representa cousas úteis e necessárias». E, quando as suas obras são feitas com unidade e arte, então Deus e os homens, juntamente, nelas se alegram; e *as obras são verdadeiras e boas* quando os artistas pelo talento e pela habilidade das suas mãos espalham em construções belas e na escultura a glória de Deus e dão a graça aos homens em seu espírito, de forma que eles se deliciam nas cousas belas e reverentemente consideram toda a arte e ofício manual como um dom de Deus para uso, alegria e edificação do género humano». «O tráfico e o comércio são tidos em *estima inferior*». «Um comerciante honrado», diz Trithenius, «que não pensa só em grandes lucros, e que em todo o seu proceder é guiado pelas leis de Deus e do homem, e que alegremente dá dos seus ganhos e riquezas aos necessitados, *merece a mesma estima* que qualquer outra trabalhador. Mas não é fácil ser honrado em toda a transacção mercantil e não nos tornarmos avarentos com o crescer dos ganhos. De resto, nenhuma comunidade pode existir sem comércio, mas o comércio imoderado é mais nocivo do que benéfico, porque alimenta a cobiça do ganho e do ouro, e enerva e efemina a nação por amor do prazer e do luxo».

O livro donde transcrevo estas passagens ¹, às quais o autor sublinhou a indicação da ordem dos merecimentos sociais, acrescenta em seus comentários que enunciá-las e adoptá-las não significa o desejo de ver restauradas as formas sociais da Idade-Média, cujo remanescente de feudalismo não pesa pouco nas sociedades

¹ G. Sandeman, *Social Renewal*, pág. 109 sgs.

modernas. Mas é que os princípios contidos nos parágrafos apontados «não são para uma época mas para todas as épocas». «Foram reconhecidos como indispensáveis naqueles tempos. Não será muito dizer que hoje são ignorados do espírito moderno. Mas agora que a vasta experiência do comercialismo foi julgada com resultados que conhecemos, agora que estamos chegados a um momento tão crítico da história e que todas as formas sociais se encontram em estado de transição, mais do que nunca carecemos de observar os princípios constitutivos da sociedade».

Esses princípios, não os desmentiria Ramalho Ortigão. Pelo contrário, vagamente os sentimos insinuados nas tendências de toda a sua crítica e nas suas afeições. A fé e o amor da tradição, particularmente a redução da beleza que a tradição revelou e guardou na arte, seriam prontas em lhe mostrar e impor o que nesses princípios se contém de essencial. Mas determinando êles, como não podem deixar de determinar na amplitude da sua extensão, uma política, uma constituição social coerente e fundamental, o crítico e o crente não tentaram defini-la; apenas nos persuadiram de que esta que temos não era adequada ao amor das nossas cousas. Limitaram-se a inflamar-nos nos seus sonhos; não nos disseram onde êles levavam praticamente, por que instituições tomavam corpo e se mantinham e prevaleciam, restituindo a formosura à terra e ao lidar dos seus enxames.

Será pois duma alta responsabilidade o seu legado para os que o aceitarem. Pelo facto se constituíram na obrigação de o tornar bom, de o fazer frutificar em todos os seus frondosos ramos.

Ora o tradicionalismo, o amor das nossas cousas e os seus encantos, é muito melhor de louvar e cantar do que de organizar em suas modalidades concretas e em uma fôrça prática efectiva; é tão fácil recolhê-lo e venerá-lo na voluptuosidade do bricabraque como difficil é renová-lo no campo e na oficina, na aldeia, na vila e na cidade, no lar e na praça pública. Não será esquivo, pôsto que mesmo aí demande coração e altos talentos, quando quisermos estampá-lo e arquivá-lo luxuosamente nas bibliotecas, em volumes esplêndidos, anchamente anotados e profusa e ricamente adornados. Mas será o mais rebelde dos materiais se premeditadamente nos esforçamos por desprendê-lo do abandono em que anda errante, naufragado e mortificado, para o convertermos em um poder de govêrno social e político com sua realidade

presente e activa, regendo de direito e de facto uma sociedade, inspirando-lhe o espirito e ordenando-lhe o proceder.

E a prova das dificuldades e embaraços de semelhante empresa, evidentemente insuperáveis em muitos pontos, encontramo-la na escassez dos resultados que verificamos ao fim de trabalhos aturados e gloriosos, nos quais se tem empenhado a flor de mentalidade nacional, guiada pelo mais puro e são amor pátrio.

Porque o legado para cuja riqueza Ramalho Ortigão concorreu com uma dedicação incansável, não é obra exclusivamente sua. Foi elle um dos seus servidores mais laboriosos e felizes, sem dúvida o mais popular, porque o destino o dotou com muitas prendas próprias para atrair; deu-lhe faculdades de arte que são nesses combates uma arma poderosa, vestiu-lhe o pensamento e as afeições com uma florida opulência de linguagem que, conjugada com a sensualidade abundantíssima cuja vibração interpretava, havia de conduzir à disseminação rápida e a um estreito contágio do seu modo de sentir. Mas para compreendermos claramente o seu lugar e situação, e até a significação nacional das suas tendências, convém não esquecer que Ramalho Ortigão, entretecendo e rematando a crítica dissolvente com as aspirações duma soberba e fascinante reconstituição fundada na arte, e da arte gerada e alimentada, não se encontrou sozinho no combate, não cedeu à singularidade da sua iniciativa própria, e antes se arregimentou sob a bandeira duma pléiade por infinitos títulos illustre. Emquanto elle se extasiava nas carícias em que as artes tradicionais lhe cativavam os olhos, outros, seus contemporâneos, tão numerosos como inteligentes, credores de mais pura e acrisolada gratidão, não só da pátria, que estremeceram, mas todos os estudiosos avidos de compreender e saber, mourejavam, e muitos quasi ignorados, por vias agrestes, consumindo entre a poeira das ruínas e dos pergaminhos nobilíssimas vidas, consagradas a descerrar e a iluminar os mais recônditos arcanos da nossa raça, para tirarem do conhecimento do passado uma consciencia que nos guiasse na apreciação do presente e na edificação do futuro.

Nem Ramalho Ortigão desconhece a sua dívida aos companheiros, e muito menos teve a fraqueza de pensar em a occultar. Não perdeu ensejo de a confessar. Dirigindo-se à Comissão dos Monumentos Nacionais, exaltava-se e apressava-se a admirar «a

erudição, o estudo, o trabalho prático e a piedade patriótica» da Sociedade de Instrução, do Pôrto, e da Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães. E logo vinha a registrar o extenso rol daqueles que por sua dedicação e talento nos habilitavam à «constituição integral da história da arte e da tradição artística portuguesa»—rol, na verdade, bem difícil de fazer, tal é a aglomeração de nomes ilustres que êle tem de abranger para ser justo. Compreendendo figuras primaciais como as de Alberto Sampaio ou do Sr. Joaquim de Vasconcelos, por exemplo, às quais o país tributa há muito todo o respeito que lhes é devido, êsse rol alonga-se infinitamente por todos os recantos da nossa terra, na qual, mercê duma feliz sorte, enxameiam os crentes modestos que no estudo acendendo a sua alâmpada à adoração da terra que os criou e onde habitam, todas as memórias lhe guardam, todos os vestígios protegem e todos investigam e defendem zelosamente, como honra e cartas de nobreza que contemplam com desvanecimento e constituem afinal sua razão de ser e proceder, sua lei de continuidade e honestidade. «Tanto mais simpáticos quanto mais obscuros», êsses cuja fama não se ouve além do espaço que a voz do campanário abrange e são sepultados na vala comum da história, não terão dado à sua causa um sangue menos precioso do que o daqueles sôbre cuja sepultura o nosso louvor ergue os seus monumentos.

Bem sabia Ramalho Ortigão quanto valiam e para que serviam os tesouros desenterrados, limpos e acumulados por êsses obreiros infatigáveis do seu tempo. Muitos, felizmente, são vivos e continuam a dar-nos testemunho da sua dedicação; outros, em grande número, levou-os a morte, mas não sem que nos deixassem uma herança magnífica. E entre êsses missionários duma redenção Ramalho Ortigão reservava para si um lugar humilíssimo; seria «o único inútil da falange» e ficaria contente se pudesse «comunicar a outros corações a simpatia que filialmente prendia o seu à terra em que nascera e à raça de que procedia».

Resta saber por que modos o seu legado e dos companheiros de armas se torna prático, tangível e fecundo, com que termos a tradição há-de ser um elemento activo da vida nacional sem atrofia nem rescisão do seu natural desenvolvimento, por que forma será uma energia, uma vitalidade lógica e coordenada mas progressiva. Resta saber quais são as condições em que um país pode ser tradicionalista sem cristalizar em uma imutabilidade mor-

tal¹, como é que a tradição deixa de ser meramente uma curiosidade e uma saúdade, uma doçura da inteligência e um regalo do espírito e dos sentidos, para se transformar em propulsor de vida e se encorporar em toda a actividade dos homens e das comunidades. Resta saber que instituições reclama e determina, em que condições económicas tem de assentar e proceder, que costumes aconselha e carece para se exprimir. A tradição e o amor das nossas cousas que há-de cultivá-la e perpetuá-la podem renovar-se, manter-se e subsistir confiados ao individualismo arrogante em que estamos vivendo, com um grande contentamento pela conquista dos *direitos do homem* e cuidado menos que medíocre dos seus *deveres*? Podem a tradição e o amor das nossas cousas desquitar-se, daquele espírito e formas práticas de comunidade em que se geraram e viveram, assentando em um pensamento de continuidade a que correspondia admiravelmente a perpetuidade das pessoas morais religiosas ou seculares em seus conventos e corporações? Porque, evidentemente, trabalhar para um convento, para uma corporação ou para um morgadio, que através da sucessão dos seus abades, mestres e titulares são sempre o mesmo convento, a mesma corporação e o mesmo vínculo, não vivem ameaçados de morte ou sequer de mudança de senhor, é cousa absolutamente diferente da empreitada e da tarefa contratada com o argentário ou com a loja, que apenas querem satisfazer necessidades ou vaidades sem um fim ulterior e perdurável, e aos quais a instabilidade da fortuna e do capricho dos mercados não deixam ao menos garantir que a obra hoje começada possa chegar a ser concluída pelos que lhes sucederem.

O «amor de nossas cousas» é um lindo emblema de pendão para uma jornada patriótica, e é uma delícia inefável, se essas cousas possuímos e se possuindo-as as sabemos ver. Mas, por uma ironia maliciosa do destino, êsse programa de vida não passa habitualmente de platonismo patriótico, atraído a todo o momento pela capa de borracha contra o gabão de burel, pela caldeira de vapor contra o macho do almocreve, pela luz do gás contra a candeia de azeite, pelo ruído estrepitoso da fábrica contra o sumido rumor da ofici-

¹ «Nenhuma tradição é perfeita. A melhor importa apenas um período passageiro de paz ou triunfo ou equilíbrio estável. A humanidade repousa por um momento, mas sabe que tem de ir mais longe. Repousar para sempre seria morrer». Gilbert Murray, *Euripides and his Age*, pág. 15. (Londres, William & Morgate, 1915)

na rural, pelo pregoeiro das ruas contra o boeiro da charrua, pela gasolina contra a vela e o remo, pela exigência cega e muda do accionista contra a compadecida generosidade do vizinho, pelo delírio da rapidez contra a lentidão e a moderação, pelo despreendimento do anonimato contra a fraternidade e responsabilidade da corporação e da confraria, pelo egoísmo brutal contra o desinteresse humano, pela cobiça e pela ganância contra a isenção e a caridade, pela prodigalidade contra a parcimónia, pela barateza contra a perfeição, pela ostentação illusória contra a consciência escrupulosa, e sobretudo, mais evidente em matéria de arte do que em tudo o mais, por uma prostituição satânica chamada economia, mecânica sem alma que se atribui foros de ciência e lei, contra o amor do próximo e o culto da beleza, proscritos ambos com os rótulos pejorativos e perigosos de misticismo, utopia e superstição religiosa, poderes de outra que, por desprezarem a quantidade e o número e lhes preferirem a qualidade e o carácter, foram riscados da adoração do mundo. Insinuado e persistente em o nosso sangue o veneno corrosivo que se chama a paixão da comodidade, e que tudo desfaz, escravos dos sofismas da civilização material, não há sinais de nos erguermos de uma crise infinda de lamentos, suspiros, indignações e jeremiadas, chorando debalde um passado perdido que teima em não voltar; não há estudo nem poesia nem fé que se tenham mostrado de capacidade suficiente para fundarem com segurança essa obra vagamente sonhada, e que foi uma realidade em outras eras, essa união salutar e fecunda de utilidade e de beleza, que em diversos momentos históricos encontramos e admiramos e cuja dissolução é o motivo capital da fealdade, crueldade e aviltamento dos tempos modernos em toda a sua significação moral e estética. Para êsse renascimento, para a restauração dêsse espírito que parecia casar a necessidade e o prazer em uma só alegria, expressa na arte com que a necessidade se provia, tudo nos falta e tudo teremos de inventar e criar — homens, materiais, instituições, e principalmente alma que os bafeje. O que até hoje temos colhido, sabe Deus com que abençoado esforço religioso, são apenas visões, esperanças, inclinações, que em casos individuais remataram em boas acções e obras notáveis, mas que jamais puderam converter-se em uma fôrça social resultando na determinação dum carácter comum e procedimento comum correlativo. As maravilhas da tradição foram virtu-

des de outro tempo que só por se atribuírem a outro tempo, disse alguém, se reconhecem em míngua no tempo presente. Quando muito, chegamos a fazer da tradição modelo de fábrica, às vezes executado primorosamente; ainda, porém, não podemos convertê-la em uma escola e disciplina da nossa alma, constantemente activa, operando em uma tal consubstanciação com as nossas energias que prevaleça como instinto e como tal se mostre em todo o nosso modo de ser.

O que se tem passado com as rendas de Peniche é significativo nesta conclusão, e de desalentar os mais confiados e corajosos. Inteiramente nos elucida sôbre a dificuldade de erguermos o amor das nossas cousas à altura dum princípio de govêrno da vida pública e privada.

Eram as nossas rendas uma indústria tradicional de sumo encanto, toda penetrada de poesia, desde o remanso dos lares, em que se exercia, até a graça dos véus com que adornava a gentileza feminil. Teve essa indústria tudo quanto carecia para se manter e prosperar — a persistência da tradição que nos chegou vigorosa na destreza de habilíssimas lavrandeiras, o favor do Estado que não lhe regateou escolas, o amor e o zêlo de talentos justamente consagrados que de todo se entregaram ao seu serviço, o esplendor dos resultados que eloqüentemente lhe demonstraram a vitalidade e recursos prodigiosos das suas faculdades. Nem mesmo lhe faltou uma imprensa benigna e devotada para lhe apregoar os triunfos.

Depois disso, era de crer e esperar que não houvesse enxoval pobre ou rico a que as rendas de Peniche não dessem certa união de amor da nossa terra, ou essa união se pedisse por curtas e estreitas polegadas do mais simples labor, ou se alargasse por palmos e varas do mais difícil e sumptuoso. Seriam como um sacramento da pátria, o símbolo duma afeição e de uma gratidão, o testemunho duma lembrança e dum juramento. E os enxovais, os dos pobres como os dos ricos, todos as dispensam e esquecem, naturalmente porque uma obliteração profunda do sentimento do seu valor moral e artístico as deixou cair em abandono e desprezo, não havendo logrado, neste impulso de renascimento, nem comover a singeleza popular nem convencer a cultura das aristocracias. Assim arrastam a sua vida tão brilhante como inglória.

Uma estranha conspiração de obtusidade moral lhes pôs a fortuna sujeita inteiramente ao capricho e ao acaso.

Parece que a tradição é qualquer cousa, subtil e fluida, rebelde ao nosso império. Só será fácil emquanto é perfeitamente ingénua. Desde que procuramos apropriá-la subordinando-a à consciência e à vontade, desde que a razão pretende governá-la substituindo a simplicidade dos instintos, em que nascera, pelas determinações da reflexão, a que imaginamos amoldá-la, logo se embaraça em dúvidas, hesitações e desfalecimentos, e perde certa fôrça íntima, certo poder de captação que afrouxa progressivamente, à medida que lhe desvendamos o mistério. Só os povos duma alta civilização têm sabido consumir o milagre da conciliação do espírito tradicional com um assisado e ponderado desenvolvimento da sua mentalidade e formas concretas correlativas; os outros, os bárbaros e os de média civilização, os que já se desligaram da tutela ingénita dos instintos e ainda não souberam sujeitar-se à lucidez regrada da razão, os que se atrofiaram na imutabilidade e na inércia às quais a estupidez os prende e os que se desvairaram na fúria e devastação dos radicalismos cegos, derivados também duma outra desordem mental manifestada em suas crises de epilepsia, êsses vagueiam todos em incertezas anárquicas de diferente género e são incapazes de unir o presente ao passado, ainda mesmo quando pressentiram e invocaram o passado.

Pela minha parte, respeitosamente guardadas as devidas e larguíssimas distâncias que separam de uma grandeza reconhecida uma humildade infelizmente tão rial como evidente aos próprios olhos de quem ela domina, atrevo-me a dizer que, não sendo discípulo de Ramalho Ortigão e tendo mesmo de confessar a diversidade e larga incompatibilidade dos nossos respectivos temperamentos e procedência espiritual, não me convenço de que a sua vaga aspiração, tão oposta às correntes sociais presentes, seja um puro sonho, praticamente condenado e inacessível. Sómente tenho por seguro que a tradição, para descer da poesia e da imaginação e baixar à terra, representa tão profunda resolução económica, moral e religiosa que corre grave risco de não passar de um desgarrado apanágio de solitários e eremitas — a não ser que por impulsos de que actualmente não há precursores tenha a boa sorte de aliciar para a servir alguns bandos de rebeldes à pressão dos tempos, capazes de se isolarem do mundo e de o afrontarem sem temer nem a ignorância nem o escárneo nem a injúria das suas aspirações, fortalecidos para todo o combate no amor da be-

leza, como em uma esfera mais alta os que por amor divino sofreram o martírio para fundar o Cristianismo. Porventura será aqui de lembrar e observar o conselho de Platão onde quer «que os nossos políticos não se criem entre imagens de deformidade moral, como em um pasto nocivo no qual se apresentem e nutram de muita erva e flor maligna, dia a dia, pouco a pouco, até que secretamente tenham insinuado na própria alma uma massa venenosa de corrupção. Sejam antes os nossos artistas aqueles que são capazes de distinguir a verdadeira natureza da beleza e da graça. Habita por isso a sua mocidade em terra sadia, entre belos aspectos e sons, e receba o bem em todas as cousas; e a beleza, o eflúvio das belas obras, penetrará nos seus olhos e nos seus ouvidos como uma brisa salutar vinda de uma região pura, insensivelmente afeiçoando a alma desde os primeiros anos à simpatia e à semelhança da beleza da razão». De tal modo nos afastámos, porém, da tradição e rompemos os laços que a ela nos prendiam, que não se concebe facilmente onde nem quando possam reatar-se com segurança. Os que a conhecem, não se esforçam por lhe guardar fidelidade, e o vulgo, que a desconhece cada vez mais profundamente, só ama de facto o tumulto orgíaco destes tempos de fealdade e regalões, que uma ciência de compasso, balança, laboratório e fábrica tornou materialmente abundantes e florescentes e que moralmente primam pela exclusão de toda a delicadeza da alma, da que havia de apreciar a obra de arte como até daquela mesma que tinha de estimar a honestidade. Nessa vagem se precipitou, e longos anos passarão antes que acorde de semelhante pesadelo, se é que tem de acordar.

Quanto menos o desejo, mais temo que a terra se converta em uma sórdida mercancia de comodidades animais, se não lhe acudir, a salvá-la, um idealismo ardente, fora do qual a palavra tradição não tem razão de subsistir nem outra significação ou valor que não sejam os provenientes do serviço que possa prestar como epígrafe nos catálogos e classificações dos museus e do adorno que acrescente aos passos da gente rica.

Quem sabe?!... Se o amor das nossas cousas em todas as suas fascinações é susceptível de ressurreição, se tem de se converter um dia em uma força activa, talvez venha a demonstrar-se que os seus melhores soldados e apóstolos são os sóbrios, os ascetas, os continentes e os débeis, por quem Ramalho Ortigão mostrou simpatia menos que medíocre, todos êsses aos quais uma

espiritualidade exaltada, essa que o naturalismo teve por mórbida, pôs em conflito com o mundo, induzindo-os a contentarem-se com pouco e a se refugiarem do alvoroço da sensualidade na calma da simplicidade. Porque, se a tradição para se perpetuar exige uma economia, e é manifesto que dela não prescinde, a reforma da economia reclama por sua vez uma religião e uma moral, da qual os povos mais cultos, agourando-lhe o advento, balbuciam agora os primeiros mandamentos, e da qual os retardatários e os bárbaros mal soletram ainda as primeiras letras. Como negócio, conveniência, exprimindo-se em livros de «deve» e «há-de haver», a tradição é uma conta fechada e liquidada. O cálculo reduziu a humanidade a uma emprêsa científica, mais abundante em produtos e lucros do que os enlevos estéticos. Mas como a vida, por mais operações aritméticas que a embaracem, ainda não se reduziu a puros valores mercantis, é lícito esperar que as famosas influências imponderáveis não abdicarão dos seus direitos e nos restituirão aqueles bens de beleza e alegria que a tradição possuía e de que estamos privados e sequiosos.

JAI ME DE MAGALHÃES LIMA.



Soneto

*Vi-a : vi hoje um lírio sob o olor
Da lua, um lírio n'água inclinando a haste débil ;
E a flor da saüdade como um vinho flébil
Da asa do Tempo, veio a mim o seu amor.*

*Caiu-me n'alma ; e à delicada imagem
Da lua em lago azul dum lúcido palor,
Para a scisma do longe um músico-pintor
Acordou ante mim chorando na paisagem.*

*Na manhã de penumbra em que amoroso a vi,
De olhos para o jardim dêsse erradio encanto
Entristeço : e não sei, -- nem sei se a conheci !*

*Só, — flores esfolhando à luz que me acompanha,
Como pétalas no ar bem as ouço em meu canto
— Por entre a urze lilaz — as aves na montanha...*

O meu romântico

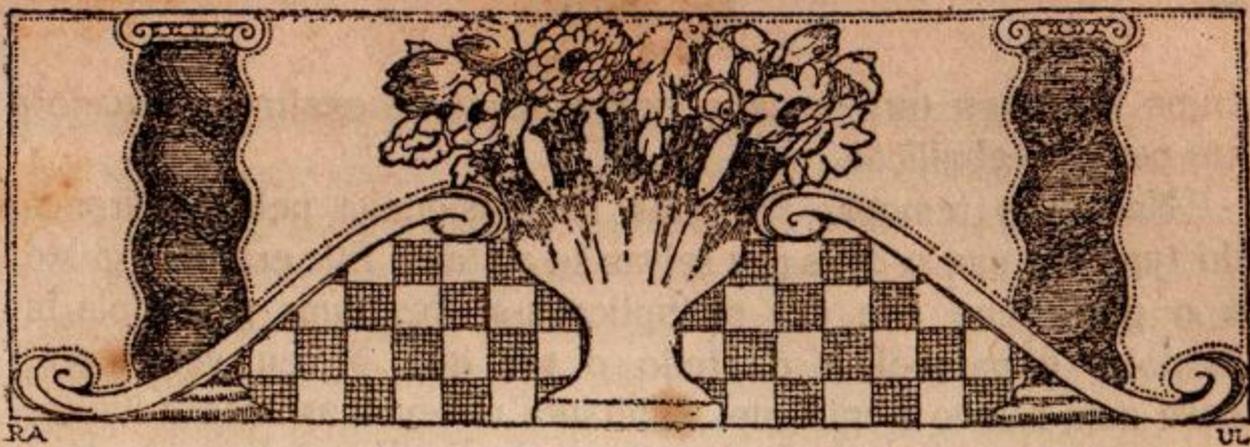
*Ando triste, ando mais sentimental
Do que a trémula voz dum veio de água,
Ando como um crepúsculo de mágua
No lento adeus dum longe musical.*

*Desfeito — como a espuma nos escolhos,
Triste — como a árvore ao cair da fôlha,
Cinza e oiro — e como o outono se desfolha,
Um morto entardecer cai nos meus olhos.*

*É que eu moro em meus olhos mais doente
Quando Coimbra, às Tardes de alma, arde
Sobre a emoção das rosas do poente.*

*Ando assim saúdade por que a gente.
Só ama, ou morre, uma só vez . . . e a tarde
É o que me lembra a mim continuamente.*

AFONSO DUARTE.



O pintor Antonio Parreiras

Eu fallei outr'ora de Antonio Parreiras, poeta. Era quando o pintor Parreiras, discipulo do germanico Grimm, se esgrimia doidamente contra a capoeira e a malta, contra os cerrados e os cipoaes. A lucta braço a braço com a natureza travava-se impetuosa. Via-se que o colorista, ébrio de azul e de luz, se debatia com o pintor, que a minucia pictural do mestre tanto coarctava. Parreiras galgava as serranias, perlustrava os caminhos, barafustava as florestas, remexia as varzeas, esmerilhava povoados, rios, lagôas, barrancos, socavões, grutas, troncos e cipoaes, e o seu afan procurava em ancias a alma recondita das coisas, que o seu olhar agudo e arguto escarafunchava na visão avida de uma realidade envolta em sonho. O poeta sacolejava furiosamente o pintor, a cuja pupilla a bruta natureza desbravava aspectos ignotos, e o pintor, adstricto já a uma technica severa, libertava-se nas azas da poesia e creava.

O poeta apparecia então em todo esse Parreiras atordoante, transbordante, borbulhante, e elle incarnava o brasileiro torrão no que elle foi, no que elle é e sobretudo no que elle será. Do pincel consciencioso jorrava a nota inspirada e todo o algazarrante incendio dos tropicos esparramava em Parreiras a sua explosão fecundante, que o pintor, potencialisado pelo poeta, exteriorisava com essa e nessa vehemencia de vida, que é a *causa causæ* dessa *causa causati* da corporisação mysteriosa do ideal no real. A palavra de Sua Alteza Baudelaire verificava-se em Parreiras pay-sagista: *un naturaliste entraîné sans cesse vers l'idéal*. E é o que differenciou e differencia até hoje a sua arte prodigiosa, em

cujos refundos turbilhona o entusiasmo da exaltação creadora em perenne ebulição.

Naquelles tempos, Parreiras impressionava pela fulgurancia do typo em que o deus das selvas se agitava. Elle era todo gesto, e o gesto que elle era multiplicava-se-lhe numa gyrandola farandolar e parabolica de todo o ser que o seu verbo realçava num relevo trepidante. A hirsuta melena cascadeava-lhe torrencial e negra, a barba apollinea pespontava encrespando-se imperiosa, a bocca superabundava numa facundia, que já era todo o espectro solar esfusiando em sons, e o punho prestidigito parecia escamotear e desenrolar feixes olympicos de céos ardentes para com elles incandescer as almas tépidas. Era como se o ancestre Pan redivivo, egresso do solo antigo e erratico nas espheras, nelle tivesse vindo habitar e lhe communicasse o condão unico de identificar-se com a offuscadora gleba nova resoante ainda de inubias e maracás, para ser della o interprete extraordinario e privilegiado.

E é o que faz a arte de Parreiras inconfundivel e vencedora: esse quer que é consecratorio, dadiwa, missão, charisma, coisa essencial e imponderavel, sello do invisivel, indelevel marca que nos estigmatiza para um destino ineluctavel. E não se é artista sem esse sigillo do Além. Parreiras conserva o requisito de ter sido fiel a esses designios indiscerniveis e a sua carreira de artista é todo um cantico fervente e ininterrupto em que respira e freme a nossa terra, o nosso céu, a nossa vida, a nossa historia. O que Bilac, o mais brasileiro dos poetas brasileiros, fez no verso, Parreiras fez e está fazendo na téla. O *Caçador de Esmeraldas*, que todos nós sabemos de cór, já tinha sido composto pelo paysagista-poeta de varias outras maneiras em episodios identicos (de que enxameiam os nossos archivos), antes que o cantor, que já cantava a *Morte de Tapyr*, o escolhesse entre mil para o concretisar em epopéa. Da paysagem, a que o pintor se devotára todo, virou-se, obedecendo sempre ao seu irresistivel fado, para os fastos a que assistira a paysagem. E Parreiras começou a pintar os heróes e as façanhas, dentro dos sertões, á margem dos rios, nas praias desertas, nos alcantis e nas brenhas. Reviveu o esplendor da chronica depois de ter revivido o esplendor da terra. No esplendor da terra, em que sem cessar se embebêra, derramava o esplendor da chronica em que se deslumbrára. A terra, ao seu revelador, revelou os seus heróes. E o

paysagista intensificou-se então. Já não era unicamente o evocador das nossas solidões invias, das nossas riquezas asperas e mirificas, das nossas penedias cruas, das nossas aguas tranquillias ou revéis, dos nossos campos, dos nossos cerros, das nossas capoeiras, dos nossos horizontes. Toda essa barafunda omnimoda começou a mexer um dia na grande luz, e nella surgiram bandeirantes, governadores, missionarios, aventureiros, capitães-móres, pages e morubixabas, nella desfilaram cavalgadas, barlaventearam caravelas, altares altearam-se, alçaram-se tendas, ergueram-se ócas: a vida febril, confusa, informe, multiforme, agitou-se nesse «inferno verde», que o sol fecundava de mais, e Parreiras, que era o turgimão dessa grande luz, entrou a picturar a raça e o povo. O paysagista desdobrou-se sem diminuir-se, antes remodelando-se e completando-se, foi de mais a mais accentuando o character do seu genio, que a Italia havia edulcorado e que Paris aperfeiçãoou.

Paris é o supremo afinador de harmonias, e o contacto de Paris produz no eleito a consciencia e a affirmação da individualidade. Ao passo que no seio da Lutecia, em que vivêra e meditára o Dante, o mediocre derrete e funde numa destruição lenta, mas categorica, nesse esfarelamento continuo e fatal que nenhum esforço consegue suster, desaggregamento gelatinal que é a diluição imprescriptivel do nada nirvanatico, os valores reaes ao contrario tonalisam-se e corporificam-se na sua vitalidade total: *vires acquirit eundo*. Por isso é que o genio, seja de que raça fôr e surja em que abstrusos recessos surgir, tem necessidade ingenita de pisar este asphalto, que lhe firma os pés, de beber estes ares, que lhe desannuviam a fronte. É o que se póde chamar o encantamento de Paris, e o *Tannhaüser* vaiado não impedirá ao gigante de Beyreuth a comprehensão de que aqui sómente e não alhures era preciso ter vindo para que nunca mais deixasse de crêr no mundo novo e maravilhoso que elle trazia dentro de si. «*Paris, la seule ville qui ait compris mon génie!*» Quem desvendará um dia esse mysterio da cidade unica, que aclara o que deve ser aclarado e mergulha na tréva irremediavel o que á treva convém ser devolvido? Paris, que tem visto as enxurradas, os europeis e os fogos fatuos, é a fonte d'agua viva, é o ouro puro no chrysol, é o foco de luz e calor. Sómente, Paris não se revêla tal qual é se não áquelles que vivem, que sentem com profundezza, e para o indifferente e o superficial, permanecerá super-

ficial e indifferente. O vivedor e o festardo podiam ter-se divertido em Montmartre, mas até quando teriam ignorado os effluvios de que o tremendo *mons martyrum* é o depositario? Muitos passaram por Paris e julgaram conhecê-lo. Paris ignorou-os. Muitos pensaram possuir de um modo qualquer Paris. Paris, entretanto, não os possuiu de modo algum. Paris não se vende nem se compra, não se violenta nem se conquista, não se adula nem se intimida. Paris é um dom, dá-se e entrega se áquelles que o merecem. A parisianisação é um phenomeno acima das psychologias, e muito sequanense ha que nunca se parisianisou, máo grado o registo civil. Um destino imprescrutavel, que eu constato e que eu quereria explicar, faz de Paris uma babylonica kermesse, em que se entrechocam e resfolegam massas heterogeneas, e ao mesmo tempo uma cidadela santa, em que só recebem o osculo que predestina os que são portadores do quer que seja de bello, de nobre, de grande, isto é, de eterno. Os outros, Paris vomita-os na primeira occasião, elimina-os mais tarde ou mais cedo por uma incoercivel força immutavel, a mesma talvez que precipita os reprobos sem surto ascencional no barathro primeiro que os absorve e devora irrevogavel e definitivamente. Se me é licito espannar uma velha metaphora, lamentarei as futeis mariposas que vêm consumir as antennas frageis em torno desse braseiro que aquece e illumina o mundo. Parreiras affrontou Paris, e o seu genio mostrou-se á prova de fogo. As suas azas não esturricaram nem derreteram, o igneo contacto ateou-lhe a flamma interior em que estuava e que se alimenta na lida quotidiana suggestiva de belleza varia e duradoura.

Vi o artista ha dias na sua officina. Retemperei-me no seu entusiasmo perenne e perennemente juvenil. Antonio Parreiras é o mesmo homem de ha vinte annos, crente, ardente, febricitante, estonteante. A palavra irrompe-lhe em catadupa como outr'ora e desmancha-se em labareda. O hispido torvelinho, grisalho agora, da coma esparsa, desencaracola-se pela testa tostada no esbrasear acceso da idéa, e os dois braços com as duas mãos e os seus dez dedos esgaratujam no ar toda uma série de luminosos desenhos fallantes, emquanto o queixo voluntarioso desrapado da antiga ponteaguda barba, avança desmandibulado na eloquencia tumultuaria do pintor que, mesmo fallando, ainda pinta, no qual tudo é pintura sonhada e vivida, no qual tudo é a vida que ferve no amago a exteriorisar e circumvolver o indivi-

duo no mesmo halo que é o proprio mundo em que a sonhar deambula. Quando se consagra assim á arte toda uma existencia, e toda a paixão de uma existencia — e paixão aqui é o termo, porque criar é soffrer — não admira que a fecunda recompensa do «*creare con gioia*», de Stelio Effrena, galardõe o artista. Parreiras hoje é um triumphador, na sua solitaria effervescencia de trabalho. Não me refiro a esse triumpho aliás necessario sobre o meio convencional e ericado de rotina, ao exito favoneado nos salões officiaes, obtentor das honras do cymasio. Parreiras não difficilmente conseguiu esse *dignus est intrare* desde que evidenciou a sua maestria. E ha muito tempo já triumphou assim. Mas o lidimo triumpho vem do poder realisador unicamente. Quem, frequentador das exposições annuaes, não se lembra dessa opulenta série de nús, que o pintor sumptuosamente exhibiu, quando ninguem delle esperava, nem queria, senão a paysagem ou o assumpto historico, em que era já mestre? Foi a surpresa e foi a admiração. Foi o louvor unanime. Foi o triumpho pleno. Do sol e da côr, de que o paysagista enchêra olhos e alma, começou elle a fazer carne, sangue e vida. No Rio, essas télas occupam hoje logar de honra, depois de haverem figurado aqui em consecutivos salões, arrostando a critica e angariando a palma.

O problema do nú, que os antigos resolveram, fica irresolvido para os hodiernos. A linha do corpo humano é um mysterio de infinita belleza abscondita, e a pudicicia que exige a folha de parra accusa suspensão da comprehensividade acarretando embotamento da visão. Que especie ou que duração de cultura necessitará um povo para chegar a sentir e comprehender superiormente? O certo é que a Venus de Milo, na sua nudez se envolve e nos envolve numa atmospheria tal de ineffavel sortilegio, que o contemplador permanece absorto nesse magnetismo casto, sem que a mais leve sombra de carnal deleitação o esfloresca. O Brasil, mesmo na sua capital ufana de esthesia, continúa ainda profano ante o spectaculo do nú e oscilla, prudommesco e prudencial, entre o burguez que reprova e a matrona que arrenega. Resto de religiosidade, num mundo facticio, em que sem base, a religião estagnou em manigancia e se desraizou das almas, ou instillação de pictismo protestante e de catecismo positivista numa sociedade *snob* toda de bruços para a galeria? A hetaira de Athenas, desnuda, revelou-se intangivel no conspecto dos heliastas, ao passo que a mulher de Helcias, de purissimo donaire, appa-

receu desejavel á retina lasciva dos dois deões de Israel. *Omnia munda mundis*. Os decoradores do sarcophagico Theatro Municipal da Paulicéa, para obtemperar ao pudor paulistano, tiveram que suprimir de uma cornija um inofensivo genio semi-nú e no Rio as cariocas preferiam pudibundas o torcicolo para não olharem o garrido Maneken-Piss que Belmiro de Almeida, o pintor-escultor, conseguira installar numa praça, não obstante a anterior amputação, decretada pelos edis, do famoso pimpolho que no Jardim Publico se apregoava « util ainda brincando ». Se a figura infantil, sem trajos, representando o simples « bonito » ou o « faceto » na arte, é anathematisada, não admira que o nú, na sua realisação esplendida, arrepelle a turba dos moralistas. Elles estão assim a condemnar-se a si proprios. Nos museos allemães, as estatuas têm um pequeno furo no ventre, para a pendura de um pampano preventivo nos dias destinados ás visitas escolares. É a aprendizagem da hypocrisia nos climas onde a virtude sã rareficou, porque a crença veridica desapareceu. Mas o Vaticano guarda ainda, máo grado as vagas do preconceito que vão e vêm, todas as suas estatuas e todos os seus paineis, ostentando a belleza do corpo humano, a que a resurreição promettida restituirá toda a sua inconcebivel claridade. Certo, o artista, realisando o nú, mette mãos a uma façanha gigantesca, e Rodin, esse comprehensor da linha, errou quando inventou o Victor Hugo desvestido que desorna o Palais-Royal. O corpo senecto não se offerece picturavel nem esculpturavel. É por isso que no delicioso celebre quadro de Rodolpho Amoedo, Philetas é o unico personagem a que um pannejamento estro se impunha e o artista ousado que se sentisse com bastante para fazer a divina Pucella inteiramente núa crearia talvez a primeira Joanna d'Arc digna de estar numa cathedral, sem o accessorio das armaduras, inutil e grosseiro para significar a força intrinseca da fulgurante mensageira do alto. Tanto peor para os desalmados que não pudessem olhar para ela adorativamente, não sabendo circumvolvel-a dessa cotta de luz com que o Espirito Santo protegeu muita vez a lyrial brancura das virgens ameaçadas. A esta theoria não obsta a carnalidade enxundiosa do ainda assim poderoso Rubens, nem o realismo ardente de um Ticiano, e aquelle que sabe do inerte modelo tirar um exemplar de belleza e uma attitude em que se enalteça a linha, faz obra sempre de poeta a ser vista com olhos de poeta.

Antonio Parreiras, paysagista, continuou a ser poeta quando enfrentou o nú, arduo labor que uma inspiração feliz favoreceu. Tenho diante dos olhos uma copia da sua *Nonchalance*. É o seu quadro do ultimo *Salon*, de ante-guerra. Essa descuidosa creatura que dorme estirada sobre estofos e alfayas, que são alfayas e estofos do Tiepolo, deixou cahir ao lado, no chão, uma rosa a esfolhar-se, e sonha. Impressão de suave repouso e clara harmonia, que se desprende dessa alcova silenciosa, e o verso de Hugo canta-nos interiormente :

Chair de la femme, argile idéale . . . O merveille!

O ideal plastico é, sem duvida, por varias razões que rememem cosmogonias intraductiveis, a forma androgynica, de que, entre outros, discorreu Platão. A estatuaria grega individuou definitivamente o androgynato, arcano que os Romanos não desconhecera e que a Renascença, que tudo sabia, comprehendeu. Como, porem, exalçar a essa noção suprema os amantéticos de photographia secreta e tornar comprehensivo nas escolas e academias esse mysterio ante-secular do nú? Emquanto o limo adamitico se não houver enfim remodelado redemptoriamente na Héva paradisiaca, e vice-versa, o problema permanecerá enigma em via de resolução, nas tentivas da téla, do marmore, do bronze.

Para esse longinquo termino, Parreiras deu varios passos. É um dos nossos mais gloriosos pintores de nú, e o seu diptyco ora em execução — indios de alcatéa dentro da matta, caçando o jaguar — possui uma força que eu não recearia chamar michelangelesca, se o Buonarroti houvesse tido a seu favor o concurso da espessura tropical que a sua truculencia dominaria. Parreiras neste momento anda matutinal pelo *Jardin des Plantes* a surpreender nos seus meneios um felino digno dos nossos sertões e eu, deixando agonisar o monstro marchetado na clareira umbrosa, em que o pintor o faz estortegar resupino, volto-me para os dois enormes tupinambás, tapuyas ou tupiniguins, da primeira téla. Dentro desses doze metros quadrados de paysagem retorcida e luxuriante, elles monumentalizam-se no primeiro plano, na calma e na força giganteas dos seus musculos invenciveis. Maiores que o natural, esses dois corpos nús, de uma factura vasta, firme, sólida, demonstram o artista na plena posse dos seus recursos absolutos. Os selvicolas retezam-se e amolgam-se na densa rama-

lhada, espreitando a fêra, que feriram, e que se vê estrebuchar na segunda téla do diptyco. Elles são realmente os senhores da grande natureza, que parece ter-lhes inoculado aquella força e aquella calma, e com a qual elles fazem como um só corpo con-nexo na immensa e grave solemnidade silenciosa e viride. Parreiras deu o maximo da sua sciencia e do seu poder nessa dupla téla, que é um vibrante poema em dois indivisiveis cantos.

Nesse poema, atravez a grandiosidade masculina da selva mysteriosa, o symbolo entreabre-se nostalgico e prophético da terra brasileira feraz e potente, que o homem um dia haverá de cultivar e dominar com a energia que lhe vem do sol e do solo e desse sangue opulento e longinquo do indeterminavel selvagem, que, desperto em nós, em breve nos definirá como typo e nos contemplará como raça, dando-nos uma aristocracia que ainda desconhecemos, mas que suspeitamos, na obtusidade ponciva do nosso desejo de ser civilisados, sem ainda saber o que somos como povo, e a que viemos. E temos que olhar primeiro para o indio, depois para a floresta. Não para nos atrapalharmos em vão com a superflua e melliflua litteratura de mohicans e hiawathas, mas para talvez austeramente lembrar que os Incas, remanescentes de irrecuperaveis Atlantidas submersas, floriram e reinaram numa formosa e clarividente civilisação. O indio acabará por nos revelar os climas de onde o atiraram quem sabe que diluviaes catastrophes, climas aos quaes pertencemos nós, residuos de que aureas edades excelsas e exterminadas. Porque o selvagem é um civilisado que extranho castigo remoto derrancou. Saberemos então o que fazer da floresta, que se espalhará e se alevantará uber-rima á nossa semelhança, pois uma nação não se verifica civilisada senão depois que a alma collectiva conseguiu apprehender e artefactar o ambiente. No Brasil, o homem, o páo e a rocha crescem do mesmo modo, e, vendo o diptyco de Parreiras, eu tenho a videncia exacta que a nossa heterogeneidade se integralisará bem presto em acção, harmonia, pensamento operante e productivo, com a segurança de um destino e a consciencia de uma missão.

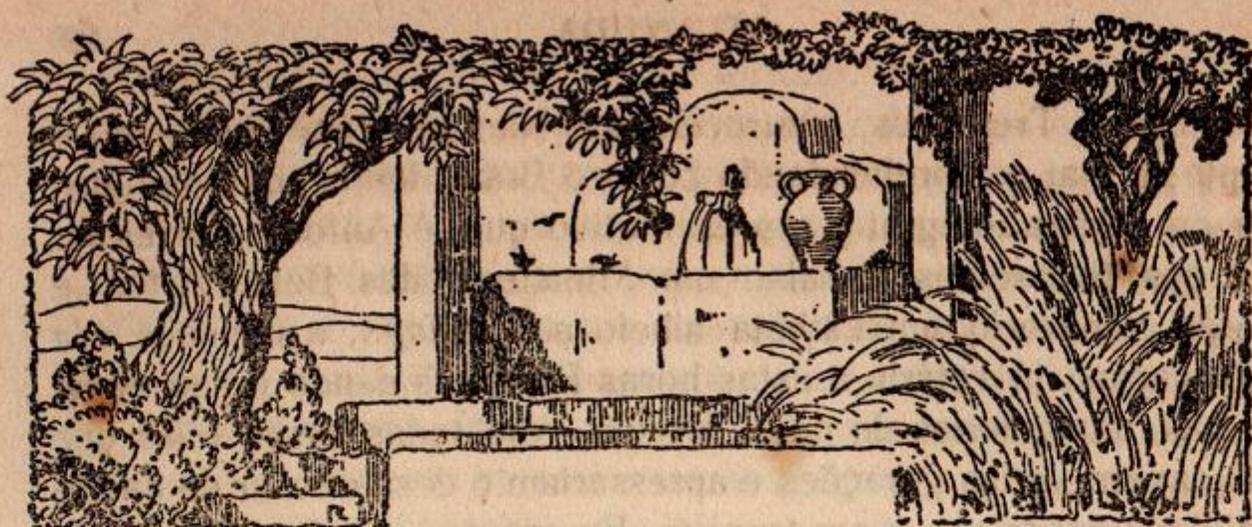
Antonio Parreiras é o typo desse brasileiro do futuro. A sua officina é reconfortante pelo espectaculo do labor e da tenacidade no querer. As amplas paredes do quadilatero em que trabalha o artista estão tafulhadas de télas. Ha alli todos os tamanhos e todos os generos, patenteando a inlassavel continuidade no esforço e renhido pelear com o invisivel ideal. Quantos quadros vi e

examinei? Trezentos, quatrocentos? Não sei, sahi illuminado e tonto, e mal comprehendendo como o Brasil tenha podido produzir um artista integral e representativo qual é Antonio Parreiras. Se nós tivéssemos lá-baixo um Ministerio das Bellas Artes e nesse ministerio um estheta alheio a *meetings*, a eleições e a advocacias, já estaria a estas horas Parreiras dando o seu nome a uma das galerias da nossa Escola, com todas essas télas que educariam varias gerações e apressariam o desabrochar da nacionalidade em transe e em transito. Emquanto espera, vai Parreiras proximamente abrir duas exposições successivas em Paris e em Londres. Serão dois acontecimentos. Fallar-se-ha do Brasil no velho-mundo com certo respeito e certa convicção, do mesmo modo que delle se fallará no dia em que fôr executada aqui convenientemente qualquer coisa, symphonia ou opera, de um Alberto Nepomuceno ou de um João Gomes, sendo ocioso citar o outro Gomes, do *Guarany* e do *Schiavo*, desordenado e niagaresco esbanjador do Som. Parreiras, que o meio artistico de Paris acata e applaude, guarda, além do mais, a insigne meritoria prerogativa de se não estrangeirar e de proseguir brasileiro por dentro e por fóra, da cabeça aos pés, e se o paysagista viajor não se furtou por vezes á tentação de fixar aspectos da doce França, do dulcissimo Portugal, da Suissa, da Belgica, da Hollanda, a alma do poeta vibra sempre, numa série de paineis evocadores, com os freis Canecas, os padres Miguelinos, os Josés Peregrinos, com ubirajaras e caramurús, e expande-se verdadeiramente na furia, creadora quando o seu pincel com saudade resurge tudo o que fomos, com lampejos antecipados da intuitiva esperança do que havemos de ser.

Por isso é elle o excepcional pintor do Brasil. O Brasil saudará nelle o seu mais possante glorificador. Quando? Eu quizera augurar essa justiça para muito breve. Emquanto essa justiça não se faz, eu proclamo Antonio Parreiras, pelo trabalho tenaz e pelo brilho desse trabalho, o mais typico e o mais dynamico dos nossos artistas, o mais completo dos nossos pintores. O luctador, que nelle crepita e explode, luctador solitario, e portanto indomavel, saberá ainda esperar, trabalhando sempre, a hora em que, da Patria amada, lhe virá, num appello, o nome que aqui já ninguém lhe regateia, de Mestre.

Paris. Dezembro de 1917.

JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE.



O Eterno Retôrno e o Optimismo de Nietzsche

(Dum trabalho em preparação, *O Eterno Retôrno*. Este trabalho, já hoje quâsi completamente redigido, abrangerá as seguintes partes: I. O Eterno Retôrno em Nietzsche. II. As formas Frustes do Retôrno. III. O Eterno Retôrno na antiguidade e na Idade Média. IV. O Eterno Retôrno nos tempos modernos. V. Retôrno de identidade específica e retôrno de identidade numérica. VI. A Originalidade de Nietzsche. VII. Os Fundamentos; classificação das doutrinas. VIII. Crítica das objecções. IX. As verdadeiras objecções. X. As Contradições. XI. As Conseqüências pragmáticas dêste trabalho já demos dois artigos na *Aguia*. — O excerpto que hoje publicamos constitui a parte final do primeiro capítulo).

Na quarta parte do *Zarathustra*, depois de alguns discursos em que a idea do retôrno é mais ou menos claramente expressa¹, o velho profeta reúne os homens superiores e o mais feio dos homens, junto da sua caverna, «na noite fresca e pensativa», em que se vê rebrilhar «a grande lua redonda e as cascatas argênteas». Vai dizer-lhes o grande segrêdo da Vida. A própria noite o parece escutar. Fâ-lo de uma forma velada e misteriosa, como se falasse de alguma coisa ao mesmo tempo religiosa e terrível, que apenas pode ser dita, balbuciada, ao ouvido dos iniciados. «Ó homens superiores, aproxima-se a meia-noite: vou pois dizer-lhes alguma coisa ao ouvido... com tanto segrêdo, tanto temor, tanta cordialidade... Silêncio! Silêncio! Ouvem-se muitas coisas que se não ousam dizer durante o dia; mas agora que o ar é mais

¹ Ela forma, por exemplo, o assunto da canção do Encantador («Der Zauberer», *Werke*, vol. VI. pp. 366-370).

puro, que o ruído dos vossos corações se calou, êle também, — agora as coisas falam e ouvem-se... A hora vem, a hora em que tiritio e em que gelo, que pergunta, pergunta, pergunta: «Quem tem coragem bastante para isso? Quem deve ser o senhor da terra? Quem quer dizer: *assim* é preciso que correis, grandes e pequenas correntes!» — A hora aproxima-se; ó homem, homem superior, tem cuidado! êste discurso é para os ouvidos subtis, para os teus ouvidos... A dor diz: «Passa! Vai-te, dor!» Mas tudo o que sofre quer viver, para se tornar maduro e alegre e cheio de desejos, — cheio de desejos do que é mais longínquo, mais alto, mais claro... «Eu quero herdeiros, assim fala tudo o que sofre, eu quero filhos, não me quero a mim». — Mas a alegria não quer nem herdeiros nem filhos, — a alegria quer-se a si mesma, quer a eternidade, quer o retôrno, quer tudo o que se assemelha eternamente... Dissestes já porventura *sim* a um prazer? Oh! meus amigos, então tendes dito *sim* a todas as dores. Todas as coisas estão encadeadas e entrelaçadas, todas as coisas são amorosas! Quisestes já porventura que uma vez fôsse duas vezes, dissestes já porventura: Tu agradas-me, felicidade! momento! instante fugaz!? Assim tereis querido que *tudo* volte! — tudo de novo, tudo eternamente, tudo encadeado, entrelaçado, amoroso, oh! é assim que vós tereis *amado* o mundo, vós que sois eterno, vós o amais eternamente e para sempre, e dizeis também à dor: desaparece, mas volta! Porque toda a alegria quer a eternidade — toda a alegria quer a eternidade de todas as coisas, quer mel, quer fel, quer uma meia-noite de embriaguez, quer túmulos, quer a consolação das lágrimas derramadas sôbre os túmulos, quer um crepúsculo doirado, — o que não quer a alegria!... Aprenderam agora o meu canto? Adivinharam o que êle quer dizer? Pois bem! Vamos! Homens superiores, cantai o meu canto, cantai-o em roda! Cantai agora vós mesmos o canto, cujo nome é «mais uma vez», cujo sentido é «em toda a eternidade»! — cantai, ó homens superiores, cantai em roda o canto de Zarathustra¹.

«Ó homem! tem cuidado!

«Que diz a meia-noite profunda?

¹No original, «Zarathustra Rundgesang». Nietzsche emprega decerto «Rundgesang» para evocar o círculo, a roda do tempo, o retôrno. A letra seria: «Cantai o canto-de-roda de Zarathustra».

«Eu dormia, eu dormia,—
 «Dum sôno profundo eis-me acordado—
 «O mundo é profundo,
 «E mais profundo do que pensara o dia,
 «Profunda é a sua dor, —
 «A alegria mais profunda ainda que o sofrimento:
 «A dor diz: Passa!
 «Mas toda a alegria quere a eternidade,
 «Quere a profunda, a profunda eternidade!»

E assim, depois das doze badaladas do sino que dá a hora da meia-noite, badaladas que fazem como que o eco de cada um dos versos e que partem dum velho sino que viveu mais que um único homem e contou já as palpitações dolorosas dos corações de nossos pais, — dum sino a quem já todas as dores dilaceraram o próprio coração,—e depois de afirmada a verdade suprema que Zarathustra tinha para dar aos homens superiores,

. . . Alle Lust will Ewigkeit,
 Will tiefe, tiefe Ewigkeit!

termina êsse estranho canto de embriaguez, a que Nietzsche soube dar um tão soberbo lirismo e um acento tão perturbante¹.

Qual a significação exacta destas palavras do Nietzsche? O que há no fundo desta poesia misteriosa? Max Nordau, depois de transcrever de *Zarathustra* pouco mais ou menos o trecho que deixámos inserto, faz êste comentário: «E o sentido desta louca borrasca de palavras remoinhantes? *É que se deseja um fim à dor, a duração à alegria!* É esta espantosa descoberta que Nietzsche expõe nessas frases dementes!²» O apanhado que Nordau fez no «Canto de embriaguez», de Nietzsche, é um pouco diferente do que atrás deixámos, mas não tanto que nele se não encontre também a passagem seguinte: «*E direis também à dor: desaparece, mas volta!* Porque toda a alegria quere — a eternidade. Toda a alegria quere a eternidade de *todas* as coisas, quere mel, quere fel, quere uma meia-noite de embriaguez, quere túmulos, quere a consolação das lágrimas derramadas sôbre os túmulos, quere um crepúsculo doirado — *o que não quere a alegria!*» Pois não

¹ Esta transcrição é constituída por várias passagens do capítulo «Das trunkne lied», vol. VI, pp. 461-471.

² Max Nordau, *Dégénérescence*, trad. fr. de Dietrich, 7.^a ed., 1907, t. II p. 313.

é evidente que Nietzsche não exprimiu aqui o banal pensamento de que se quer um fim à dor, a duração à alegria, mas que a alegria quer tudo, *mesmo a dor* (o sofrimento, o fel, os tómulos — *o que não quer a alegria!*), pois que ela é essencialmente uma afirmação de vida? Um ilustre filósofo dinamarquês contemporâneo¹, menos fértil em insultos e mais desejoso de penetrar o sentido íntimo das coisas do que de procurar doentamente estigmas de degenerescência, refere-se assim ao «Canto da meia-noite»²: «Nietzsche exprime aqui sob uma forma poética a velha teoria biológica do sentimento do prazer como expressão da força e do progresso da vida. Em todo o movimento do prazer vê êle uma vontade de conservação e de continuação da vida». Não há, pois, dúvida nenhuma que Nietzsche exprime naquela passagem o carácter eminentemente afirmativo do prazer.

Mas examinemos de mais perto o pensamento de Nietzsche, porque êle contém alguma coisa mais. Se chamarmos optimismo, à falta de termo mais justo, a essa attitude filosófica que se caracteriza pela seguinte afirmação: a vida merece a pena ser vivida — como deverá ser entendido o optimismo de Nietzsche? Arriscar-nos-íamos muito a falsearmos profundamente as suas ideas se julgássemos que êle supunha que no balanço da existência era a felicidade, o prazer, que entravam em maior parcela. Não há erro maior do que afirmar que, «segundo Nietzsche, a média da vida está na felicidade»³. Nenhuma outra apreciação teria considerado Nietzsche como mais injustificada, e, podemos dizê-lo, mais caluniosa. Nietzsche não é, evidentemente, o homem das médias. Nenhum processo de avaliar ou de justificar estaria mais afastado das tendências mais profundas do seu ser. Repugnar-lhe-ia o mais

¹ Referimo-nos a Höffding, *Philosophes Contemporains*, trad. fr. de Tremesaygues, 2.^a ed., 1908, p. 166.

² Todavia Höffding, seja dito de passagem, confunde o «Canto da meia-noite» da 4.^a parte do *Zarathustra*, que é realmente intitulado «Das trunkne Lied», com o também admirável «Canto da noite» («Das Nachtlied») da 2.^a parte, que abre por estas palavras: «É noite: eis que falam mais alto todas as fontes borbulhantes. E a minha alma, ela também, é uma fonte borbulhante» (p. 153). É a êsse canto, e não ao da 4.^a parte, como pretende Höffding, que Nietzsche chama «o mais solitário que foi ainda composto», e foi êsse que o nosso filósofo escreveu numa noite de maio, em Roma, numa *loggia* da praça Barberini («Ecce Homo», *Werke*, vol. xv, p. 92).

³ Combatemos aqui a afirmação contida num artigo, aliás detestável, de Georges Batault, na *Revue Philosophique*, fevereiro de 1904, p. 167.

possível êsse processo — como direi? — comercial de aquilatar o valor da existência. O que constituía para êle o critério dêste último não era a extensão, mas a intensidade do prazer. Não era pois numa operação aritmética a realizar sôbre instantes que estaria a decisão do *differendum* entre optimismo e pessimismo. Pelo contrário, num *único* momento de alegria suprema toda a existência devia ser justificada e abençoada.

Pour une heure de joie, unique et sans retour,
De larmes précédée et de larmes suivie,
Pour une heure, tu peux, tu dois aimer la vie:
Quel homme, une heure au moins, n'est heureux à son tour!

SULLY PRUDHOMME, *La Joie*.

O verdadeiro pensamento de Nietzsche é que bendizendo, glorificando um instante de profunda, de exaltada alegria, um instante singular, que se não confunde com nenhum outro instante — «une heure de joie, unique» —, temos com isso bendito e glorificado a nossa existência inteira, e com ela toda a existência, bendito e glorificado mesmo as nossas dores e as nossas amarguras, e as dores e as amarguras do universo. *Por êste momento, por êste único momento, bendita seja a vida!* É que, segundo Nietzsche, tudo se prende no universo. Não é êle que diz, qual outro estóico, que todas as coisas estão encadeadas e entrelaçadas, que todas as coisas são amorosas? Se assim é, cada instante da nossa vida é um resultado de *toda* a nossa existência anterior e de *toda* a anterior existência universal. Esse instante não teria sido exactamente o que foi se atrás dêle não houvesse o nosso passado e o passado do universo inteiro, para lhe darem o seu corpo, a sua alma, a sua voz, a sua côr especial. E como ao nosso futuro e ao futuro de tudo não será de todo indiferente o momento que vivemos e dêle resultarão êles, pelo contrário, em algum grau, somos, pois, obrigados a justificar toda a vida para poder justificar um único instante dela. E ainda o pensamento não ficou expresso em todo o seu rigor: a verdade é que justificamos *realmente*, quer o saibamos quer não, *toda a vida* num único momento dela, desde que o abençoamos, porque nesse momento toda a vida está somada e realizada, é ela que está presente, é ela própria que se vive — e foi ela pois que foi afinal afirmada! O oceano do tempo veio bater, para nossa felicidade in-

dizível, na praia do instante. E para exaltar a beleza da praia dourada, beijada por lábios de espuma, temos de exaltar também, no mais íntimo de nós mesmos, o grande mar oceano que veio banhá-la e todas as suas ondas salgadas e todos os seus abismos profundos e todas as suas cóleras e todas as suas tempestades e os seus naufrágios.

Vemos assim que o optimismo de Nietzsche é ainda mais largo e mais profundo que o que se exprime nos versos do poeta-filósofo francês, pois êle é uma aceitação, uma afirmação, uma bênção universal. Transpõem-se com êle as fronteiras da nossa personalidade, para aceitarmos também o pêso de toda a dor universal. Todas as coisas são em nós legitimadas e justificadas; todas as coisas encontram num instante o que as absolve de *ser*¹. Para Nietzsche, podemos dizê-lo, o nosso momento mais feliz é como que a mais alta montanha a que subimos, para daí abençoar a Vida.

Nada mais fácil, decerto, do que refutar as falsas razões dêste optimismo espasmódico, que absorve toda a vida num momento de prazer, e que tem a sua origem num dêesses numerosos paralogismos com que o espírito poético e apaixonado de Nietzsche tantas vezes se deixava iludir. Mas estamos muito distantes daquela tremenda banalidade que o médico austríaco lhe atribui; e para quê, pois, os epítetos soezes dessa medicina iracunda, que precisa ela própria de calmantes para sossegar os nervos?

Mas em alguma coisa mais, e em alguma coisa de muito essencial, o optimismo de Nietzsche transcende o ponto de vista da poesia de Prudhomme. Fala-nos o poeta de *une heure de joie, unique et sans retour*. «Sans retour»: eis o que o nosso filósofo não poderia de forma alguma admitir. O optimismo é nele levado a um ponto tal que não aceita apenas a vida tal como ela é, mas a quere ver repetida eternamente, com as mes-

¹ O raciocínio de Nietzsche é caracteristicamente estóico. E era também como bom discípulo do Pórtico (que antes dêle defendera o princípio dos indiscerníveis, a doutrina do melhor dos mundos possíveis e outros princípios leibnizianos) que Leibniz escrevia na sua *Confessio philosophica*: «Suprimi os pecados, toda a série das coisas mudará; sendo assim suprimida ou alterada a série das coisas, a última razão das coisas, isto é, Deus, será também suprimida e alterada».

mas dores e as mesmas alegrias. E com as mesmas dores e a mesmas alegrias, porque é êsse o preço da reprodução do Maior Instante. Que importa o sofrimento, o mais cruel sofrimento, se tudo se conspira para O produzir? Uma vez mais, pois, todas as dores, para mais uma vez vivermos aquele minuto prodigioso. Queremos a existência futura em alguma coisa diferente da actual seria renunciarmos à beleza simples, íntegra, absoluta daquele instante. Tudo se passa como se êle fôsse a causa final e o remate supremo da existência, como se toda a Vida nele desaguasse, nele se perdesse, e nele se justificasse. *Por êste momento, por êste único momento, ainda uma vez mais!* Eis a afirmação mais radical do optimismo nietzscheano. «Quem como eu — escreve êle algures — se esforçou, levado por uma enigmática curiosidade, a pensar o pessimismo até as suas profundezas... talvez tivesse por êsse modo, e sem que precisamente o tivesse querido, aberto os olhos ao ideal contrário: ao ideal do homem mais orgulhoso, mais exuberante de vida, mais afirmador do mundo, que não aprendeu apenas a resignar-se, a suportar o que foi e o que é, mas que quer que êle novamente seja, tal como foi, tal como é, por toda a eternidade fora, gritando insaciavelmente *da capo*, não só a si, mas a toda a peça e a todo o espectáculo, e não só a um espectáculo, mas, no fundo, àquele que tem necessidade dêsse espectáculo — e o torna necessário: porque se quer sempre de novo a si mesmo — e se torna necessário. Pois quê? E não seria isto — *circulus vitiosus deus?*»¹ Há, pois, aqui o optimismo, a aceitação da vida, levada até a sua mais longínqua expressão. Nietzsche não rejeitava coisa alguma; por amor dum instante êle aceitava toda a eternidade. Como escreveu êle próprio, Nietzsche disse «*sim e amen* numa maneira enorme e ilimitada»². Assim seja! e assim volte a ser eternamente! Foram estas as palavras que êle dirigiu à Vida.

Para julgar êste optimismo com justiça, não pensemos em assaltar a aljava do velho Schopenhauer, e em roubar-lhe os raios olímpicos e as injúrias teutónicas. Que Júpiter tonante descanse em paz. Porque aqui, se há alguma cousa a fazer, é admirar co-

¹ Nietzsche, «*Jenseits von Gut und Böse*», cap. III., afor. 56, *Werke*, vol. VII, p. 80.

² Nietzsche, «*Ecce Homo*», *Werke*, vol. XV, p. 97. — Cf. *Zarathustra*, p. 241.

movidamente. Eu não posso aceitar a doutrina optimista de Nietzsche; a filosofia de Zarathustra é uma filosofia de solitário; ela esquece as dores para que não há, para que não houve compensação. Porque é que hei-de bendizer a Vida, por um só instante de prazer magnífico, e não a hei-de antes amaldiçoar, por um único momento de dor incomportável? O problema do valor da vida não recebe assim uma solução absolutamente geral e independente desta ou daquela vida particular. Demais a teoria de Nietzsche implica a atribuição, à mais alta alegria de cada um, dum *optimum* absoluto que em bom direito se lhe pode contestar. Mas as razões que me levam a não prestar a essa doutrina o meu assentimento não me impedem de admirar as qualidades morais que a sua defesa presuppõe. Que intensidade de emoção, que profundo sentimento da vida não é preciso possuir para concentrar num só momento a existência inteira, para êle a poder, por assim dizer, suprimir em si! Que valor absoluto não é necessário atribuir a *uma* obra de beleza, a *um* minuto de inspiração ou de amor, a *um* simples acto de coragem ou de virtude!¹ E que poder de lembrança, que culto das coisas passadas ela exige! E depois, a nobre coragem, a bela valentia que há em suportar sem um queixume todas as dores, não hesitar em querê-las novamente e para sempre!

É que se não deve esquecer que a vida de Nietzsche foi uma luta constante contra a dor. Duravam bem pouco os raros dias de sol, que a iluminavam com um sol de outono. Só num ano contou Nietzsche 118 dias de acessos violentos, com cefaleia, náuseas, dores de estômago e de olhos². Pois bem! Nietzsche, longe de encontrar nos seus males pessoais razões para maldizer a vida universal, ama a vida com o amor mais forte e mais entusiasta, e não só a aceita tal como ela é, mas deseja a sua repetição absoluta, na infinidade dos tempos. Neste sentido pode-se dizer que a doutrina do eterno retôrno é bem uma pedra de toque. Dizia o pensador dinamarquês Kierkegaard que «aquele que de-

¹ Porque à sua noção de felicidade não se deve dar um sentido grosseiramente materialista. O instante que deve absolver a vida não é o dum simples prazer libidinoso dos sentidos. Felicidade é para êle, no fim de tudo, nobilitação da vida, triunfo sôbre nós mesmos, admiração e criação do belo, alargamento e aprofundamento da consciência. Ele tem uma noção estética, heróica, dionisíaca, podíamos dizer trágica, do prazer.

² Lichtenberger, *La Philosophie de Nietzsche*, 13.^a ed., p. 81.

seja a repetição, êsse é um homem»¹. Duma maneira absoluta, esta fórmula não é exacta; mas podemos afirmar que aquele cuja vida foi um sofrimento quási contínuo e para que voltem uns curtos momentos de entusiasmo e de grandeza deseja ainda que se repita toda a série dos sofrimentos, êsse sem dúvida é um homem.

Nietzsche foi um desses homens. Tantas e tantas vezes solicitado pela sua experiência pessoal — e com que crueldade! — para amaldiçoar a Vida, êle ficou-lhe sempre fiel, e sempre em seu louvor cantarâ, até a catástrofe final, os hinos mais dignos dela. Não, ninguém como êle lhe quis; porque êle amou-a para além da morte, mesmo para além de mil mortes, amou-a na eternidade. Dizia êle, com admirável bravura, numa carta escrita em 1880: «Nenhuma dor pode nem deve ser capaz de me obrigar a dar um falso testemunho sôbre a vida, tal como ela aparece ao meu espirito»².

O poema de *Zarathustra* não nos chegou às mãos completo: êle devia abranger mais duas partes, em que a idea do retôrno assumiria ainda um lugar mais importante.

Mais fortemente sobressairia então a íntima unidade de toda a obra, e essa idea appareceria, bem mais claramente do que nas outras quatro partes, como a sua concepção fundamental. Zarathustra, acabada a obra de negação e de destruição, terminada a luta de castas, com as mãos livres para abençoar, voltaria para o seio dos homens, mesmo dos mais pequenos, para lhes prègar a grande verdade, levando-lhes com o seu último suspiro a sua dádiva mais preciosa. Seria então que todos os homens tomariam conhecimento da doutrina do retôrno. É isto a Vida, diria Zarathustra; querei-la uma vez mais? E ao ouvir o *sim* dos homens, o velho profeta, abençoando tudo em sua volta, abençoando todos os acontecimentos da sua vida, morreria de alegria.

A obra prima de Nietzsche é, pois, mais do que o poema do Superhomem, o poema do Retôrno. Na história da literatura do mundo, Zarathustra ocupa o polo oposto do velho Eclesiastes. Ambos êles afirmam a seu modo a eterna repetição das coisas; ambos êles negam um sentido, um verdadeiro sentido, à vida humana e à vida universal. Mas perante a monotonia da existência,

¹ Höffding, *Les Philosophes Contemporains*, trad. fr., p. 167.

² Citado por Höffding, *op. cit.*, p. 143.

ante a vertigem do eterno rodopio, êste abre na árida planície da Judea um largo bocejo de enfado e de amargura, emquanto aquele levanta nas verdes alturas de Engadina, por sôbre o mundo, um clamor de triunfo e de alegria. Êste é o poema elegíaco do Retôrno, aquele o seu poema ditirâmico. Zarathustra é o *nihil sub sole novum* do Ecclesiastes transposto em optimismo.

RAÚL PROENÇA.



.....

Improvisado em mesa êste peitoril de janela, onde tanta vez me debrucei já para o rio, eis-me escrevendo o que eu gostava mais de pintar, se me fôra dada a maravilhosa magia da côr, com êste mesmo peitoril transformado em cavalete e o meu lápis de grossos, rápidos apuntos, em encantado pincel de colorista.

Aqui, como toda a casa é uma varanda para o rio que, em frente desta architectura antiga e acolhedora da «Calçada» por vezes mais parece o lago, com que a fidalguia extreme dos donos se lembrasse de contentar os olhos, cansados da cidade e casario, dos seus hóspedes, aqui, a água tranqüila e larga do Tâmega, que só se escuta pelo ruído, vindo das azenhas lá do fundo, ou a água que canta, por muitas bôcas miraculosas de Juventia, nos jardins, desempenha um papel que se assemelha muito ao que os moralistas marcam à «Imitação de Cristo», para a cura das almas transviadas. Não há modo de supor-se que neste ambiente realizador dum ideal de lar perfeito — com igual consistência de paredes na casa e de affectos na família — possa alguêm, por mais doente de alma ou gasto de fôrças, deixar de corrigir os prejuízos a que as grandes despesas de energia da vida perdulária que passa, forçam os mais prudentes. Por mim, falo de contente e habituado por meu bem a esta vida de contemplação e êxtase, duma janela para a outra, constante na minha paixão pelo rio, em que, neste instante, nítidas se reflectem as casas da outra margem, numa frágil architectura, que a asa mais leve, bulindo na água, desconjunta.

Agora mesmo, as tredas nixes deixaram de bailar sôbre o rio as suas danças de neblina. Quebrou-se-lhes, desfez-se, com o

mêdo do sol, a grande umbela de névoa sob que celebram o seu ritual estranho de amavios.

Há véus traiçoeiros de bruxas de água que eu vejo ainda a esgarçarem-se ao longe, nos arvoredos.

E dizem até que essa infinidade de teias molhadas e rútilas, que povoam os braços das árvores vizinhas, tornarão a juntar-se numa grande teia enganadora, lá para a madrugada, quando todas se deitarem cansadas da sua ronda, nos seixos do rio ou nas relvas macias da margem.

Já a luz que traspassou o ar húmido se pôs a beijar a água, com ternura.

Eis o rio !

Trunca-o a velha ponte de pedras morenas, todas lembradas ainda de pugnas com franceses, louros ferozes que por aí andaram acendendo fogos e heroísmos ; e a água parece que nasce, ali mesmo, dentro do curvo recorte da sombra das arcadas, para ir parar, lá em baixo, onde, torcendo bruscamente, as duas margens se confundem e o estrangulam no rumor monocórdio das azenhas.

Nesta paisagem familiar, branda e modesta, sem concentração nem reservas, tudo assemelha alguns aspectos muito conhecidos, não se sabe bem donde, talvez do próprio coração do Minho.

O céu é muito azul e o casaredo da vila que lobrigo é duma grande paz religiosa, em que nem faltam campanários vigiando pela tranqüilidade das almas.

Aqui, em frente, o rio é largo e as águas verde-escuras quasi imóveis, talvez por não terem que espelhar senão o casario parado e as verduras mansas que o circundam.

Nenhuma grande dor passada o consome, por certo, como a outros rios, cujas mágoas engrossantes, entre ribas, soluçam a pena de nem fôlha verde reflectirem. Calmo, como o convento fronteiro que, segunda a lenda, só sabe de epitalâmios felizes, o rio não tem de afligir-se a perfurar as lajes que o cercam, como se as lavadeiras bastassem para gastá-las, no seu bater constante de roupinhas.

As sombras na água fazem-me esquecer, súbito, a vida que se agita acima dela, para pasmar ante a mobilidade e a desenvoltura dos frisos policrómicos que o casaredo e as árvores das bandas constroem debaixo da água, desde a sombra bojuda e solene do convento até a mancha indecisa e afogueada dos telhados marseheses mais distantes, através do finíssimo desenho verde luminoso

duma latada marginal, bruscamente gritando pela pontuação vermelha dum trepadeira florida que, com a oca envelhecida dum frontaria antiga, marcam os pontos de côr naquilo tudo.

Há pouco, ao desfazer da neblina, a água do rio espreguiçou-se e ficou muito tempo intranquã, arripiada, erriçada quãsi, às carícias do sol.

E então foi de ver a pintura das sombras na água, nem uma nítida, indecisas todas, dir-se-iam pontuadas, como as paisagens de certos pintores da escola impressionista, me parece, a quem, vejo-o agora, faltou originalidade no processo que a natureza, mais antiga, usava, há muito tempo já, quando êles, pobres tontos, supunham inventá-lo.

Nem eu teria erguido de lá os olhos, tão depressa, se as andorinhas me não houvessem notificado que ali estavam, sim, que ali estavam, para que eu as visse.

A grazinante mensagem !

Supõem lá, vocês, o que é a linguagem buliçosa, alacre, incompreendida de muitos milhares de andorinhas que vieram empoleirar-se nos fios, em todos os fios da luz e do telefone que passam sôbre o rio e do lado de lá, nos que o telégrafo cruza sôbre a praça, onde o povilêu se agita ! Ninguêm imagina que interessantes compassos escreveram, nessas linhas aéreas, as asas negras, como notas musicais, dos passaritos, nem como pode fazer-se uma extensa, infinita fiada de andorinhas, curvando os arames ao seu pêso e chilreando e grazinando sempre as pobrezitas !

Mas o mais que elas fazem, meus amigos !

Na irregular frontaria do convento, com sua portada monumental, como que móvel, as avezitas andaram a correr pela fábrica dos nichos, encolhidas junto aos santos, subindo pelos colunelos, encarrapitando-se nos capitéis, debruando o varandim, guarneecendo os peitoris e os caixilhos das janelas, escorrendo das cimalthas, como se toda a praça fôsse seu domínio e povoassem as adjacências, ainda por direito de conquista.

E se não fôsse a insistência das badaladas da tôrre, fúnebres e alarmantes, perdurando através da água, fazendo-a reboar, elas aí ficariam na agitação perpétua das asas, que são toda a nomadaria da vida e toda a inconstância do sonho . . .

«Calçada», em Agosto.

NUNO SIMÕES.



Vozes do Outono

Trad. do chinês (Dyn. Tang)

A beleza da tradução que a *Atlantida* hoje publica, directamente feita do chinês por um dos grandes espíritos da nossa terra, não necessita de palavras que a acompanhem, por tal forma ela se impõe à estesia delicada dos espíritos de alta cultura.

Mas, para o grande público desta revista, essas palavras são necessárias, porque a vida moderna não deixa a todos que lêem o tempo necessário para o recolhimento espiritual que o poder evocador do artista não pode suprir, num meio tão diverso, numa civilização tão estranha àquela que produziu essa preciosa e translúcida jóia, onde uma grande civilização espiritual se reflecte e docemente brilha.

A beleza frágil que a arte plástica nos dá necessita dum meio protector que a preserve da destruição e só por êsse aprêço manifestado revele ao público o seu valor; assim, a graça exótica da poesia chinesa interpretada por um artista da rara subjectividade de Camilo Pessanha, que mais parece ter alheado a alma e o pensamento da vida actual, para sentir e viver o mesmo sonho do poeta que há séculos tinha chegado já à cristalização admirável que só os raros atingem, precisa de ser revelada ao público pelo grande aprêço que lhe damos.

Nunca tantos elementos harmónicos se combinaram para dar uma interpretação perfeita à obra espiritual produzida por uma civilização, uma raça e uma lingua tão diferentes da nossa, visto que o seu tradutor é Camilo Pessanha, um grande poeta da alma, evocador, sem intenção racionada, duma vida e dum mundo subjectivo, criador de frases musicais que são as reveladoras sugestivas duma vida abstracta e distinta das existências comuns.

Não nos propomos fazer um estudo literário sôbre Camilo Pessanha, porque o estudo psicológico da sua obra só se fará com a análise de cada um dos

poemas, tão reveladores [de estados de alma que é a maior beleza da sua poesia.

Mas só bem apreciará a tradução chinesa, que a *Atlantida* hoje publica, quem longamente meditar nas qualidades intrínsecas necessárias para uma interpretação, por tal forma perfeita, do pensamento e do sentimento literário — do original.

Quando um dia, e bem desejamos que seja cedo, se publiquem em volume completo as traduções das *Elegias Chinesas*, aparecerá flagrantemente a verdade, que ora afirmamos em face da tradução dum fragmento, embora cheio de intenção e de beleza.

A naturalidade, o sentimento profundo dessa interpretação fugindo do exotismo que a desumanizaria, só o podia dar o talento e a própria vida do poeta, a sua existência à parte, a ancestralidade duma raça há muitos séculos a impregnar-se do Oriente, a finura delicada do seu grande e benevolente espírito, que tudo compreende, sente e justifica, apto assim a compreender e explicar-nos a filosofia duma outra civilização, irradiando a eterna beleza e mocidade do espírito.

Quando o poeta nos entregar o volume completo das suas traduções anotadas é que o grande público poderá sentir a diferença que vai, da interpretação de Camilo Pessanha da poesia e da alma chinesa, à interpretação de António Feijó no seu, aliás lindíssimo, *Livro de Jade*, uma perfeita obra de lirismo parnasiano.

Já por diferenças psicológicas de vida e de sentimento, já por desigualdade de escola, menos apta a impressões estranhas, menos sensível às meias tintas em que se esbate o sentimento intelectualizado, o grande poeta estruturalmente europeu, que é António Feijó, não podia dar na sua linda forma poética a impressão da vida chinesa, mesmo que êsses episódios não tivessem chegado ao seu espírito por intermédio duma outra língua e dum outro temperamento literário, embora subtil, como é Judith Gauthier, que interpretou a poesia chinesa como o pode fazer um europeu que sabe a língua e conhece a vida exterior dum povo oriental mas não consegue penetrá-la e senti-la, como sucede com o nosso poeta. É por isso que as traduções chinesas de Camilo Pessanha serão, a nosso ver, não um acontecimento literário português, mas europeu, estando absolutamente convencidos de que será, talvez, em Portugal, onde menos serão apreciadas.

Os seus poucos versos ultimamente publicados dizem a quem os compreende e sente, como Camilo Pessanha estava psicologicamente preparado para interpretar o pensamento simbólico e a idea velada e superior da poesia chinesa.

Cada palavra, cada frase é uma evocação subjectiva da lenda, da filosofia, da história e dos costumes da velha civilização chinesa, escrupulosamente autenticadas nas notas, que são a parte erudita e formidável, pelo trabalho inteligente e pelo estudo que revela, dessas deliciosas traduções.

Este trecho de prosa que a *Atlantida* publica tem as mesmas características na forma, no pensamento e na interpretação, conseguindo dar no todo um significado diferente das palavras que se encadeiam na expressão de ideas aparentemente simples, não concorrendo para o fim que resalta do facto material, que é o sono da juventude inconsciente, tornando inútil toda a profun-

da filosofia dos velhos sábios. O que é o mundo, a Natureza, o outono ante a força invencível dum bom sono infantil?

Esta profunda filosofia humana, grande pela naturalidade com que se exprime, não nos impede de ver toda a velha civilização chinesa revelada da maneira mais grandiosa, na forma e na essência das palavras do professor.

A concepção da vida, do mundo, da Natureza que nos rodeia revela-nos, da forma mais interessante, uma China ainda mais velha e mais fechada do que essa que mais ou menos supomos conhecer.

O que êste lindo trecho de poesia nos dá não é uma China impregnada do budismo da Índia, mas sim o materialismo panteísta que realiza a teoria dos filósofos que confundem os dois ideais numa forma superior do espírito. O que vemos aqui é um panteísmo largo e mais subtil, talvez, do que foi o dos gregos, que até nas manifestações individuais dos mais antigos filósofos realizaram antropomorfismo.

Aqui não: toda a Natureza se purifica e nos aparece espiritualmente unificada.

As cousas embebem-se no todo, misturam-se entre si e dão-nos as estações e os metais sexualizados. Na profunda evocação filosófica do mestre revela-se uma outra vida, que nós só atingimos quando nos alheamos e elevamos pelo Pensamento!

— «Ai, ai! oh dor! Estas vozes outonais donde será que procedem?»

Ninguê, que conheça Camilo Pessanha e a sua arte subjectiva, deixará de compreender a nossa afirmação de que só êle podia interpretar, e por assim dizer incarnar, o pensamento do poeta chinês. Parece que foi a sua própria alma que viveu aquele sonho da Natureza adormecida, o seu pensamento que evocou toda aquela filosofia desaparecida, dando a cada palavra o seu sentido próprio e imutável.

A nossa língua dá tudo quanto pode dar na interpretação difficilissima das ideas e dos sentimentos duma raça tão afastada da nossa, étnica e psicológicamente. Camilo Pessanha, alma e espírito de eleição, fez um impossível em arte e em pensamento dando-nos estas páginas de beleza espiritual, completando assim a sua grande obra de erudição que tanto virá valorizar a literatura e a lingua portuguesa, comum a Portugal e Brasil.

ANA DE CASTRO OSORIO.

Eu, *Ao-Iéong-Tze*, estava de noite lendo, quando se ouviu aquele rumor, das bandas de Sudoeste. Ao ouvi-lo, reflecti, em um sobressalto:

— É singular! A princípio há o tamborilar da chuva, — que depois se transforma na zoadá do vento, para logo, em um vertiginoso crescendo, dar lugar a estes violentos estampidos, como de grandes vagas apavorando a noite. O vento e a chuva, precipitando-se em turbilhões, encarniçam-se contra o que se lhes defronta; e é uma conflagração retumbante de todos os metais ressoando. Tais os guerreiros, avançando para o combate, ferram

os dentes na mordança, e aceleram a carreira, não se lhes ouvindo gritos de incitamento ou de medo, mas só o estrupido dos peões e dos cavalos em marcha...

Pregunto para o meu moço discípulo:

— Aqueles sons o que são? Vai fora a informar-te.

Responde-me, voltando:

— No céu brilham puras as estrêlas e a Lua; a Via Láctea esplende. Para todos os lados não há voz humana. São vozes do arvoredado...

E eu então:

— Ai, ai! Oh dor! Todas estas vozes outonais donde será que procedem?

Porque a natureza do outono é desta sorte: a tinta por vezes indecisa e pálida, — neblinas à flor da terra e as nuvens acumuladas no alto —; ou, por vezes, o semblante desanuviado e claro, — profundo o céu e radioso o sol —; e um ar de morte, penetrante e gélido, causticando a carne, confrangendo os ossos; e magoado o todo, — outeiros, fontes, ao abandono... como também no tom da sua voz igual volubilidade se revela: plangentemente dorida, e logo clamorosa e irada!

Viçam as ervagens, túrgidas de seiva, rivais em louçania; e as grandes árvores, enramadas e verdes, ostentam-se formosas... E ao seu contacto as ervas esmaecem! E ao seu encontro as árvores desfolham-se! Onde quer que a sua energia destrutiva se exerça, tudo definha e perece!

Pela obra de devastação que realiza, o outono exercita, em cada um dos seus bafejos, uma severa, exterminadora, magistratura; e, como estação, que é, influenciada pelo princípio feminino, ou negativo da natureza, a sua acção tem inevitavelmente de ser análoga à dos exércitos. Dos cinco elementos é o metal o que lhe corresponde. Com razão se lhe chama *amor de justiça do céu e da terra*: é o seu inquebrantável rigor justiceiro que constitui a sua ternura...

Segundo a ordem da criação estabelecida pelo Céu, as plantas nascem na primavera e frutificam no outono. A concordância é perfeita entre as leis da música e as da natureza. O tom *séong* rege as harmonias do Ocidente; *i* é a nota da sétima lua. Ora *séong* é o golpe: quanto envelhece há-de resignar-se a ser cortado... E *i* é o patíbulo: tudo o que atingiu a maturidade, carece de ser eliminado...

Ai de nós! As plantas não têm emotividade: chega a sua vez e tombam. O homem é uma criatura que os seus próprios affectos impulsionam, — a mais transcendente das criaturas. Numerosas mágoas lhe afligem o coração, cuidados mil lhe atormentam a existência. No embate de contraditórias solicitações, o seu espírito há-de por fôrça agitar-se inquieto. E, por sôbre tudo, têm-lhe escravizado o pensamento os objectos que êle é impotente para alcançar, angustia-o a lembrança dos problemas que a sua razão é insufficiente para resolver!

Em poucos anos, da tua juventude rubicunda e pujante nada mais restará que um galho sêco; e o negro de ébano dos teus cabelos há-de em breve tornar-se triste alvura. É a lei fatal. Não somos da natureza dos metais ou das pedras, para disputar aos vegetais a glória da incorrutibilidade.

¿ Se formos a excogitar bem as razões do nosso deperecimento, como havemos de insurgir-nos contra as vozes outonais?

.....
O mancebo não respondeu: Deixara pender a cabeça e adormecera. Apenas, pelas quatro paredes, o *tic-tic* de minúsculos insectos acompanhava em surdina, como a confortar-me, os meus profundos suspiros.

CAMILO PESSANHA.



Impressões dos Bailados Russos

IV

DANÇAS DE «O PRÍNCIPE IGOR»

Lá nos confins da Idade Média, para as bandas do Mar Negro. Um acampamento, com tendas vermelhas e fumarada de fogueiras, colorido por Nicolau Roerich, pintor da Rússia velha.

Também de Roerich, a policromia dissonante dos trajes. Nos Bailados Russos, os fundos e as figuras só excepcionalmente deixam de ter a mesma assinatura.

Derrotado Igor de Novgorod, trata-o o inimigo atenciosamente, oferecendo-lhe, no cárcere, o reboiço estrepitoso das danças de Borodine.

Dançam mulheres nômadas, desenvôltas, berrantemente embrulhadas em sêdas orientais, velando meio rosto com *holis* preciosos de Chiraz e Ispaan, descalças, robustas. Anima-as o entusiasmo pelos vencedores, que desafiam à vitória amorosa, acendendo-lhes o ímpeto selvagem em posturas galhardas, até se quedarem supinas, de joelhos altos, braços hirtos e cabeça pendida, para lhes dar ensejo de as erguer, enlaçando-as.

Saltitam, num parêntese menos agitado, imberbes polovtsianos, de branco e roxo, fustigando-se com as mãos.

Em tornejante cadência, rodopiam outras mulheres, calçadas de altas botas lustrosas. De azul lóio, a Tchernicheva tem um modo único de cingir aos lábios o transparente véu negro.

Como alvejando corações adversários ou águias pairantes, esgrimem os guerreiros arcos bicurvos, volteando, de corda em riste, numa ronda bélica, vertiginosa, que sacode a planície.

Sagitários e circássias misturam-se em fogosa horde, com mongólica fúria. Para os pelejadores errantes, o amor vive do raptó. Pondo cada um sua presa ao ombro, demonstram-nos como o pêso das roubadas companheiras os não verga, e insistem no retesar dos arcos velozes, cujas frechadas silvam metálicamente na orquestra.

Uma seta, imaginária, toca o alvo. Essa que nos crava na memória o desferinte gesto bárbaro.

V

CARNAVAL

Em notas brancas, verdes e douradas de veludo e sêda, a delicadeza do *Carnaval* que Schumann confidenciou ao piano talvez não conserve toda a intimidade na orquestração dos russos, mas, certo, não perdeu entre as mãos de Fokine, amoroso combinador das suas figuras.

C'est très loin, là-bas, sur la grève
De la vie aux contours flottants,
Hors de l'espace et hors du temps,
Dans la musique et dans le rêve!

É no sonho, em verdade, que a scena decorre, como a situou Fernand Gregh; no vago dum sonho galante, a que Bakst apôs uma larga barra azul ferrete.

Nesse luminoso azul, fendido aos cantos, sobreposto ao centro, realçam personagens da comédia italiana, esboçando uma série de cromos de caixa de bombons, que até parecem legar-nos ressaibos de açúcar e baunilha.

Chiarina, de saia verde-garrafa e corpete branco, atravessa o palco seguida por Eusebius, de calça branca, casaca verde e melena romântica. De capucha azul, Estrela leva no encalço a Florestan, de redingote amarelado. Passam, somem-se, tornam a desaparecer e a mostrar-se, jogando aos quatro cantos com a nossa atenção.



Ao fundo, aponta um farrapo enrolado e, logo, uma peúga azul. Eis Pierrot, o lunático, às voltas com a sua imortal neurastenia.

Todo de branco com botões verdes, é, no baile irreal, o triste amante sem amada, pobre diabo azarento,

Battant de l'aile avec sa manche
Comme un pingouin sur un écueil,

em obediência aos versos de Gautier, outro poeta do Carnaval.

Da amarga indesilusão do sonhador zomba o cinismo de Arlequim, um Arlequim diverso do maroto de Bérghamo, um Arlequim louro, elástico, óptimo dançarino, de nome polaco e gesticuladoras chinesices.

Pérfida, Chiarina negaceia com uma rosa vermelha em cada mão; para, moendo-o antes de desespero, brindar com elas o assíduo cortejador, a que Massine empresta inconfundível distinção. Depois, ajustando aos olhos o lupe negro, dança com duas outras máscaras de branco — as três graças à moda de Viena — desgarradas do grupo maior, e todo branco, que, na roda final e na farândola, estonteia de frescura.

Pierrot, êsse, continua parvo de melancolia. Quando, de branco avivado de azul, Borboleta vem esvoaçar-lhe na frente, fica com o novo pesar de a não prender no carapuço.

Alegria da festa, Colombina surde, vestindo um traje em cujos folhos sangram cerejas. É a Lopukova, tamanhinha, alígera, de olhos pávidos e focinhito de cobaia.

Arlequim Idzikowski não podia encontrar melhor parceira. Acriançados como os fez o deus slavo, o amor que os une redundando em brincadeira. Ela dir-se-ia ter corda, êle mostra-se de engonço. Só o néscio Pantalón seria capaz de ter ciúmes, ao vê-los derriçando no sofá de riscas. O ambicioso! Pois não queria, com aquelas monstruosas luvas verdes, assenhorear-se da bonequinha?

Troçam-no. Fazem-lhe os dois surriada. Arlequim rouba e rasga a carta de entrevista.

Segue-se um idílio de petizes brincando aos namorados, em que êle finge tirar o coração do peito, indo depô-lo aos pés saltitantes do derriço.

Conto azul, era forçoso, ao *Carnaval* de Fokine, liquidar no

casamento. Radiante com a posse exclusiva da sua Arlequina, Arlequim convida todos para o nupcial ajuste, que favorece agrupamentos encantadores. De sombrinha debaixo do braço, nem faltam alguns casais de «filistinos» pasmados.



Entre o desapontamento de Pantalón, a maluqueira de Pierrot, o *flirt* elegante de Chiarina e Eusebius, a galhofa das damas e o aplauso dos cavalheiros, Colombina e Arlequim, mais garota ela, êle mais felino, julgam-se felizes ao baixar do pano.

Nós também.

VI

BORBOLETAS

Os sonhos não se repetem. Querendo prolongar a requintada graciosidade com que movimentou o *Carnaval*, dando-lhe um remate ou continuação, o talento de Fokine, sem a possibilidade de renovar o esgotado tema, caiu no amaneiramento, quasi na insipidez.

Lydia Lopukova, que uma vez luxou um pé ao dançar as *Borboletas*, não pode falar nelas sem se rir. Não deve ser cousa muito agradável uma luxação. ¿Será só por isso que ela ri, quan-

do para gabar as habilidades dos chimpanzés das Laranjeiras adoptava o tom sério da admiração?

É de Schumann a música, já se vê, e o cenário, como nas *Silfides*, de Dubujinski.

Noite de carnaval. Pierrot, fato branco, peúgas azuis, mangas maiores que os braços, cara enfarinhada, alma escurecida, vagueia tolo. Um rancho dourado de raparigas borboleantes, vestidas pela incessante fantasia de Bakst, volita no jardim silencioso.

Tornando a Fernand Gregh:

Il se fait tard ; sous les fronts lourds
Les yeux battent : la fête est lasse.
Dans l'air moite passe et repasse
Le vol palpitant de velours.

Para as atrair, Pierrot vai, piegasmente, buscar uma vela. O grosseiro ardil surte efeito. Dançando-lhe em volta, acodem à luz pousada no chão, e uma, sôbre todas, enfeitiça o nocturno caçador, que, ao tentar prendê-la pelas asas, lhas arranca, matando-a.

As companheiras pegam no pequeno cadáver, a caminho da sepultura, mas uma delas lembra-se de lhe reencaixar as asas perdidas, e a falena defunta ressuscita, bailando, para de novo encantar Pierrot e novamente o deixar sòzinho.

No parque oloroso, procura o noctâmbulo a sedutriz. O enxame das borboletas, porém, já se desfez. Em seu lugar, começam passando embasbacados casais burgueses — os mesmos «filistinos» do *Carnaval*. Vêm depois, cada uma ao lado de um senhor, as raparigas de há pedaço, com lindos abafos e escudeiros empertigados.

Pierrot esfrega os olhos, para saber se está sonhando, e vê, último dos pares, pelo braço de outro, uma mulher que, desaproximando do rosto a mascarilha de veludo, lhe mostra, ao escapar-se, ser a frágil «boa-nova» de ainda agora.

Com os seus eternos vinte anos, Pierrot lastima-se de que seja assim e de não poder emendar o mundo, onde, de resto, não é, infelizmente, costume as borboletas de carne terem asas de tirar e pôr.

Puro sentimentalismo, como se está vendo, ávido dêsse intenso poder que, fazendo-os valer pelo que são, e, talvez ainda mais, pelo que sugerem, nos abre um tão amplo horizonte em outros bailes dos russos.

VII

TAMAR

Não é, da Bíblia, a Tamar incestuosa. A heroína das estâncias de Lermontov e dos compassos famosos de Balakirev, um dos «cinco», foi rainha da Geórgia e conquistou Trebizonda.

Diz a história que teve virtude e beleza. Bastou o seu valor de amazona formosa para a lenda lhe atribuir corrupções e para a vermos, numa sala de castelo devida a Charbey, estiraçada de braços sôbre um imenso divan, atraindo, com os acenos traiçoeiros do seu véu, os homens que passam lá fora.

Ondoso de volúpia, dócil no prolongar as ávidas inflexões dos braços que o desfraldam, êsse véu aliciante é como a chamá azul do seu infinito desejo, a voz da pérfida sereia da montanha, a que, vestida por Muelle de lilás desmaiado, a Tchernicheva, espectral de lubrícia, pinta a máscara cerosa e atribulada duma Nossa Senhora das Dores provinciana.

Côrte e princesa estão imóveis quando a scena se desvenda. Com olhos vigilantes, escravas fitam o caminho, onde, sob a neve, um cavaleiro assoma. Apontando-o à soberana, logo o histérico véu ergue, flutuante, o seu chamado.

Vão quatro emissários, de capas negras, buscar o desconhecido, que chega embuçado e friorento. Paramentada de gala, brilha um longe de sorriso na face palidíssima da rainha de insaciáveis olheiras, ao reconhecer, quando se desembrulha, que o viandante é novo e é forte. Mais um amante para o seu amor doloroso! Enristam-se-lhe os seios no corpete, e, na bainha, um punhal aguça-se de impaciência.

Dançando se saúdam e atraem. Ela, em rápidos meneios fôgosos, promete-lhe toda a vibração da sua carne. Repetindo-lhe os movimentos sacudidos, antegoza êle a ventura de a enleiar.

Antes de o condenar, quer deslumbrá-lo, aquecê-lo, com o espectáculo das danças regozijantes. A festa inicia-se, ao som de instrumentos primitivos, tangidos por músicos de pernas encruzadas. São danças caucásicas, violentas, trêfegas, em que mulheres e homens, como se defendessem o rosto atrás dum broquel, dobram o braço em ângulo, com a palma voltada para fora à altura do nariz.

O forasteiro foi vestir um traje de côres vivas. Sobrecitado de emoção e pela taça que emborcou, é dos mais ágeis dançan-

tes. No corpo de Tamar, há a ânsia de ser dêle. O príncipe delira por tê-la. Somem-se para o enlace.

O baile não esmorece. Manejando lâminas, os guerreadores, de longa veste cintada e altos gorros felpudos, imprimem à típica *lesseguinka* o ar duma ronda de lóbos.

Quando os amantes voltam, dançam ainda. Puxando-a pelo braço, mais uma vez êle lhe procura a bôca. Ela acede. Outra ainda, e ela apressa-se em dar-lha. Uma terceira vez! É o minuto fatal. Furtando-se ao abraço com criminoso requebro, a Bagátrida viciosa, deitado o busto para trás para ferir mais fundo, apunhala o desprevenido pelas costas — última carícia do seu amor aliado da morte.

O estrangeiro morre. Levam-no aos ombros. Por despedida, a rainha beija-lhe a cabeça pendida, e descerrada, ao fundo, uma porta secreta, vê-se, com grosseiro artifício, espadanar a torrente onde o cadáver se perde.

Acabou a festa. Todos se aquietam, como no princípio. Tamar reestira-se no divan imenso. Os olhos das escravas tornam a perscrutar a distância.

Da capo. Outro cavaleiro surge ao longe. Novo aviso. Farta de prazer e sangue, entediada de si própria, a princesa quer recusar-se, mas tem de obedecer ao seu fadário de vampiro.

E o véu azul acena, acena, acena.

VIII

SADKO

O baile mais original que os russos deram em Lisboa, e só possível com a nobre intervenção do talento. Sem ela, havia o perigo dum ridículo inevitável, absolutamente conjurado pela arte que a desenhista e o coreógrafo puseram em conseguir, não a grosseira paródia do mistério oceânico, mas a sua misteriosa evocação.

Nas profundezas do mar. Cenário, em tons glaucos, de Anisfeld, muito prejudicado na relativa estreiteza do palco do Coliseu: o palácio do Imperador dos mares, com seu trono.

Soberbo de esplendência, o guarda-roupa de Natália de Goncharowa, Egéria do futurismo moscovita, atinge tonalidades nunca vistas em teatro. Não se chega a definir que tecidos são

aqueles, tão impregnados de rutilância, tão líquidos de brilho, tão quentes à vista, como as mais refrangentes faianças.

Uns peixes vermelhos e dourados, a que o feminino ondular das que os encarnam redobra a flexuosidade, scintilam como a mais aurirubra carpa dos aquários da China.

À côr, metálica, reverberantemente espaventosa nuns grupos, sombriamente cambiante ou diluadamente fosforescente noutros, irisada, gotejante, casa-se a opulência de traço com que a figurinista, num sonho de mergulhadora deslumbrada, estilizou o caprichoso imprevisito da fauna, da flora, das fôrças húmidas: as águas translúcidas, as turvas correntes, as algas flácidas, crustáceos verdes e encarnados, retorcidos hipocampos, uma gigantesca estrêla do mar.

Quem só agora os vê, tendo primeiro visto algumas das cousas que êles vêm inspirando, não mede até que ponto os Bailados russos marcam na nossa época. O orientalismo das modas dos últimos anos não conhece outra origem. Descobrimo atitudes, enriqueceram a cromática, mesmo a industrial. Como, no romantismo, se chamava a um certo tom «côr de perna de ninfa perturbada», poderíamos muito bem, para o roxo-cendrado ou o rosa-amarelo que Bakst criou, reportar-nos à *Chérazade*.

Não são unicamente os ateliês e gabinetes de trabalho que devem lições ao russianismo. Chegou às fábricas. Como um perfume que anda no ar, refrescou a rua, penetrou nas alcovas. Por mais latino, duvido de que haja corpo de mulher inteligente que, após estas nórdicas revelações, não estreie, em público ou na intimidade, um gesto, uma inflexão, uma curva nova.

Sadko é o título duma ópera de Rimsky Korzakoff, a que pertence o episódio bailado pelos russos. Trata-se de uma passagem da lenda do herói do mesmo nome, bardo pobre e depois riquíssimo mercador de Novgorod, cuja lira tinha sôbre o mar um poder mágico.

Levado à presença do Czar das águas, que lhe dá em casamento uma das filhas — é a Tchernicheva, com tranças de ráfia e dalmática de ouro, bela do prestígio que os papéis lhe emprestam — Sadko empunha o *gusli* sonoro, fazendo dançar todo o mundo aquático.

Dançam os peixes e os limos, polvos e cavalos-marinhos, as brancas nascentes e enigmas versicolores. O próprio rei dança aprazido, empunhando uma medusa emblemática.

Envolvendo-os, dança o mar, e ganha, ao impulso do submarino tripúdio, tal agitação, vagas tão alterosas, que os navios, que mal se adivinham, não podem aguentar-se. Rasgam-se velas. As quilhas rompem-se. Sossobram barcos. Chovem, invisíveis, naufragos na festa. Em baixo, é a folgança. À superfície, a ceulema aflita.

Aterrorizado, quer o citaredo suspender a música, mas, tomadas da harmoniosa vertigem, as mãos não lhe obedecem e, para deixar de tocar, tem de partir as cordas.

Arremessado o instrumento, cessa a calamidade. A água serena. Os dançarinos aquietam-se. O pano desce.

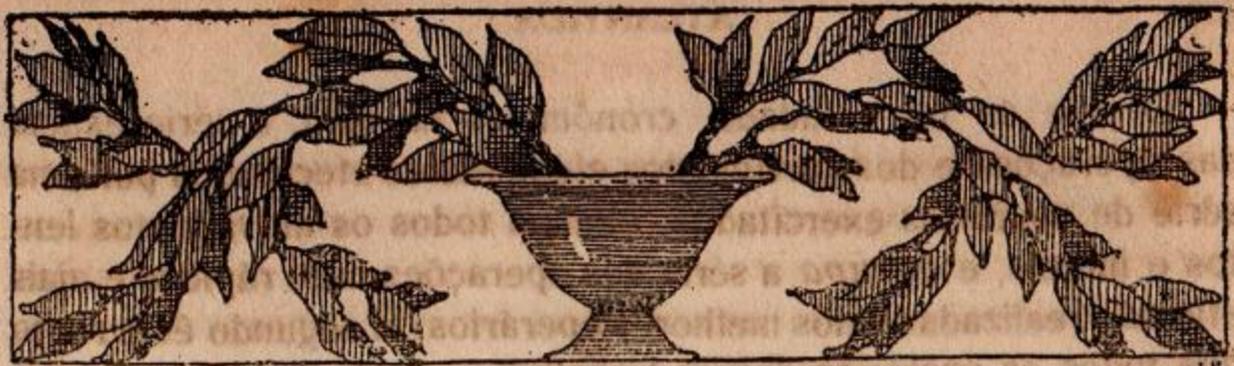
Com o nome de Natália de Goncharowa, há que fixar, neste baile surpreendente, o de Adolfo Bolm, que suponho, por desastre, afastado da scena. Obra sua, a coreografia do *Sadko* é um achado, e, sem cair na excentricidade imitativa, transmite a perfeita idea dos movimentos imersos.

Bolm teve o raro gôsto de se não pôr a inventar. Olhou, apenas, com carinho a natureza, mestra de eternos ritmos. Sondando as vidas do mar, inspirou-se no arfar das barbatanas, na palpação das escamas, no potente recurvar das antenas e das pinças, na movediça inquietabilidade dos nadantes, conseguindo fazer-nos sentir o pêso da água deslocada, a resistência do meio, e, no delírio coreico que *Sadko* provoca, o vai-vem irresistível da grande massa líquida agitada pela fúria gaudiosa.

«Para descobrir ritmos à dança, — escreveu a Duncan —, é preciso escutar as pulsações da terra». Foi o que o dançarino russo fez para as do mar, colando, por certo, o ouvido à ressonância de algum búzio.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

(Ilustrações de ALMADA NEGREIROS)



A ROTINA E O TRABALHO SCIENTÍFICAMENTE ORGANIZADO

O Taylorismo

(Continuação)

IV. — DETERMINAÇÃO DO TRABALHO

Taylor parte do princípio de que com os métodos modernos de trabalho, muito aperfeiçoados, mas também muito complicados, não é possível ao operário achar por intuição, em cada caso particular, quais os movimentos e operações mais vantajosas. A sua determinação pertence aos chefes de indústria e aos engenheiros.

É impossível, além disso, pelo facto de necessidades fisiológicas indiscutíveis, fornecer ao mesmo tempo um trabalho intelectual intenso e um esforço manual enérgico. Donde resulta uma nova razão para separar a preparação do trabalho, obra essencialmente intelectual, da sua realização, obra antes de tudo manual. Os métodos de trabalho empregados nas oficinas deverão, pois, ser inteiramente regulados por pessoal técnico especial e ensinados em seguida aos operários pelo mesmo pessoal técnico.

A discussão dos factores sociológicos e morais, capazes de influir no rendimento do operário, conduziu Taylor a preconizar o trabalho por tarefa previamente determinada. O operário recebe a indicação da tarefa normal que se lhe pede em cada dia, e beneficia dum prémio quando a sua produção fôr superior.

É para a determinação desta tarefa normal que Taylor utiliza o processo conhecido sob o nome de *cronometragem*.

Depois de ter estudado, cronómetro na mão, a série exacta das operações e dos movimentos elementares efectuados por uma série de operários exercitados, elimina todos os movimentos lentos e inúteis, e *agrupa* a série das operações mais rápidas e mais eficazes realizadas pelos melhores operários. É segundo este ritmo que todos os operários devem trabalhar.

Passando a exemplos concretos, sigamos o que a este respeito se lê em *La Nature*, de 14 de Outubro de 1916, em brilhante artigo de A. Breton, um dos melhores discípulos de Taylor :

«As questões mais elementares são as relativas às máquinas. Começar-se há, pois, por estudar estas a fundo, determinando a sua produção e procurando todos os factores que intervêm no seu rendimento».

Analisando em detalhe todas as condições do trabalho das máquinas que examinou, Taylor, por exemplo, no trabalho dos metais, enumerou doze factores que intervêm nesse trabalho, como são: a velocidade da ferramenta, a profundidade do golpe, a composição e a têmpera da ferramenta, o seu ângulo de corte, a sua fixação, a sua flexibilidade, a natureza do metal trabalhado, etc. Para as correias enumera Taylor nove factores: a matéria prima, o modo de ligação, a largura, a tensão, etc.

O exame minucioso de todos os detalhes conduzirá a conhecer bem a ferramenta, as condições do seu rendimento, e a escolher, e até mesmo a aperfeiçoar a melhor daquelas de que se dispõe.

Depois de se determinar rigorosamente a máquina, passar-se há às condições do trabalho. Para isto, Taylor preconiza as regras seguintes :

«1.º Reunir 10 a 15 homens especializados no trabalho que se deseja analisar ;

2.º Estudar a série exacta das operações e dos movimentos elementares que cada um destes homens faz para executar o trabalho considerado e, bem assim, as ferramentas que emprega ;

3.º Com o contador de segundos verificar o tempo exigido por cada um destes movimentos elementares e escolher o processo que permita ganhar mais tempo ;

4.º Eliminar todos os movimentos, lentos e inúteis ;

5.º Grupar a série dos movimentos mais rápidos e mais eficazes, e empregar as melhores ferramentas».

Taylor applicou estas regras a um grande número de opera-

ções, sendo, em cada caso, os operários escolhidos para o trabalho acompanhados por um observador cronometrista, encarregado de seguir todos os seus movimentos e de os medir com toda a exactidão.

Por exemplo, no movimento de terras, nota-se, para cada operário munido duma pá e dum carrinho de mão dados, o tempo que êle leva a encher o carrinho de mão com a terra, areia, argila, etc., o tempo do carreto, o do despejar, o da volta, etc.

Obtêm-se assim uma série de medidas provenientes de operários e de ferramentas diferentes, que mostram bem as diversas influências destas e as dos movimentos. Escolhem-se então destes os de melhor rendimento, que são em seguida ensinados a todos os operários.

Algumas vezes os movimentos a estudar são bastante complexos e rápidos para poderem ser facilmente seguidos e estudados. Para a análise destes movimentos têm Gilbreth e outros discípulos de Taylor recorrido às operações cinematográficas.

Esta economia de tempo, que Taylor preconiza em tudo, conduziu-o a uma outra aplicação interessante: a utilização pelo operário da régua de cálculo que lhe permite substituir as estimativas insuficientes, por exemplo, nas medições do trabalho ao tórno, por dados rápidos e precisos quanto à profundidade do golpe, o avanço do tórno, a sua velocidade, etc.

Por esta forma obtêm-se uma análise experimental completa do trabalho e conhecem-se todos os detalhes de fabrico, havendo sempre ocasião de descobrir numerosos aperfeiçoamentos e de se realizarem importantes economias.

A aplicação destes princípios deu como resultado um aumento considerável no rendimento do trabalho dos operários normais. Em certos casos, o rendimento quintuplicou sem que a fadiga fôsse maior.

V. — A ORGANIZAÇÃO DAS FABRICAS E OFICINAS

Taylor applicou o mesmo método experimental a todos os serviços da indústria.

Assim: determinadas todas as condições dum certo trabalho, são estas ensinadas pelo exemplo a todos os operários encarregados desse trabalho, ao mesmo tempo que se lhes fornece as ferramentas escolhidas como as melhor apropriadas. Uma vez o

operário adestrado, impõe-se-lhe uma tarefa fixa, que êle deve executar num tempo dado sob pena de despedimento ou de grande diminuição de salário; por contra, estimula-se a sua actividade por um prémio à sobreprodução.

Isto porém não bastaria caso se não estendesse o método a todos os serviços da fábrica: direcção, secção de estudos, contabilidade, serviço de vendas, etc.

O método Taylor deverá pois ser aplicado a todos os serviços da indústria, sem excepção.

Taylor expôs a sua concepção da fábrica moderna nos seus *Principles of Scientific Management*, e o seu sistema supõe um sério trabalho de preparação antes de se tratar da execução das encomendas.

Nas oficinas, a organização científica do fabrico baseia-se nos quatro princípios seguintes:

1.º Estudo científico das máquinas, das quais é fácil obter o máximo rendimento.

2.º Papel do contramestre instrutor, o qual em vez de se ocupar de tudo, como é o caso freqüente, deve ocupar-se exclusivamente da boa execução do trabalho e do ensino dos operários.

3.º Método de trabalho e de pagamento do operário. O operário faz o seu trabalho conforme as instruções recebidas, com maquinismos antecipadamente experimentados e preparados. É pago segundo o esforço que fornece, mas não é sobrecarregado: ao contrário, beneficia largamente do trabalho de preparação feito para êle.

4.º Organização da marcha dos materiais na fábrica, serviço que deve ser dirigido por um empregado, que dispõe de algum pessoal e que aplica uma ordem de marcha sistemática.

Neste sentido cria Taylor, junto da direcção, uma secção de preparação e de repartição do trabalho nas oficinas, intermediária entre a direcção e o operário. Esta secção compreende quatro séries: 1.º, marcha dos materiais (*Order of Works Route*), ou direcção da manutenção e repartição; 2.º, direcção do fabrico; 3.º, direcção dos tempos e dos salários; 4.º, a direcção disciplinar do pessoal.

A direcção de manutenção e repartição estuda todas as manipulações da oficina; faz os planos de circulação dos materiais, ajudando-se para isso de vistas, perspectivas ou de esquemas em

relêvo; dispõe as fichas de trabalho em que se indica a cada operário a natureza da sua obra e o tempo a empregar na sua execução.

A direcção do fabrico estabelece as fichas de fabrico, em que detalhadamente se dão aos operários todas as indicações necessárias para as operações e tempo respectivo que cada trabalho demanda.

A direcção dos salários inscreve em cada ficha de trabalho o salário e prémio concedidos.

A direcção do pessoal ocupa-se dos contratos, das punições, atrasos, etc.

Este mesmo serviço de preparação do trabalho ocupa-se das compras, do estado de avanço das encomendas, do estabelecimento do custo de produção, da escolha dos mecanismos, e, em geral, de todos os aperfeiçoamentos de que a fábrica é susceptível.

Própriamente, na oficina, cada operário tem quatro chefes diferentes: um chefe de execução, que instrui o operário, lhe explica a sua ficha de trabalho e fornece as ferramentas e os materiais necessários; um chefe de fabrico, que verifica a estrita execução dos trabalhos indicados na ficha de fabrico e vigia constantemente a velocidade das máquinas; um inspector, que verifica o trabalho e referenda a ficha do operário no fim de cada obra; um chefe de reparação e conservação, que vigia a lubrificação das máquinas, o bom estado dos mecanismos e faz as pequenas reparações de urgência que vão sendo necessárias.

O operário está assim em contacto, não apenas com um único contramestre, mas com oito chefes directos que todos lhe dão ordens.

Também à direcção está anexo um certo número de outros serviços: serviço de laboratório e de pesquisas, secção de estudos de projectos e de desenhos, secção de contabilidade, armazém, secção de vendas, etc.

Duma maneira geral, sigamos a marcha de preparação e repartição de trabalho, uma das engrenagens mais importantes do Taylorismo.

O serviço comercial duma fábrica tendo recebido uma encomenda e, transmitindo-a ao director que a visa, envia-a em seguida ao chefe da produção. Este formula as suas ordens sob a forma de «Ordem de Trabalho», que é comunicada a todos os

chefes, indicando de que maneira deve ser efectuada a progressão do trabalho.

O chefe da produção, em ligação directa com a secção de desenho e a de preparação, estuda e determina como e quando deve ser feito o trabalho, e por esta forma elimina todas as dificuldades, que ordinariamente se resolvem por discussões entre o serviço comercial, a direcção das oficinas e o contramestre.

O preparador tem à sua disposição os informes relativos a todas as máquinas da oficina, sua potência, capacidade, etc. ; e a todas estas indicações deve êle juntar o seu valor de prático consumado. Analisa o trabalho a executar e decompõe-o em grupos, sub-grupos, chegando até às peças individuais, nas quais estuda o modo como o trabalho deve ser feito e em que máquinas, a velocidade de trabalho e ferramentas. Reúne tudo num processo contendo todas as informações precisas para a execução da encomenda.

Junto ao preparador está um adjunto que nota quais são as matérias primas ou semi-manufacturadas necessárias, faz as encomendas aos fornecedores, vigia o estado de avanço dos respectivos trabalhos e dá as ordens ao armazém.

Esta última instalação representa o ponto vital de toda a organização, e o seu chefe respectivo deve poder dar, em cada instante, as informações que lhe forem pedidas respeitantes aos produtos. Estes devem ser classificados e dispostos em compartimentos separados, devendo a classificação ser completa e extensível.

É êste conjunto de operações que constitui a preparação do trabalho, de que beneficia largamente a execução do fabrico, como facilmente se compreende.

VI. — O APRENDIZADO

Exposta assim nas suas grandes linhas a organização duma fábrica segundo o sistema Taylor, verificamos que êste se funda principalmente na divisão do trabalho e na especialização e treino de todos os trabalhadores, acompanhado duma vigilância constante do trabalho dêstes, e tem por base o princípio bem conhecido de que o rendimento do trabalho pode ser consideravelmente acrescido pelo hábito, e, mais ainda, quando se corrigem os defeitos, as atitudes viciosas, os gestos inúteis, etc. ; como de resto,

em todos os tempos, se tem praticado nos exércitos, com o adestramento dos soldados no manejo das armas, equitação, exercícios de fortificação, etc., e ainda com o emprêgo de diferentes métodos de exame e selecção dos homens, soldados e oficiais, segundo as aptidões de cada um.

Todos sabemos que, de facto, há para cada profissão uma questão de aprendizagem, de treino, e que mesmo nas profissões que demandam menos conhecimentos tem de se empregar métodos de exame e de selecção.

Ora o Taylorismo exige, para a sua aplicação em condições de acêrto, que se faça uma organização racional urgente do aprendizado: assunto êste tratado em discussões apaixonadas nas Câmaras dos diferentes países, nas principais revistas técnicas, nas Câmaras de Comércio, associações de operários, etc.

O aprendizado, diz M. Jules Amar (*L'Organisation Physiologique du Travail*), consistindo na formação técnica, é o factor decisivo da fortuna das nações.

E acrescenta: «Ao ver a ignorância e a incompetência governarem por toda a parte a sociedade, desanima-se; e compreende-se ao mesmo tempo porque tantas pessoas clarividentes denunciam a crise do aprendizado, pois é bem certo que todos necessitam, qualquer que seja o nivel social em que se encontrem, de lições de cousas, lições da vida, tão fecundas em virtudes, em ideas, em princípios de disciplina e de ensino».

A organização das oficinas e o bom aprendizado, fazendo com que o operário se dedique a repetir o mesmo detalhe com uma habilidade crescente, dão uma maior economia de tempo e de fadiga, podendo assim o operário dedicar-se aos cuidados delicados que certos trabalhos exigem, fazendo a reputação dos fabricos especiais.

Para êsse fim, hoje que a indústria moderna reclama um constante e maior desenvolvimento da instrução dos operários, torna-se indiscutível a importância da escola profissional, que é a grande organizadora da prosperidade económica, com a condição de que nela se proceda ao mesmo tempo pela teoria e pela prática, seja esta depois daquela, como querem os técnicos franceses, seja ao invés, a teoria depois da prática, como na Alemanha.

A prática dum officio é uma arte, incontestavelmente; mas a arte é sempre a expressão dum esforço metódico, disciplinado, isto é, dum sciência que tem leis próprias. E o operário que

possui a fundo a sua profissão vale tanto como o sábio: di-lo, com toda a razão, o Prof. Jules Amar, o célebre director do Laboratório das Pesquisas sobre o trabalho profissional, do Conservatório Nacional das Artes e Ofícios, de Paris.

A educação dos movimentos, para a qual são de grande auxílio o *método gráfico* e o cinematógrafo, é necessária para os tornar eficazes, aumentar o rendimento e diminuir a fadiga. E a lei da divisão do trabalho que rege os organismos vivos governa também os organismos industriais, de modo que cada um, na medida das suas capacidades, deve preencher uma função determinada, sem necessidade de conhecer ou tratar de outra.

Na Alemanha, onde as *corporações profissionais* têm uma existência efectiva, o aprendizado de natureza inteiramente prática, que elas fornecem, é necessário para que qualquer indivíduo possa ser autorizado a exercer um ofício; e preciso é ainda comprovar que segue o aprendizado todo aquele que, aspirando ao nobilíssimo título de operário profissional, deseja seguir as lições das escolas que, nesse país, são criadas e feitas para servirem as fábricas, crescendo em número e em especialidades segundo as necessidades regionais, e de modo, sempre, que a instrução prática domine e tenha preferência em todo o ensino.

Aí, as lições de sciências são conduzidas de modo a dar ao aprendiz um conhecimento raciocinado e profundo da sua profissão, afinando a sua inteligência e estendendo o seu horizonte.

Nesse país, como na América do Norte, reconhece-se a cada passo a intervenção do espírito scientifico, metódico, organizado e especializado, nos progressos sempre crescentes da indústria. Nesses países, as oficinas são verdadeiros laboratórios onde se fazem novos estudos, se descobrem factos, leis ainda desconhecidas; senão as leis mais gerais da sciência, pelo menos certos casos particulares de utilidade imediata.

Nessas oficinas se formam continuamente novos contramestres e engenheiros, como Taylor, por exemplo, que, de simples operário, se tornou engenheiro, à fôrça de se instruir e de adquirir imenso saber prático e teórico.

De facto, Frederic Winslow Taylor, que nasceu em 1856 em German Town e morreu em Filadélfia em 21 de Março de 1915, tendo feito sucessivamente os seus primeiros estudos na França, na Alemanha e na América, entrou no colégio de Exeter onde se preparava para seguir para a Universidade de Harvard.

Tendo porém interrompido os seus estudos, Taylor aparece como aprendiz numa oficina de moldagem de Filadélfia e mais tarde numa fábrica de máquinas, onde, a partir de 1875, foi sucessivamente operário, encarregado, contramestre, mestre mecânico, director de estudos, e, por fim, engenheiro em chefe do estabelecimento.

Entretanto, tendo estudado a afiação das ferramentas e inventado a sua primeira máquina, Taylor continuou a sua instrução teórica, conquistando definitivamente o diploma de engenheiro.

Nomeado em 1890 director geral duma grande fábrica construtora, abandonou êste lugar três anos mais tarde em conflito com os proprietários, por causa das suas concepções do problema operário. E, a partir de então, Taylor consagrou-se inteiramente às investigações relativas à organização do trabalho nas oficinas, estudando o funcionamento geral das diversas indústrias e terminando a sua vida por uma propaganda de todos os instantes em favor das suas ideas, de que nitidamente ressalta a resolução do problema seguinte :

«Tornar maior o rendimento do trabalho, sem aumentar a fadiga do operário, e obter como consequência o aumento dos salários».

Assim pois, Taylor, que era não só um homem de génio, mas também um filantropo, procurava, ao mesmo tempo, obter o aumento de rendimento do trabalhador e a diminuição da sua fadiga física.

Foi nas oficinas do Thabor, de Filadélfia, que Taylor concebeu, applicou e aperfeiçoou o seu método, cujo emprêgo foi para o seu autor tão lucrativo, que, quando morreu, deixou uma fortuna avaliada em 25 milhões de dólares feita nessas oficinas.

Quanto ao funcionamento dos respectivos serviços, diz M. Cambon :

«Estudei demoradamente a fábrica do Thabor ; interroguei os operários que ganham normalmente cada um de 6 a 8 dólares (10 a 14 escudos diários ao câmbio actual) por dia de dez horas, e todos unânimemente me declararam que, se os obrigassem a trabalhar segundo princípios diferentes dos seguidos pelo seu chorado director, abandonariam *in continenti* as oficinas».

O ensino técnico especializado e o aprendizado são a condição de existência desta qualidade necessária a todo o homem que se entrega a uma ocupação determinada, a *competência*, que

produziu a famosa *Kultur* alemã, — a ciência especializada levada ao maior rigor na investigação.

Diz M. Victor Cambon na conferência já citada, de 25 de Junho de 1915, feita na Associação dos Engenheiros Civis de França:

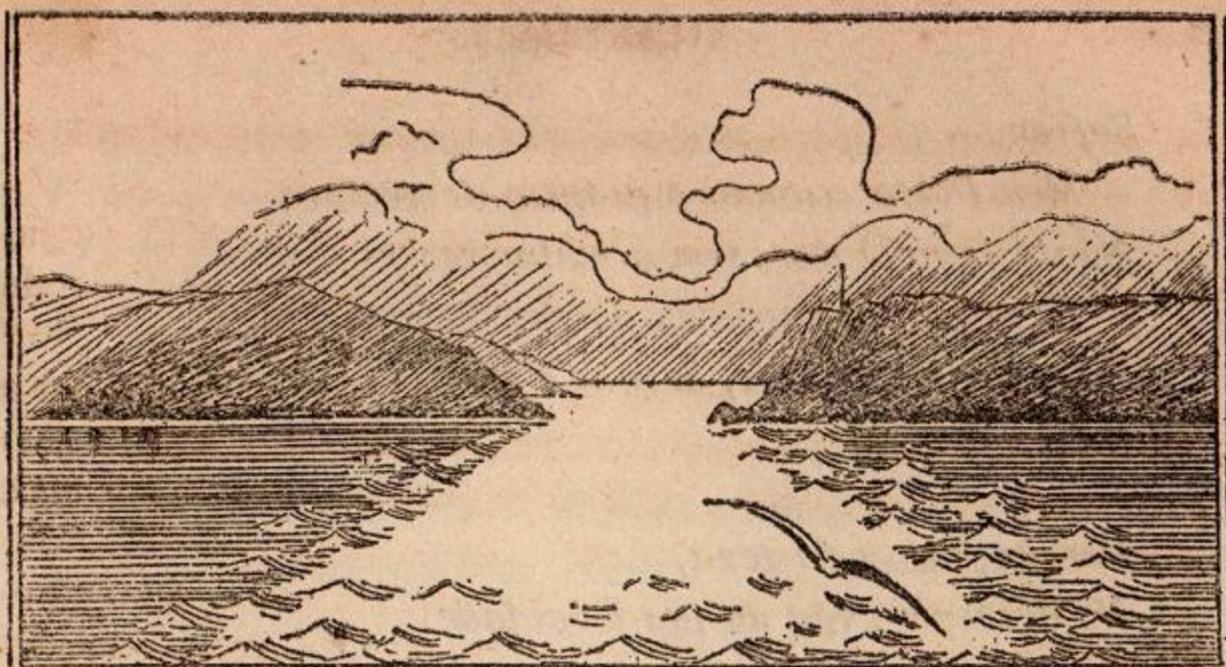
«A Alemanha tinha realizado o meio de fazer fortuna com a indústria porque tinha espalhado com profusão o ensino técnico e o aprendizado profissional, levando-o a todos os ramos os mais especiais . . .

«Tendo reconhecido que, principalmente na indústria, o cérebro único que dirige não poderia abraçar com pleno conhecimento todos os elementos da exploração, os alemães foram levados à criação de enormes unidades em que a regra absoluta é a divisão do trabalho, não só para os operários, mas para os chefes. Cada técnico é um especialista da parte que lhe é confiada, com a missão de a fazer prosperar no máximo da sua capacidade. Em cada uma das grandes oficinas há homens que executam o trabalho do dia e outros que preparam o progresso do amanhã. Estes últimos têm o encargo especial de se conservarem ao corrente de todas as novidades; é assim que a maior parte das grandes fábricas possuem um biblioteca, onde são recebidas as obras e os periódicos de todos os países, relativos aos trabalhos que lhes interessam; devendo os bibliotecários examinar toda esta literatura e avisar por escrito cada serviço dos livros ou artigos susceptíveis de os interessar».

Estar documentado em tudo: é metade do grande segredo do poderio alemão, para o que muito tem concorrido a grande imprensa e os jornalistas alemães cujas gazetas instruem continuamente os seus leitores dando-lhes conhecimento das questões científicas, geográficas, industriais e sociais, tratadas por redactores competentes e publicistas ocasionais, versados nestas matérias, criando dum modo feliz um ambiente de trabalho e de ordem, que pelo contágio fez daquela nação uma grande oficina de trabalho à moda americana.

(*Continua*).

FERNANDO DE VASCONCELOS.



Poemas

VIVER...

*A Columbano,
à sua Arte e ao seu Génio.*

«Il a compris que le secret du sourire vaut
davantage que celui des larmes...»

LEBESGUE.

Viver

— *Meu Irmão soluçando à hora do sol pôsto —
Não é deixar cair os braços, e descer...
— É conquistar a vida e olhá-la, rosto a rosto,
Em sua dor eterna e seu breve prazer...*

Amar

— *Pobre amante chorando o teu amor desfeito —
Não é a mágoa de sofrer, de relembrar...
— É prender outra amante à força do teu peito,
É queimar teu olhar no fogo doutro olhar...*

Sofrer

— *Meu Poeta criando a própria desventura --*

Não é fugir à dor, sem a tentar vencer . . .

— *E' abrir sua carne às garras da amargura,*

E senti-las, na alma, hesitar e morrer!

Porque, nessa tristeza,

No desespero vão da tua mocidade,

— *Meu Irmão, meu Poeta — o sonho que tu queres*

Não é um sonho de mentira e de incerteza,

Não é o amor, e o gosto amargo da saudade,

Não é a vida, nem a graça das mulheres:

— *E' um pouco de glória e de imortalidade! . . .*

Outro sonho não tens . . . E se o teu gesto lasso

Dá ao teu coração um ritmo de agonia,

E' que a tua ambição não vence o teu cansaço,

E, medrosa da luta, é já melancolia.

Outro sonho não tens, eu sei. . . Mas, se aspiraste

A' glória, meu Irmão, não podes triunfar

Sem os louros cortar da sua própria haste,

Sem as rosas colhêr antes de as desfolhar!

Nunca deixes passar a vida, como a areia

Entre as ingénuas mãos da infância descuidada:

— *Só com sangue se amassa o barro duma ideia,*

Só com beijos se esculpe a forma desejada!

*E ai de ti! se ao pensar que o amor foge depressa
E que deves temer o seu travo cruel,
Teu desejo provar apenas a promessa
Dos frutos d'ouro do seu cálido vergel!...*

*Tudo foge — mas vive... E para conhecer
Que não passas também, como a volúpia e o amor,
Tens de crispar em ti a angústia de viver,
E embeber-te de pranto e mergulhar na dor!*

*Tens de não ser a névoa, a nuvem fugidia
Que nem um rastro deixa ao reflectir-se n'água...
Tens de saber criar toda a tua alegria
E fazê-la ascender da tua própria mágoa!*

*Ah! não pode cantar quem não sabe sorrir
Meu Poeta! E o sorriso, o mais puro e o mais forte,
E' de quem se entregou à fôrça do Porvir,
E no sangue domina o receio da Morte...*

*Sorrir!... Só êsse orgulho imenso te bastava
Dum sorriso de fé na tua boca ansiosa,
Para tornar de luz a tua carne — escrava
De tudo quanto pena e tudo quanto goza!*

*Só êsse orgulho, só!... A Beleza ou a Arte
São, na imagem que as molda, um sorriso imortal...
— Pega no teu bordão, ó meu Poeta, e parte:
Vive, ergota na vida o seu bem e o seu mal!*

*E mais tarde, ao criar tua obra suprema,
Ao erguê-la ao Futuro, em êxtase e fervor,
— Embora, de lutar, o teu corpo já trema,
E nem possas olhar seu eterno esplendor —*

*Sôbre a face de sombra e mistério do mundo,
Fulgirá, num raiar vitorioso de aurora,
O sorriso que um dia o teu sonho profundo
Trouxe à vida que passa — e anseia e sofre e chora!...*

UMA GAIVOTA ÊXUL MORREU NO MAR. . .

*A' Senhora D. Laura Andrade,
respeitosamente.*

*Uma gaiivota êxul morreu no mar. . .
E o seu corpo, de cândida energia,
Sôbre uma onda veio naufragar
Ao cais donde fugira, certo dia.*

*Tinha as asas abrindo ao vento. O peito
Arqueado ainda, como se aspirasse
O perfume do largo — e, insatisfeito,
Mais distancia quisesse e conquistasse. . .*

*E em seus olhos, que a Morte não cerrara,
— Tanto a sêde do ignoto os desvairou —
Fiquei-me a adivinhar a visão clara
Dum mundo que só ela desejou. . .*

*Nesta doce manhã de Primavera
Não entristece vê-la morta, assim :
— Vôo quebrado à hora da quimera
Quando a vida parece não ter fim. . .*

*E' que nesse cadáver pequenino,
Crispado num tormento quási humano,
Não se apaga a alegria dum destino
Que foi Sol, que foi Céu, que foi Oceano !*

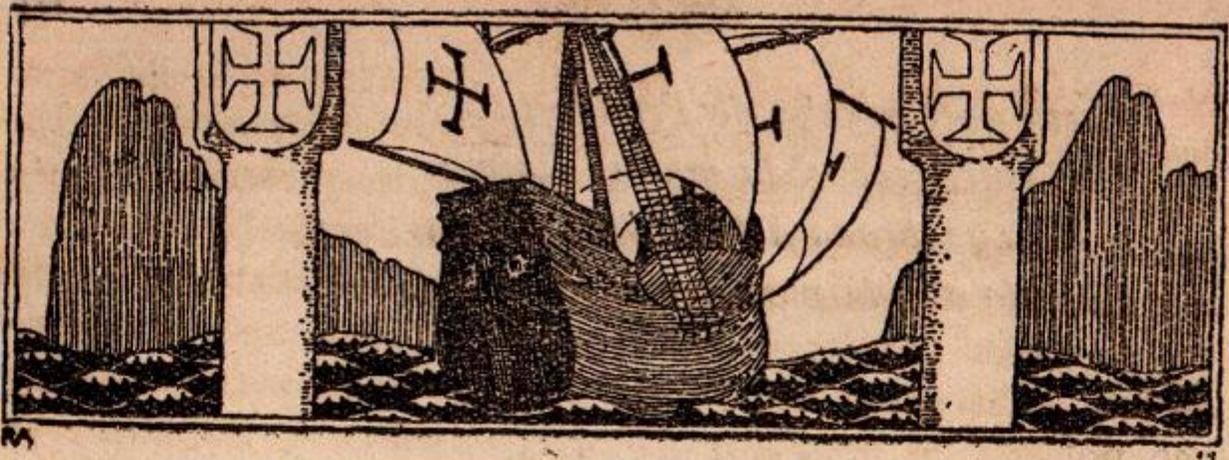
*Ah ! pudesse eu morrer de igual loucura,
Na avidez de voar e de partir,
Com asas de ansiedade e de aventura
Entre a graça de espumas a florir. . .*

*Mas que o embalo das ondas me não traga
Ao pôrto onde embarcar o meu desejo :
— Que uma vaga me leve, que uma vaga
A' distância me enleie o último beijo. . .*

*Pois eu quero julgar que o ritmo ardente
Do meu sangue, sequioso de paixão,
Fica no mar pulsando eternamente :
— Como se fôsse o mar, que sonha e sente,
O sangue do meu próprio coração ! . . .*

Janeiro, 1918.

JOÃO DE BARROS.



Influência das agitações políticas na evolução do ensino popular

Tem a data de 6 de Novembro de 1772 o diploma que estabeleceu em Portugal o princípio aplicado da generalidade do ensino e a função educativa da escola popular. Tal facto — que é um facto marcante da nossa história — constitui, sem dúvida, um forte motivo de orgulho para todos os portugueses que possuem, vibrante, o sentimento da pátria.

Portugal antecipou-se à França na instituição oficial e regular das escolas públicas.

Em França, a escola do povo foi uma consequência da revolução que proclamou os « direitos do homem » em 1789. Assim como na Alemanha, e na Suíça, só depois da influência das ideias de Pestalozzi, em pleno século XIX, a escola popular se renovou, transformou e generalizou.

Todavia, aconteceu em Portugal o que também aconteceu em França, durante largos anos. O ensino popular, tendo sido inicialmente obra dum político, sofreu (e ainda hoje sofre!) desse mal de origem. Os governos que sucederam ao Marquês de Pombal, e especialmente o governo reaccionário de D. Maria I, prejudicaram-no e contrariaram-no a ponto que de 1790 a 1820 — durante 30 anos! — apenas se criaram mais 21 escolas, quando é certo que o grande ministro de D. José havia instituído, logo de princípio, algumas centenas.

Também em França decorreu muito tempo primeiro que os princípios da obrigatoriedade e gratuidade escolar, estabelecidos pela revolução de 89, fôsem um facto. A primeira lei que, na

verdade, lhes deu vida real, foi a lei de Guizot, de 28 de Junho de 1833 — 44 anos depois da revolução! — determinando que todas as comunas tivessem ao menos uma escola primária para rapazes. No entretanto, depois disso, ainda Napoleão e a restauração orleanista desdenharam das ideias republicanas a favor do ensino popular. E só a terceira república, após trinta anos de luta e discussão, tornou efectivos, na organização da instrução primária, os princípios da obrigatoriedade e gratuidade do ensino.

Na Suíça deram-se fenómenos semelhantes. Para exemplo, basta recordar que a seguir ao advento da democracia — que reconheceu iguais direitos e deveres a todos os cidadãos — as reformas do ministro Albert Stapfer, inspiradas nas ideias e tentativas de Pestalozzi, também falharam, não só por dificuldades financeiras mas porque as perturbações políticas esterilizaram os melhores esforços edificadores.

Onde, porém, se reconhece, com flagrante clareza, o mal que dos desencontros da política pode derivar para a evolução da instrução do povo, é passando em revista, embora num confronto rápido, todas as nossas reformas do ensino primário.

*

As revoluções liberais reataram o movimento escolar iniciado pelo Marquês Pombal e interrompido pelo reaccionarismo de D. Maria I. Mas, se a revolução de 20 estabeleceu a liberdade do ensino e o ensino primário feminino, logo a reacção em 23 determinou que se fechassem todas as escolas particulares, com o fundamento de que era proibido o ensino contrário aos princípios do govêrno.

Em 26 a Carta Constitucional garantiu a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos; mas esse direito manteve-se largos anos sem nenhuma condição de exequibilidade.

Na reforma de 1835 nem vale a pena falar. A queda imediata do govêrno que a promulgou inutilizou-a desde logo, apesar de ser a mais completa depois do Marquês de Pombal.

A seguir, a lei de instrução primária de 15 de Novembro de 1836, advinda com a revolução setembrista, teve apenas de apreciável a criação de uma escola feminina por distrito, porque a

liberdade do ensino e a frequência obrigatória, que ela restabeleceu, eram já preceitos conhecidos e, conseqüentemente, apenas reconquistados.

A reforma de 44 teve um carácter regulamentar. Dividiu o ensino primário em dois graus e determinou penalidades para obrigar os pais à frequência escolar dos filhos. De notável, porém, criou o Conselho Superior de Instrução Pública, com sede em Coimbra, para dirigir todo o ensino primário, durando estas funções até 1859, data da fundação da Direcção Geral de Instrução Pública no Ministério do Reino.

Esta Direcção Geral foi depois dividida em duas no governo de João Franco, e assim estava em 1910 quando se proclamou a República.

De 59 a 70 não houve reformas. Mas alguma coisa se passou de bem mais importante para o desenvolvimento do ensino primário. Ésse alguma coisa foi: o legado do Conde de Ferreira, em 66, de 144 contos para a construção de 120 escolas; e, de maior alcance ainda, o aparecimento do método Castilho, em 50, proclamando gloriosamente o grito de revolta contra o ensino tradicional, rotineiro, abstruso, e preconizando o ensino racional, agradável e intuitivo.

Com a larga e demorada controvérsia a que deu lugar o método Castilho, e, mais tarde, com a reforma de 16 de Agosto de 1870 do primeiro ministro da Instrução Pública, D. António da Costa, que foi também um entusiástico apóstolo castilhiano, principia a ser debatido o problema do ensino popular conforme a orientação moderna. Isto quer dizer que levaram mais de meio século as ideas de Pestalozzi a chegar a Portugal, topando conosco bastante desprevenidos para as receber. A questão era, e continuou a ser por muito tempo, sobretudo encarada por dois aspectos, considerados principais: a falta de escolas, e a centralização ou descentralização administrativa do ensino. A existência da escola, apreciada pelo seu valor intrínseco, isto é, pelo aproveitamento que dela recolhia o povo e a nação, era assunto relegado para um plano secundário. Por isso mesmo teve a máxima importância o aparecimento do método João de Deus, publicado em 1876. Verdadeiramente, o problema educativo nacional surgiu então, nas suas bases essenciais, o que não quer dizer que as reformas que se seguiram a esta data, quer a lei de instrução primária de 1880, quer o regulamento de 19 de Setembro de

1901, curassem de o encarar devidamente, afastando-se dos debattidos pontos de discussão das reformas anteriores.

A própria reforma de 1911, decretada pelo govêrno provisório da República, contendo, é certo, inovações importantes, pelas quais merece as nossas homenagens sinceras o então ministro do Interior e grande republicano Sr. Dr. António José de Almeida, fez-se de roda da descentralização administrativa do ensino, como sendo a administração municipal o eixo de toda a questão. E depois disso, a lei de 7 de Julho de 1914, que reorganiza o ensino normal primário, constitui apenas uma emenda parcial da reforma de 1911, e está ainda por executar.

*

A nossa escola popular parece destinada a permanecer como um símbolo inalterável do estado quasi improdutivo da mentalidade portuguesa. Ela é bem a legítima da herança que nos legou o lendário Padre Inácio. Não possui nenhuma característica architectónica, nem decorativa, nem higiênica, nem mesmo pedagógica. Em geral, é uma casa de aluguer, excepção feita, quasi exclusivamente, às escolas dos modelos «Conde de Ferreira» e «Bermudes», que não satisfazem também.

Para os pedagogos que advogam, como lei, a fórmula de que «o método é o professor», o problema da instalação da escola é um problema complementar.

Aqueles, porém, que não estão convencidos de que o professor primário possua o dom divino de fazer do nada alguma coisa, olham a questão como sendo uma questão primacial. E assim é, na verdade.

A escola, tal como fôr e como estiver, pode tornar-se um ambiente favorável ou desfavorável ao desenvolvimento regular e simultâneo — físico, moral, espiritual e estético — da criança, isto é, pode ser ou não ser um *ambiente educativo*. Se não é, então transforma-se numa atmosfera deletéria, onde as crianças aprendem pouco e mal, com sacrificio da saúde e das tendências naturais do espirito.

As paredes riscadas; as carteiras riscadas; os mapas falantes ou mudos, servindo de decoração, suspensos, dependurados ao acaso; enfim, o geral desalinho das cousas há-de, necessária-

mente, provocar a indisciplina, o mal-estar e o desencontro dos trabalhos escolares.

Pretendendo quebrar esta rotina, tão perniciosa para a cultura do nosso povo, construiu-se em Coimbra o primeiro Jardim-Escola João de Deus, modelo português de escola infantil.

Sucessivamente construíram-se mais três: um na Figueira, outro em Alcobaça, e o último em Lisboa, anexo ao Museu João de Deus, na Avenida Pedro Álvares Cabral, à Estrêla.

Aos Jardins-Escolas pertence a primazia de se ter realizado em Portugal a «arte na escola». Não foi êsse, nem podia ser êsse, o único intuito das escolas que se ergueram sob a égide do Autor da Cartilha Maternal. O seu principal fim foi iniciar praticamente uma corrente nacional e nacionalizadora do ensino, ao mesmo tempo que se definisse bem o lugar e o valor do método João de Deus na escola portuguesa. Era pouco? Era, sem dúvida. Mas era alguma cousa. Era uma obra a caminho.

*

Acaba de produzir-se mais uma perturbação política. A revolução de Dezembro aparece com propósitos reformadores que não são precisamente os que eram visados pelos idealistas revolucionários de 5 de Outubro. Não me admirarei, por isso, se a idea da nacionalização de ensino, pela qual se procurava diferenciar, dar carácter à escola portuguesa, fôr combatida, prejudicada ou suspensa. Encontramo-nos numa época de política agitada que estiola e anula toda a acção construtiva, mormente em tais assuntos que carecem de plano, boa orientação, continuidade e persistência.

JOÃO DE DEUS RAMOS.

Excerpto duma carta

A *Atlântida* começa hoje a publicar várias opiniões de escritores e artistas portugueses sôbre o BRASIL. Abre a série uma carta interessantíssima do pintor António Carneiro, a quem o Brasil prestou, quando da visita dêste homem ilustre à República irmã, as mais fervorosas e justas homenagens.

.....
Foi, desde que cheguei até o dia do meu regresso, um ininterrupto deslumbramento: — Cêrca de nove meses de alucinação visual — em que verdadeiramente me parecia que o admirável mundo da minha imaginação se tinha transfigurado em realidade.

Durante mais de um ano eu acalentara, ciosamente, o pensamento da viagem.

Ir ao Brasil, atravessar o mar, é um dos magos anseios que perenemente nos agitam.

Com que alvoroço parti — e com que temor: — os mais belos sonhos perdem o encanto quando tornados realidade — e eu ia realizar um sonho.

Interpunha-se porêem ainda o vasto espaço do Mar — e o Mar é um grande embalador de quimeras.

Quando, ao cabo de quinze dias, noite alta, o navio afrouxou a marcha, e me ergui alvoroçado, vi através da luneta do beliche, em disputa com o lume scintilante das estrêlas, uma extensa e viva palpitação de luzes — as Avenidas do Botafogo e Atlântica — mirando-me, em semi-círculo como para um abraço...

Quedei-me em êxtase, e aos primeiros alvares do dia corri à amurada para não perder um instante do soberbo espectáculo

que é sempre o nascer do sol — e sobretudo no mar, e sobretudo num pôrto, e no pôrto do Rio de Janeiro.

O vapor singrava então, docemente, dentro da baía, em demanda do cais; e à luz suprema daquela manhã gloriosa — os morros, a cidade, o mar, tocando-se simultânea ou sucessivamente de todas as múltiplas e subtis nuances da côr: róseo, cobalto, roxo, ouro, numa mutuação incessante de formas e de tons, até o primeiro beijo do sol nas cumiadas e o seu passeio triunfal por o panorama todo: — eis o espectáculo soberano que meus olhos tiveram a ventura de ver, e que na minha retina gravou com um prestígio dominador e perdurável.

O sonho continuava...

Não me senti em terra estrangeira. Pareceu-me uma continuação da Pátria — mas maravilhada — onde todos os nossos anseios de renascimento e desejo estuante, moço, de batalhar, de construir, de viver uma nova vida activa e forte de progresso e de Beleza tivessem encontrado a sua realização pujante.

Acolhido à sombra amiga dum lar illustre, respirando voluptuosamente uma atmosfera de liberdade e de cultura, inebriado com a pompa da natureza que de toda a parte se prodigalizava com uma generosidade absolutamente brasileira — assim vivi alguns curtos e inolvidáveis meses.

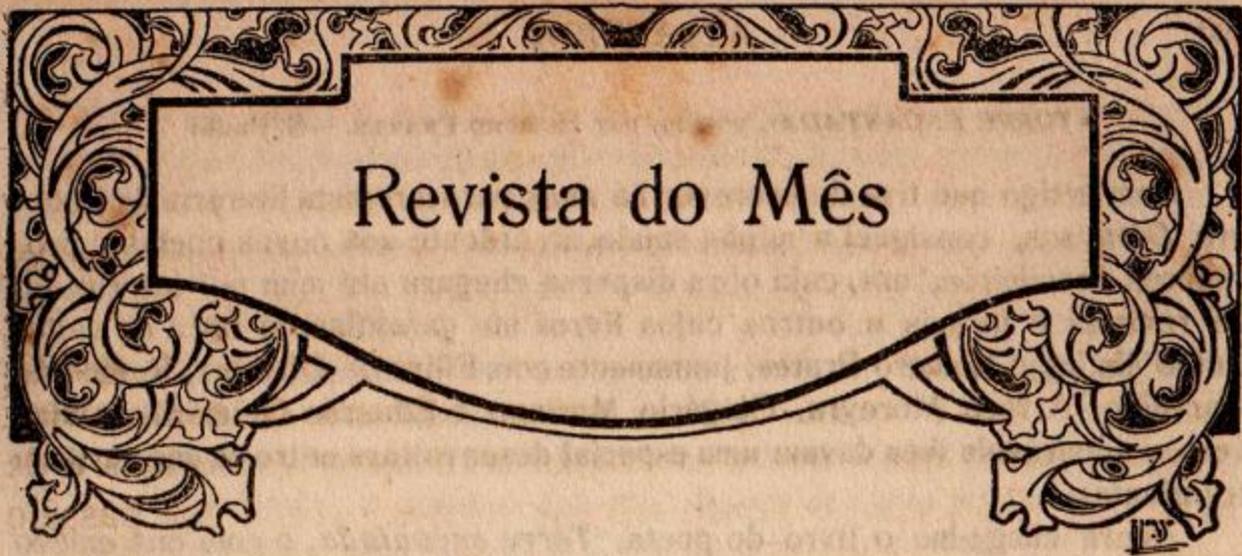
Quando embarquei, no regresso, era ao fim da tarde, no verão. O sol, velado ténueamente, descia no horizonte, e o seu disco rubro, afogueado, espargia por todo a abóbada celeste, pela cidade toda e pela baía, a sua poalha sangüínea e ouro pálidos, como numa angustiosa despedida.

De novo recolhi ao meu eremitério — miradouro humilde de onde entrevejo as mais férteis messes.

E hoje, ao relembrar, de alma ajoelhada, a magia perturbante que foi todo o tempo da minha ausência no Rio, eu me pergunto ainda: — se vivi na Realidade, ou essa Realidade era um prolongamento do meu sonho.

Pôrto, Novembro de 1915.

ANTÓNIO CARNEIRO.



CRÓNICA LITERÁRIA

MIL TROVAS — (3.^a edição) — Coleccionadas e prefaciadas por AGOSTINHO DE CAMPOS e ALBERTO DE OLIVEIRA. — Livrarias Aillaud e Bertrand

Dêste lindo livro que, numa hora de boa inspiração, e de patriótica ternura, os ilustres escritores Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira lançaram a público, acaba de sair terceira edição. Eis um sucesso merecido. O educador que é Agostinho de Campos, o poeta que é Alberto de Oliveira souberam escolher, dos milhões de cantigas que formam o cancionero popular português, as mil trovas mais belas, mais características e mais conceituosas, permitindo assim que, por meio delas, possamos ouvir e entender o profundo pulsar do coração do povo. O admirável prefácio que antecede esta compilação mostra bem o intuito dos autores, e louva, com sóbria, mas sugestiva eloquência, a alma excepcional de sensibilidade, de finura e de graça que é a alma portuguesa — sensibilidade, finura e graça que êste livro revela como nenhum outro.

JOÃO PATETA. Conto popular recolhido por ADOLFO COELHO, ilustrações de ALICE REY COLAÇO

A família Rey Colaço é, como todos sabem, uma família de privilegiados talentos. Se o talento desse a felicidade, não haverá talvez em Portugal família mais feliz e, sem dúvida, o é; mais digna de aplauso, de louvor e de simpatia, não a há com certeza. Êsse livrinho, em que Adolfo Coelho recolheu um dos mais interessantes contos populares portugueses, vem todo esmaltado da alegria sã de Alice Rey Colaço, que em vários *hors texte* dá toda a medida do seu valor de ilustradora. Ingênuos, graciosos, vivos, os seus desenhos trocam esta pequena brochura num verdadeiro regalo para as crianças e num verdadeiro encanto para a gente crescida que, ao olhá-lo e tê-lo, sentirá a alma remoçada e o coração docemente comovido por tudo quanto evocam e rememoram, de cândido e de sincero, as ilustrações de Alice Rey Colaço.

«TORRE ENCANTADA», poemas por HOMERO PRATES. — S. Paulo

Num artigo que tive de escrever há anos para a revista literária de Coimbra *Dionysos*, consignei a minha saudação ardente aos novos poetas e prosadores brasileiros, uns cuja obra dispersa chegara até mim por intermédio de revistas e jornais e outros cujos livros me garantiam já obra de vulto. Então distingui Homero Prates, juntamente com Filipe de Oliveira, Ronald de Carvalho, Álvaro Moreyra, Olegário Mariano e Eduardo Guimarães, cujos versos admiráveis lhes davam uma especial desenvoltura entre os que surgiam triunfantes.

Agora chega-me o livro do poeta, *Tôrre encantada*, e com que enlêvo estive relendo alguns dos poemas que por tempo o impuseram à minha simpatia como um encantador do ritmo e da imagem, excelso irmão de quantos grandes poetas erigiram a Beleza em deusa única, a quem perenemente sacrificam.

Já os motivos emocionais com que se prende são duma tão requintada nobreza que nem um só momento pela asa duma rima singela, ou pela atitude dum ritmo mais pobre, a banalidade consegue aproximar-se-lhes.

Irregular, decadente por vezes, mas sempre compondo ao espelho duma elevada idealidade os jeitos da sua alma, Homero Prates fez com os seus versos, até há pouco perdidos na colaboração avulsa, um belo livro em que a sua sensibilidade se afirma senhora duma forma que pode deixar de ser impecável até por nela muitas vezes se vasar a perversa, endemoninhada emoção da nossa era, feita por

«Êste céu, esta luz de que me embriago e inundo
A voz da sombra, o mar que sonha, a Primavera,
O envelhecido azul da asa duma Quimera,
A curva da onda, a sêda, o silêncio, o veludo
E o poente e a noite e o outono e as fôlhas mortas, tudo
Que há de mais belo e suave e triste no Universo
Velado no jardim do teu corpo e disperso
No jardim infernal e divino da vida».

A poesia de além-Atlântico encontrou um dos seus mais altos intérpretes, e tanto maior quando é certo que se a sua inspiração vem da «alma verde dos mares» e da «volúpia das selvas» nem por isso deixa de aperceber-se — e com que ternura! — das sombras, dos perfumes, das músicas indizíveis que o Sonho e a Quimera andam despertando pela vida, miraculosamente.

«DA IRONIA DO RISO E DA CARICATURA; CRÓNICAS DE ARTE; ESTÉTICA DA ARTE POPULAR», por AARÃO de LACERDA. — Porto

Desde rapaz que Aarão de Lacerda votado absorventemente às cousas de arte marcou as suas predilecções de espírito e se afirmou como um comentador consciencioso do facto estético.

Conheci-o compositor num quarto de Coimbra, donde algumas noites se evolaram para a paz religiosa do burgo perdidas baladas sonolentas e emba-ladoras em que a sua alma se comprazia.

Fora do ruído e da turbulência dos rapazes, metido com os museus e com os livros, fazia-se lembrado por intermédio das suas crónicas no *Janeiro*, muitas delas reunidas agora no segundo dos volumes cujos títulos encimam esta nota e pelos seus artigos nas revistas literárias. Onde quer que o caso artístico surgisse, não deixou nunca a sua anotação de fazer-se.

E ao seu comentário, se outras razões o não impusessem, bastava para se valorizar o amor pela arte portuguesa e o louvor dos artistas nacionais, que Aarão de Lacerda não deixou de acentuar nunca.

Orfeonista, compositor, conferencista, crítico, sempre a mesma obsessão da arte o orientou, e assim é que nas páginas dos três volumes, que a sua amizade me manda, nem uma linha deixa de ressentir-se dela.

Louve Beethoven, Wagner ou Debussy, percorra a galeria dos risinhos e dos ridículos ou debruce-se para os infinitamente pequenos da intuição artística do povo, anote as telas de António Carneiro ou os versos dos poetas, sempre a sua paixão por cousas de arte se denuncia.

As suas conferências acusam leituras largas, estudo e brilho de expressão. Essas qualidades são peculiares às suas crónicas, que se me afiguram antes esboços para mais largos trabalhos do que os conceitos rápidos que deviam assegurar as críticas de jornal ou as colheitas de sugestões em que deviam cifrar-se as crónicas de arte.

«PARADOXOS DE ADEME», por AFONSO DE BOURBON E MENESES. — Lisboa

Mais ainda do que dum noticiarista literário — o que já seria muito — ao tratar de Bourbon e Meneses há que sublinhar as suas qualidades de artista transviado, que nenhum hábito nem obrigação nenhuma fizeram abdicar da sua orgulhosa sensibilidade e da sua expressão independente.

Creio que não pensou Bourbon e Meneses em sagrar êste livro o definitivo título às palmas académicas, e antes o quis irregular como é, assim pessoal e irreverente no modo de pensar, e original, chocante de imprevisto no modo de escrever.

Dos livros de crónicas e máximas publicados em Portugal e Brasil nos últimos tempos poucos como êste têm a virtude de documentar inconfundivelmente um tão rico temperamento estético.

Realmente, o vigor e o colorido da prosa de Bourbon e Meneses, a galhardia do seu pensamento e a finura da sua sensibilidade produziram páginas excelentes, em que o *humour* por vezes se aguça em punhal florentino de ironista e a retina sagaz do observador se reveza com a elevada visão dum pinturista que a pena manejasse com caprichos de encantado pincel.

«ROMEU E JULIETA», novela em cartas, por SOUSA COSTA. — Lisboa

O valor do Sr. Dr. Sousa Costa como romancista está documentado em alguns volumes dos mais festejados pela crítica. Esta novela, que se lê com interêsse, constitui, suponho, a primeira obra neste género do ilustre escritor,

BEBAM AGUA DO ALARDO

que nela trata um conflito social complicadíssimo, mais com a bondade de quem lhe procura solução do que com a frieza de quem deixa ao destino o seu desfecho.

O divórcio, que como tema literário tem incluído muitos volumes de dissecação psíquica tanto de novela como de teatro, é também o assunto do *Romeu e Julieta*. Mas não é o problema social em conjunto que nele se versa, e dos seus múltiplos aspectos um nos surge, interessantíssimo e flagrante por sinal, dado pelo depoimento pessoal dum homem cujo lar se desfaz um dia porque uma sombra de intrusa o ennegrece e se reconstitui outro porque ante o tédio do homem a sombra se esvai e com ela a intranquilidade doméstica.

«*POEMA DA HUMILDADE*», por AMÉRICO DURÃO.—Lisboa

As quadras dêste livro singelo, em que a ternura trabalha o verso com o carinho de femininas, mãos que os fios entrelacem para as rendas, têm um notável sabor ao puro lirismo português e um parentesco, que muito deve honrar o poeta que o escreveu, com a elevada poesia de António Correia de Oliveira.

Penso que quem êste brando poema compôs, num lírico relance de fortuna, tem obrigação de desapega-se de todas as preocupações para deixar correr o veio inestancável do seu sentimento. Êle lhe dará em breve forma própria e perfeita.

«*MEMÓRIAS E ESTUDOS*», por AUGUSTO ROSA.—Lisboa

O ilustre comediante que, como Schwalbach diz no prefácio dêste livro, pertence a uma dinastia de artistas, continua o seu propósito do volume *Recordações de scena e de fora de scena*, registando e publicando as impressões que na sua larga e triunfal carreira tem recebido no convívio com os camaradas dignos de o tratarem assim e com os autores que só para êle e para tais camaradas escrevem.

As 150 páginas do volume que acabo de ler, despertensioso relato de quem certo está de que aos factos contados não são precisos cuidados de ornamentista por lhes sobejar valor episódico e interêsse, confirmam o conceito dos que sustentam a obrigação imposta aos grandes artistas de garantirem ao seu público as notas liais das suas melhores camaradagens de espírito.

«*OS QUADROS DA SÉ DE VISEU*», por F. DE ALMEIDA MOREIRA.—Lisboa

Constitui um sério estudo artístico êste folheto em que, comparando os quadros da Sé de Viseu com os de Santa Cruz, de Coimbra, e com os de S. João, de Tarouca, o Sr. Almeida Moreira trabalha na indentificação do pintor dos primeiros.

O estudo baseia-se nas opiniões de Bertaux, Sousa Viterbo e José de Figueiredo, e demonstra um debruçante carinho do autor pela nossa arte clássica.

N. S.

No próximo número faremos referência, entre outros volumes, ao romance *A Via Sinuosa*, de Aquilino Ribeiro, que por especial deferência da livraria Aillaud & Bertrand pudemos ler alguns dias antes de ser pôsto à venda.



I — JANEIRO

DIA DE ANO BOM!

. . . Na lareira arde um lume vivo e esperto. Chamas lestras de carumas bailam, tremem, torcem-se azuladas aquecendo as gentes ao redol. A fumurada, com um cheiro forte a pinhas sobe em rolos densos, vai curtir os paios, os chouriços pendurados em riba, que — «Em janeiro, um porco ao sol outro ao fumeiro». E quando, num sino perto, meia-noite entra a tilintar lânguidamente, toda a familia se ergue e de mãos postas levanta graças a Deus . . .

E o novo ano começa!

O dono da casa abençoa a filharada inda num derradeiro murmúrio de reza. Atiram-se mais dois punhados de castanhas para o brazido. Corta-se uma linguiça das melhores, das mais grossas, e enfia-se sob as cinzas fumegantes préviamente enrolada numa fôlha de papel pardo, — p'r'amor de não sujar. E começa a consoada!

Numa frigideira cham filhoses de abóbora, loiros, pulados, deliciosos. Noutra, ramos de farinha de trigo alastram-se no azeite em recortes de capricho. E numa picheira de barro vidrado, um vinho novo duma côr de cravo, oloroso e claro, ferve, espuma, espirra . . .

Risos de oiro vibram nas bôcas das crianças. Cabelos brancos de velhas aureolam-se de ternuras. E todos os falares são duma doce e larga suavidade. Lembram-se ausentes. Fazem-se votos futuros. E no ar, a esperança abre as asas de oiro: — êste ano se Deus quizer . . .

A êsse tempo já grulham'na rua as *Janeiras*. Rapaziada amiga, embiocada em gabões, estaca defronte aos janelos e canta em côro, numa alegria vermelha:

Boas Festa e Bom-Ano
Aqui vos vimos trazer . . .
Esperamos pela esmola
Vêde o que deveis fazer . . .

BEBAM AGUA DO ALARDO

Há risos de dentro. A porta escancara-se. E arrimados às ombreiras, em galhofada rija, sorde a dona da casa e mai-lo seu homem. Fora neva, o frio corta, parecem que asas geladas varam o ar . . .

E a quem chega vão duas maçãs, uma mão-cheia de passas de figo e dois cálices de aguardente da rija, ali, para aquecer a fibra . . .

E o côro despede-se: — «*Ripa, ripa, esta casa seja rica . . .*».

E daí a migalho o dia surge todo azul e oiro, que lá manda o rifão: — «*Primeiro dia de janeiro, primeiro dia de verão . . .*».

É dia de festa, dos maiores e de mais foiga. Tuda enverga suas farpelas domingueiras. O sol esplende, cobre tudo duma poeira de oiro. Rios claros descem suavemente em águas mais translúcidas e límpidas que olhos de irlandesas lindas. Sobem foguetes. Músicas cumprimentam ao som festivo de ordinários. As mãos abandonam-se numa doçura amiga. Risos harmoniosos florescem nas bôcas vermelhas das mulheres. E são mais gemados de ternura, mais assoalhados de carinhos os longos olhares amorosos dos namorados . . .

— *É uso neste dia darem-se guloseimas, bombons, pastéis, doçarias.*

Penso que isto não é mais que uma sobrevivência das «strenas» que pelos bons tempos os romanos davam uns aos outros pelas doiradas festas de Saturno, de Minerva, do comêço do ano, — as «strena calendaria» . . .

Depois generalizou-se, tomou foros de praxe. Lembro-me de que, em França, a gente é quasi obrigada às «étrennes».

6 — DIA DE REIS

. . . Tinham dito os profetas, na sua voz de oiro e de verdades, que por aqueles tempos nasceria em Belém o Salvador do Mundo . . .

Correra larga e breve a boa nova. Galgara povos e reinos.

E do Oriente, de afastadas terras, deixando suas côrtes de maravilhas, se abalaram três poderosos Reis atrás do luminoso brilho duma estrêla de oiro . . .

Levou-os o estranho lume para um presépio, onde, entre palhas, a Virgem Nossa Senhora dera à luz Aquele que Deus enviara às gentes para lhes ensinar a Amar, a Sofrer, e a Perdoar . . .

. . . Vinham dos povoados ao derredor ruídos de folgas e de alegrias. Largas caravanas chegavam ininterruptamente. Pachorrentos camelos seguiam atrás de grandes elefantes carregados de pedrarias. Cantigas de moças punham no límpido ar de Nazaré a frescura e o riso dos felizes dias. E era infindável a roda dos crentes que de toda a banda ao Menino traziam suas rezas de Fé . . .

. . . E então de joelhos tombaram os três Reis poderosos. E o primeiro lhe ofereceu incenso, para exemplificar o complexo de virtudes e bondades que floririam na sua existência. O segundo lhe ofertou oiro, assim provando nele existir todo o poder da terra. E o terceiro lhe deu mirra, assinalando a Dor, a Paixão, o resignado sofrimento do seu espírito em todo o seu longo martírio . . .

É, mais ou menos, por isto que o povo guarda o dia de Reis . . .

É bom pôr neste dia três bagos de romã no lume, três na bôlsa, três na arca do milho, para que em todo o ano não falte nem lume, nem dinheiro, nem pão.

O dia de Reis é uma dia de folga, quasi com praxes iguais à do Ano Bom. Pelas ruas cantam-se os Reis e as Sebastianas, grulhando na pedincha, vulgarmente para capelas pobres. É velho o uso. Dantes, os monarchas das côrtes de Portugal, de França, de Espanha, etc., davam às Igrejas uma certa dose de oiro nesse dia, em memória dos presentes oferecidos a Jesus pelos Magos.

A lenda dos Reis creio que é fruto da imaginação popular, que fez dos sábios Medos ou Persas, que vieram à côrte de Herodes da Judea, três Reis, com os nomes de Belchior, Baltasar e Gaspar.

Os Magos eram sacerdotes do culto do Fogo, instituído, segundo corre, por Zoroastro na Pérsia. O culto do Fogo era dos grandes cultos professados ao Ar, ao Vento, ao Sol, na grande catedral da Natureza, sem templos nem altares.

Os Magos eram os educadores das mocidades e, além de outras sciências, entregavam-se particularmente ao estudo da astronomia.

Talvez seja por isso que o povo conta que foi uma estrela de oiro que os levou à Palestina . . .

10 — S. GONÇALO DE AMARANTE

S. Gonçalo de Amarante é um santo feliz, um santo casamenteiro. É dia de folga rija em todo o Norte, principalmente em Amarante. Quem quere casar-se cedo vai em seu dia, entre cantares e risos, aos giestais pelos campos ao derredor da vila. Vão ranchos largos, fartos de ferrinhos, de violas, de harmónios. Atrás segue a velhada, pais com borrachas de verdasco ao tiracolo, mães com canistréis com as merendas. E à frente, cirandando na dianteira, as moças carregadinhas de oiro, cordões como punhos, arrecadas como traves, ali ao lado dos toques, a cantar e a bailar :

S. Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas :

— Porque não casais as moças ?
— Que mal vos fizeram elas ?

12 — LUA NOVA

. . . Contam lendas que é pelo primeiro luar da Lua Nova que as Três Sombras dos Magos se perdem, se somem nos luares das noites suavíssimas. Apagam-se lumes nos presépios e risos de oiro, risos luminosos, nas bôcas das crianças. E as noites ficam-se quêdas, estasiadas nos brilhos altos das estrêlas altas . . .

BEBAM AGUA DO ALARDO

Pela maravilhosa claridade do luar da Lua Nova rezam os pinheirais as orações maravilhosas do silêncio. Fontes riem risos de prata. E são mais vagarosas, mais lentas, as águas calmas dos grandes rios vagarosos . . .

É assim, e assim será sempre, sempre, pela fria claridade do luar da Lua Nova . . .

15 — SANTO AMARO

Santo Amaro é dos santos mais populares de Portugal. Raros têm por esse país além tanta capela alpendrada, branca, voltada ao nascente, com seu adro de erva fôfa ao redol.

A sua festa é uma festa de arraial e de romaria. Nem procissões, nem missas, nem largas funções de Igreja. Lumes nos altares, das esmolas de azeite, fiadas de bandeiras de papel de côr, e pronto . . .

Santo Amaro é advogado de quebraduras de pernas, de braços torcidos, de reumatismos, de dores agudas. As promessas, as oferendas, constam de pernas e braços de pau e de cera, que os penitentes passeiam ajoelhados em tórno da capela . . .

No adro, no largo em roda, folgam ranchadas de povolêu. Às sombras doces abrem-sa farnéis.

Violas zangarreiam malhões restolhentos. Harmónios chiam modinhas vivas e nervosas. E vozes de raparigas andam no ar como farrapos doirados . . .

Fui pedir p'r'o meu amor
Ao Santo Amaro da Boiça :
O santo prantou-se a rir,
Deus queira que êle me oiça.

20 — S. SEBASTIÃO

É festejado principalmente no Algarve por terras apartadas do Alentejo. As procissões neste dia têm uma característica interessante: atrás, no coice, seguem ranchos de rapazio com velas e pavios acesos, grulhando como bandos de pardais . . .

À beira do mar, em burgos de pescadores, depois de libações rijas, é uso os homens queimarem-se mutuamente as barbas com archotes.

E em certas bandas fazem-se *fogaças*, grandes bolos cozidos no forno público e depois levados à igreja em procissão, onde são benzidos em luzida festa de missas e sermões: em seguida, as *fogaças* são cortadas aos bocados e distribuídos pelos pobres . . .

Figueira da Foz.

RAIMUNDO ESTEVES.

MÚSICA

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA — 5.º CONCERTO

O último concêrto de assinatura da Orquestra Sinfónica Portuguesa dirigida pelo *maestro* Pedro Blanch, além da *abertura* do «Coriolano» de Beethoven, da «Marcha Militar» de Schubert e do *quadro sinfónico* «Sadko» de Korzakoff, fez-nos ouvir a «5.ª Sinfonia» de Tschaikowski e, em primeira audição,

uma adaptação, sob a forma de *suite*, de um Preludio, Coral e Fuga de J. Sebastian Bach.

O autor dêste arranjo — pois de um verdadeiro arranjo se trata — se bem que aos puristas possa merecer o reparo não diremos de alterar mas de retocar a intangível forma do mestre mais perfeito na mais perfeita e académica das formas de composição musical — é digno, contudo, duma ampla absolvição para o seu possível pecado pela felicidade na escolha dos números a dispor em *suite*, pela acertada e mesmo brilhante instrumentação com que o apresentou e, sobretudo, pela eficácia dos efeitos que conseguiu até nos pontos em que mais se afastou da estrutura fixada nos textos originais.

O que fez Abert, de resto, tem sido feito com o maior sucesso por autoridades consagradas: como Busoni, de quem são célebres as adaptações das obras de J. S. Bach; como Wagner e Liszt, a quem devemos arranjos famosos de tanta obra de outros imortais criadores de música.

E, quando êste argumento não bastasse — nem sempre o recurso à razão de autoridade é procedente —, o que não pode oferecer dúvidas é que da execução do arranjo de Abert resultou para todos um grande e incontestável benefício: a aceitação, não apenas carinhosa mas francamente entusiástica, com que, no domingo passado um público, até aqui e em circunstâncias idênticas frio e reservado, recebeu a severa e bela *maneira* de Bach.

Benefícios para todos, desde que tão entusiástica aceitação necessariamente determinará a frequência de audições dum género de arte cujo atuado estudo grandemente aumentará à orquestra a sua sempre crescente capacidade de realização, desde que o calor dos aplausos dissolvendo um gêlo tão desconsolador como persistente, desfazendo tão obstinada quão absurda desconfiança, claramente revelou também o despontar dum desejo com cuja satisfação muito lucrará a educação do gôsto do nosso público.

Inútil será acrescentar que para a completa obtenção dum tal resultado muito contribuíram a rara probidade, a largueza e elevação de estilo, bem próprios dum mestre formado nas melhores escolas, com que Blanch dirigiu a execução de toda a *suite*, e ainda, a segurança, a nitidez e o vigor com que a orquestra transmitiu todos os detalhes do nobre pensamento que a inspirou. Não estávamos, de facto, muito habituados a poder percorrer com «facilidade e o deleite correlativos as inúmeras sendas sonoras oferecidas no maravilhoso e sábio desenrolar da fuga», nem acostumados estávamos a experimentar as delícias da reconfortante paz interior evocada pelos largos e bem graduados acordes do Coral, tais como no-los realizaram os metais da orquestra Blanch.

A composição que ocupava o lugar de honra do programa, a «5.^a sinfonia» de Tschaikowski, era já conhecida do nosso público.

Não tinha ela sido recebida com as delirantes ovações que acolheram e acolhem ainda a popular produção do mesmo autor, «a Abertura Solene 1812», tendo merecido contudo a sua audição verdadeiro e carinhoso intêresse. Se bem que justamente festejada nesta segunda aparição, o agrado que

BEBAM AGUA DO ALARDO

logrou alcançar não ultrapassou grandemente a intensidade emocional já atingida.

E não andou o público dos concertos do Teatro da República muito afastado dos limites do bom gosto, da recta e sã justiça.

Entre aqueles que melhor conheciam e mais apreciavam as preciosas jóias artísticas que enriquecem o tesouro musical russo, o moderado agrado que lhes despertou Tschaikowski explica-se fácil e amplamente. As platéias dos grandes centros da Europa, nomeadamente as de Paris, tomaram conhecimento com a música eslava por intermédio das criações da famosa escola dos «Cinco», das criações de Maussorgsky, de Rimsky-Korsakoff, do jovem Strawinsky . . .

Êsses audazes e geniais rebuscadores do inédito, êsses temerários reveladores duma sensibilidade exquisita e nova fixaram o tipo que se convencionou considerar como o autêntico representante duma étnica maneira de ser, emanção directa dum gosto nacional, expressão exacta do sentir colectivo dum povo.

Mas . . . *la mariée n'était pas aussi belle.*

Quando, em presença do invulgar entusiasmo com que eram festejadas as *tournées* russas, certas emprêsas se propuseram oferecer aos parisienses as verdadeiras devoções da alma eslava, as glórias consagradas pelos públicos de Moscou e Petrogrado, apareceu então Tschaikowski — não ignorado mas esquecido — reapareceram Glinka e Rubinstein, surgiu Dargomijsky.

Desejando instruir-se e melhor conhecer uma escola de arte tão legítimamente simpática, o público da grande capital seguiu com o mais atento interesse a nova série de espectáculos. A decepção foi amarga e cruel!

Em vez das sublimes revelações profundamente impregnadas do perfume dum rico *folklore*, bizarramente coloridas dum orientalismo particularmente saboroso, que eram desde o seu surgir a consagração duma escola e o modêlo bemvindo de gerações sequiosas de novidade, em vez dos feéricos encantos da *Shéhérazade*, das harmonias coruscantes do *Boris Godounou*, apareceu a documentação minuciosa e enfadonha duma estética banal e estafada que forneceu à Europa tanta romança, tantos vocalícios, cadências, ariosos e codas de bravura, tanta fórmula conhecida para fabricar óperas e escolásticas sinfonias.

Sem deixar de reconhecer em Tschaikowsky o merecimento que indiscutivelmente possui e de apreciar e aplaudir em suas obras as inúmeras belezas que inegavelmente contêm, notou-se então, com acêrto, que êle não tinha o género de talento que se lhe supunha.

Cousa alguma encontraram em suas composições de estranho, de eslavo, como por exemplo em Chopin, ou mesmo essencialmente russo, como em Borodine.

Tschaikowski pensava e escrevia à alemã. Denotava possuir grande fantasia, mas esta dominada por tendências clássicas.

Havia nas suas composições um mixto de italianismo melodioso e de germanismo formal à maneira de Mendelssohn, criticaram-lhe as repetições, por vezes, em violências, acusaram-no de ser excessivamente longo em certos desenvolvimentos, desprezando o perigo, apontado por Renan, de vir a arte perder-se nos domínios do vago e do incompreensível desde que pretenda

ser infinita em suas formas como o é em suas concepções, sem que pessoa alguma, contudo, ousasse negar-lhe a elegância das ideas, as *trouvailles* de harmonia e sobretudo de instrumentação. Tschaikowski, em resumo, não convenceu, entre os públicos melhor servidos de boa música, pela razão fundamental de não ser bastante russo, de diferir assaz dêsse ideal triunfante revelado por russos e que, como tal, passa a ser tido como característico da música duma raça.

¿Seria devido à mesma razão que a sua «5.^a sinfonia» não elevou ao rubro o entusiasmo do nosso público?

Em relação a uma pequena minoria de verdadeiros apreciadores essa razão poderá ser aceitável, mas em referência à grande maioria dos nossos ouvintes, que aplaude estrondosamente as pompas da «Abertura Solene» e mal sublinha as belezas estranhas e recônditas dessa maravilha de côr e de ritmo que é o quadro sinfónico «Sadko», tal explicação seria positivamente inadmissível. Talvez mesmo essa grande maioria desejasse um Tschaikowski mais franco e abertamente italiano.

O que tudo isto não obriga é a que se ponha para o canto uma obra do valor da composição ouvida no domingo; antes, e a exemplo do que se faz entre os mais exigentes, é mister reservar para as sinfonias do festejado Tschaikowski o lugar que elas souberam conquistar nos programas dos melhores concertos orquestrais. Por isso louvamos a inclusão da «5.^a sinfonia» na festa de domingo passado, e agradecemos os regalos — principalmente devidos aos andamentos 1.^o e 2.^o — que a sua audição nos proporcionou.

Toda a sinfonia, como aliás toda a restante parte do programa, foi executada com grande esmero, sendo contudo de justiça salientar a maneira feliz como se realizou o *andante contabile*, em que a deliciosa sonoridade do primeiro trompa — professor Salgado — e as arcadas ardentes dos violinos porfiaram em nos mergulhar no mais inefável e completo encanto.

E será por meio dêsse transmissor de beleza cada dia mais perfeita, que é a orquestra Blanch, que, no próximo concêrto, Beethoven nos falará.

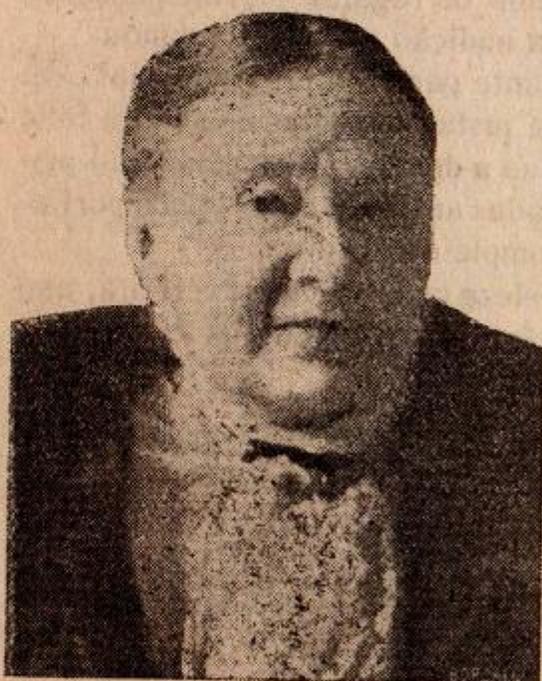
J.

BEBAM AGUA DO ALARDO

Notícias & Comentários

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

A convite da Sr.^a D. Branca de Gonta Colaço, reuniram-se há dias, em sua casa, as Sr.^{as} D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Branca de Atouguia



Ferreira Pinto, D. Maria Madalena de Martel Patrício, D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Albertina Paraíso, D. Irene de Gonta Gilman, e os Srs. Conde de Sabugosa, António Cândido, José António Freitas, Dr. Carvalho Monteiro, Dr. Alfredo da Cunha, J. A. Moreira de Almeida, Cristóvão Aires, Edgard Prestage, Dr. António Sardinha, Hemetério Arantes e Dr. Aníbal Soares.

Tratava-se de assentar em promover uma homenagem pública à escritora Sr.^a D. Maria Amália Vaz de Carvalho, por ocasião do quinquagésimo aniversário da publicação do seu primeiro trabalho literário, em Março próximo.

Uma das homenagens a prestar à Sr.^a D. Maria Amália Vaz de Carvalho será a oferta dum cofre com uma pena de ouro, pensando-se em abrir para esse efeito uma subscrição pública, iniciada por uma comissão de que se conta façam parte, além daquelas Senhoras, outras distintas Damas a quem foi dirigido convite, como as Sr.^{as} Duquesa de Palmela, Condessa de Sabugosa e Murça, Marquesa de Pomares, Condessa de Vila Rial e de Paraty, etc.

A *Atlantida*, pelos seus directores e colaboradores de Portugal e do Brasil, associa-se com o maior entusiasmo a esta justa consagração a uma das mais ilustres personalidades literárias femininas da literatura portuguesa.

GENERAL NAPOLEÃO ACHÉ

Chegou a Lisboa, vindo de França, o general Napoleão Filipe Aché, chefe da missão militar brasileira, que veio à Europa visitar a frente de batalha e os principais centros militares dos países aliados.

A *Atlantida* saúda cordialmente o ilustre militar.

«O LUSITANISMO»

O n.º 20 do *Boletim da Câmara Portuguesa de Comércio*, que se publica em S. Paulo e que tão excelentes serviços tem prestado ao intercâmbio comercial e económico luso-brasileiro, traz um interessantíssimo artigo de S. Machado sobre *O Lusitanismo*. Nesse artigo, muito amável para a nossa revista, defende-se com sincero calor a idea, que o nosso eminente colaborador Dr. Bettencourt Rodrigues aqui lançou, duma federação entre Portugal e Brasil.

É com verdadeira alegria que enviamos ao *Boletim da Câmara Portuguesa de Comércio* de S. Paulo os nossos mais fervorosos agradecimentos, e a expressão de nosso orgulho em vê-lo acamaradar connosco na defesa duma causa entre todas simpática à *Atlântida*, que a ela quere dedicar todo o seu esforço de publicidade.

As edições da 'Atlântida'



A NOSSA CASA, pelo architecto RAÚL LINO. — Em edição da *Atlântida*, acaba de sair o novo livro do nosso illustre colaborador Raúl Lino: — **A Nossa Casa**. Compõe-se êle duma série de conselhos a todas as pessoas que desejem construir e habitar uma casa de bom gosto, de harmoniosas proporções, de carinhoso acolhimento. Raúl Lino, tão conhecido pelos seus projectos de construções portuguezas, que êle iniciou em Portugal há uma dúzia de anos, e que tão justa celebridade lhe têm trazido, inicia os seus leitores com êste pequeno, mas eloquente volume na difficil arte de edificar, não sómente uma casa, mas um lar cómodo e belo. É um livro que todos devem ler: é um

livro útil, um livro necessário, que a *Atlântida* se honra de ter editado.

Já publicados:

Pedro, o Cru, drama, por ANTÓNIO PATRÍCIO.

Coimbra, Terra de Amores, por VICENTE ARNOSO.

Caminho da Atlântida (uma campanha *lusobrasileira*), por JOÃO DE BARROS.

No prelo, a sair em Fevereiro e Março:

Alba Plena, por AUGUSTO GIL, 2.^a edição — preço br.: \$60.

A Hora de Nun'Alvares, por AUGUSTO CASIMIRO — preço br.: \$30.

A Fazenda da Saúde, por SOUSA BANDEIRA — preço br.: \$50.

OS LIVROS DO POVO

A mais completa obra de educação e instrução, orientada por notáveis professores e exclusivamente feita para a divulgação e conhecimentos indispensáveis à vida.

Cada volume de 64 páginas de texto compacto

\$05 (50 Réis)!!!

LIVRARIA PROFISSIONAL

Largo do Conde Barão, 49—LISBOA

SUMÁRIO DO NÚMERO 26

<i>Sete pobres num palheiro</i>	Teixeira de Queiroz
<i>Versos</i>	António Patrício
<i>A Confederação luso-brasileira, Três opiniões</i>	{ Jaime de Magalhães Lima
	{ Nunes Ribeiro
	{ Pinto da Rocha
<i>O Natal</i>	Leonardo Coimbra
<i>O homem que matou</i>	Aquilino Ribeiro
<i>O Programa de governo do Dr. Rodrigues Alves, futuro Presidente da República Brasileira.</i>	
<i>Impressões dos Bailados Russos</i>	Manuel de Sousa Pinto
<i>Paísagens da Guerra (uma visita à Exposição Fotográfica das Tulherias)</i>	Augusto de Castro
<i>A rotina e o trabalho scientificamente organizado—O Taylorismo</i>	Fernando de Vasconcelos
<i>Comentários ao estudo do Sr. José Viana da Mota sobre «O Ensino da Música em Portugal»</i>	Ruy Coelho

REVISTA DO MÊS

<i>Crónica literária</i>	N. S.
<i>Crónica artística</i>	Aquilino Ribeiro
<i>Teatros</i>	Avelino de Almeida

Reprodução de: Auguste Rodin.

Desenhos de: António Carneiro, Leal de Camara, Almada Negreiros, Raul Lino, Santos Silva e Manuel Gustavo.

AGÊNCIA NO SUL DO BRASIL BRAZ LAURIA

Rua Gonçalves Dias, 78

RIO DE JANEIRO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Um ano (12 números)	12\$000
Semestre	7\$000

Número avulso 1\$500

